





Projeto **DE VILA A VILA**



prefácio

POR ANTONIA WALLIG

O *De Vila a Vila* é resultado de um processo de colaboração que envolve a comunidade do Vila Flores e da Vila Santa Teresinha. Com início em 2016, o projeto nasceu de conversas e articulações para pensar a melhoria da qualidade de vida no território do 4º Distrito de Porto Alegre por meio de projetos culturais, artísticos e educativos de bases comunitária e colaborativa, com foco na formação de adultos, jovens e crianças para um futuro de autonomias social e econômica.

As ações hoje fazem parte de um programa que tem se expandido para mais comunidades da região. Além da relação com o Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini, localizado no Loteamento Santa Teresinha, as articulações também ocorrem junto às entidades Ksa Rosa – Centro de Educação Popular e Resistência Cultural, ONG Mulher em Construção, Associação da Integração Social (AINTESO), Assentamento e Cooperativa 20 de Novembro, Igualdade RS – Associação de Travestis e Transexuais, Instituto Misturaí, Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal e com os serviços de atendimento e fortalecimento de vínculo dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS AD) e Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro POP.

Este livro é uma compilação dos relatos que contam um pouco dessa história e ecoam as vozes deste território. É, também, o retrato de muitas mãos que, juntas, estão costurando, modelando, plantando, construindo, reciclando e regenerando os caminhos para que possamos chegar nesse lugar mais coletivo e de bem-viver para todas e todos. Uma utopia possível, que não podemos deixar nunca de projetar.

O projeto De Vila a Vila tem uma trajetória de muitas parcerias neste tempo de caminhada. No último período de 2021, o apoio do Goethe-Institut, através do International Relief Fund, proporcionou não só a continuidade do programa de formação, mas também possibilitou colocarmos esse registro no mundo, no livro que agora está em suas mãos.



preface

The De Vila a Vila project is the result of the relationship between Vila Flores' community and Vila Santa Teresinha. Starting in 2016, the project was formed via conversations and articulations to improve Porto Alegre's 4th district territory living standards through cultural, artistic and educational projects with a communal and collaborative basis, focusing on training adults, teenagers and children for a future of social and economic autonomy.

The actions are now part of a program that has expanded to more communities in the region. In addition to the relationship with the Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center, located in the Santa Teresinha Allotment, articulations also take place with the following entities: Ksa Rosa—Center for Popular Education and Cultural Resistance, NGO Mulher em Construção, Association for Social Integration—AINTESO, 20 de Novembro Settlement and Cooperative, Igualdade RS—Transsexuals and Transvestites Association, Misturaí Institute, Reference House for Women —Mulheres Mirabal,

and with the care and bond-strengthening services from the Psychosocial Care Center—CAPS AD and the Specialized Reference Centers for the Homeless Population—POP Center.

This book is a compilation of narratives that tell a little of this story and echo the voices of this territory. It is also a representation of many hands, which together are sewing, shaping, planting, building, recycling and regenerating many paths, so that we can reach a place that's more collective and joyful for everyone. A possible utopia, which we can never stop idealizing.

The De Vila a Vila journey is made of various partnerships. In the last period of 2021, the support of the Goethe-Institut through the International Relief Fund not only enabled the continuity of the training program, but also made it possible for us to leave a written mark on the world, that is, the book that is now in your hands.



sumário

- 13 Vila Flores
- 19 4º Distrito, território do *fazer*
- 25 *De Vila a Vila*
- 35 Goethe-Institut e Vila Flores:
uma parceria institucional potente

- 42 Vozes do território
- 45 Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini
- 51 Assentamento e Cooperativa 20 de Novembro
- 58 Ksa Rosa
- 63 ONG Mulher em Construção
- 67 ONG Igualdade RS
- 72 Priscila Fróes
- 77 Xadalu
- 82 Vileiros

- 95 Território de *fazeres*
- 97 Costura
- 103 Cerâmica
- 113 Graffiti
- 125 Hortas comunitárias
- 131 Saboaria artesanal natural
- 136 Canteiro Vivo
- 146 Skate na Vila
- 155 Semente do Plástico

- 165 O começo de um sonho coletivo
- 167 Ficha técnica
- 168 Agradecimentos



Vila Flores

POR ALINE BUENO & MÁRCIA BRAGA

O desejo de construção de uma relação direta com a comunidade está na gênese do projeto do Vila Flores. Do seu início, em 2012, até aqui, há uma longa caminhada na direção de uma construção coletiva, com o olhar para as relações entre as pessoas e para a preservação e a valorização dos patrimônios material e imaterial deste território tão complexo onde se insere e para além dele.

O Vila Flores é formado por um complexo arquitetônico de valores histórico e cultural, localizado na Rua São Carlos, esquina com a Rua Hoffmann, no bairro Floresta, em Porto Alegre (RS). Projetado em 1928 pelo engenheiro-arquiteto Joseph Franz Seraph Lutzenberger (Altötting, Alemanha, 1882-1951), o conjunto é constituído de dois prédios de três pavimentos, um galpão e um pátio interno.

Os mais de 2.300m² construídos estavam destinados à moradia, contemplando também espaços de convívio. Como muitas construções do bairro, tais espaços atendiam, principalmente, a funcionários das fábricas locais, já que, à época (entre 1920 e 1970), a região era uma importante zona industrial e comercial da cidade. Com o tempo, as indústrias foram fechando ou se deslocando para regiões mais afastadas do centro da cidade. Assim, muitos imóveis residenciais e comerciais foram perdendo suas funções originais, em um longo e complexo processo que envolve

situações de degradação, abandono e especulação imobiliária. No próximo texto, o arquiteto João Felipe Wallig se aprofunda nas origens da região e contextualiza esse processo.

Foi em um estado de semiabandono e decadência estrutural que os proprietários encontraram, em 2009, os então chamados “predinhos do Lutz”. Entender esta arquitetura, a composição e a configuração dos edifícios, assim como seu valor para a memória da cidade foi fundamental para que se pensasse, e sonhasse, um projeto de revitalização deste lugar que resgatasse, de alguma forma, esta vida em “comum-unidade”. E que o desejo de preservar o patrimônio histórico arquitetônico pudesse estar associado a projetos que valorizassem a arte, a cultura e a educação.

Com a intenção de que o projeto do Vila Flores fosse uma construção coletiva e colaborativa, vizinhos, artistas, arquitetos, engenheiros e comerciantes locais foram convidados a conhecer o espaço, discutir e propor ações de interesse comum.

2012 – O PENSAR COLETIVO

No final de 2012 foi realizado o primeiro evento: uma semana intensa de criação coletiva e visitas da comunidade. A partir desse momento, passou a se desenhar, de fato, o projeto de um centro de cultura, educação e empreendedorismo social e criativo. Desde lá, os pequenos prédios de Lutzenberger passaram a se chamar Vila Flores, em homenagem à historiadora e museóloga Maria Luiza Flores.

2013 – SIMULTANEIDADE

Durante todo o ano de 2013, seguiram-se as visitas ao espaço e o planejamento do primeiro Simultaneidade, ocupação cultural que reuniu iniciativas criativas de Porto Alegre, São Paulo e Florianópolis. Em dois dias de encontros, 60 artistas e colaboradores expuseram trabalhos e fizeram intervenções no edifício, compondo e oferecendo uma programação diversa de atividades para a comunidade, que envolveram também oficinas, espetáculos de música, teatro e projeção de filmes. A partir desse evento, mais pessoas passaram a conhecer o Vila Flores, fazendo com que artistas e empreendedores criativos manifestassem interesse pelo espaço, tanto como sede para suas atividades quanto pelo seu valor para a cidade. Porto Alegre abraçou o Vila Flores e o Vila Flores abraçou a cidade.

2014-2021 – DE LÁ PARA CÁ

No segundo semestre de 2014, depois de adequados e revitalizados alguns espaços, 20 iniciativas de diferentes áreas passaram a integrar o Vila Flores, trazendo vida, novas cores e novas ideias. Esta transdisciplinaridade, somada às trocas diárias proporcionadas pelo espaço, repercutiu também nas formas de trabalhar. Neste sentido, os projetos desenvolvidos foram sendo caracterizados pela troca de saberes e o compartilhamento de fazeres, o que vem enriquecendo e potencializando todos os processos realizados desde então. Com o tempo e com o estreitamento dos vínculos, as pessoas que fazem parte das iniciativas começaram a ser

chamadas de vileiras e vileiros, construindo, assim, uma comunidade afetiva a partir das relações entre elas. Hoje, são mais de 40 iniciativas cocriando diariamente o Vila Flores.

Também em 2014 foi fundada a Associação Cultural Vila Flores, uma organização sem fins lucrativos que deu impulso às ideias iniciais que envolviam o desejo de realizar um trabalho coletivo que reverberasse no território, mas, mais do que isso, que envolvesse a comunidade do entorno do Vila Flores. Tendo como base quatro eixos direcionadores – arte e cultura, educação, empreendedorismo social e criativo, e arquitetura e urbanismo –, a ACVF foi desenvolvendo uma programação cultural variada que oferece oficinas, exposições, residências artísticas, shows, feiras, rodas de conversa, espaços de debate, entre outras atividades envolvendo diversas áreas do conhecimento. Além disso, a ACVF vem firmando parcerias com instituições e agentes locais a fim de receber, participar, apoiar ou realizar eventos, projetos e processos que tenham como objetivo aproximar os diferentes grupos para discutir questões de interesse comum, promover a troca de saberes e fortalecer uma rede de apoio e trabalho.

Dentre os projetos realizados podemos citar o Vila Flores – Uma Experiência Aberta, uma série de atividades culturais transdisciplinares envolvendo música, artes cênicas, artes visuais e audiovisual; o webdocumentário Território e Memória, um registro histórico em quatro episódios do Vila Flores enquanto patrimônio material e imaterial; o Arraial do Vila Flores, evento que até antes da pandemia de Covid-19 reunia milhares de pessoas no pátio para celebrar uma festa junina e, claro, o mais recente

momento do Projeto De Vila a Vila, que estamos trazendo com todos os detalhes neste livro-catálogo.

A grande riqueza do Vila Flores está justamente no fato de proporcionar essas interações com quem está ali dentro, na rua, na cidade, mas também com quem está em territórios mais distantes, porém, conectado de alguma maneira. Cada contato, cada troca e cada aprendizado contribuem para que o projeto se fortaleça e permaneça no tempo e no espaço.

Vila Flores

The desire to build a direct relationship with the community is at the genesis of the Vila Flores project. From its beginning, in 2012, until now, there has been a long journey towards collective construction, with a stance towards personal relationships and the preservation and improvement of the material and immaterial heritage of this complex territory where we operate and, also, of its surroundings.

Vila Flores is formed by an architectural complex of historical and cultural value, located on Rua São Carlos, on the corner of Rua Hoffmann, in the Floresta neighborhood, in Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Designed in 1928 by architect-engineer Joseph Franz Seraph Lutzenberger (Altötting/Germany, 1882-1951), the complex consists of two three-story buildings, a shed and an internal courtyard.

The more than 2,300 m² built were intended for housing, also including socializing spaces. Like many buildings in the neighborhood, these spaces mainly served employees of local factories, since, at that time (between 1920 and 1970) the region was an important industrial and commercial area within the city. Over time, factories closed or moved to other areas away from the city center. Thus, many residential and commercial properties have lost their original functions, in a long and complex process that involves situations of degradation, abandonment and real estate speculation. In the next text, architect João Felipe Wallig goes deeper into the origins of the area and contextualizes this process.

It was in a state of semi-abandonment and structural decay that the owners found, in 2009, the so-called "Lutz's little buildings". Understanding this architecture, the composition and configuration of the buildings, as well as their value for our city's memories, was fundamental for thinking - and dreaming - of a project to revitalize this place that could somehow relive that communal lifestyle. This desire to preserve the architectural heritage would also have to be associated with projects that valued art, culture and education.

Meaning for the Vila Flores project to be a collective and collaborative construction, neighbors, artists, architects, engineers and local merchants were invited to visit the space, discuss and propose actions of common interest.

2012 - COLLECTIVE THINKING

At the end of 2012, the first event took place: an intense week of collective creation and community visits. From that moment on, we started to design, for real, the project for a center that revolves around culture, education and social, creative entrepreneurship. Since then, Lutzenberger's buildings have been renamed Vila Flores, in honor of historian and museologist Maria Luiza Flores.

2013 - SIMULTANEITY

Throughout 2013, the visits to the space and the planning of the first Simultaneidade followed, a cultural occupation that brought together

creative initiatives from Porto Alegre, São Paulo and Florianópolis. In two days of meetings, 60 artists and collaborators exhibited works and made interventions in the building, creating and offering a diverse program of activities for the community, which also involved workshops, music performances, plays and movie projections. As a result of this event, more people got to know Vila Flores. Artists and creative entrepreneurs showed interest in the space, both as a venue for their activities and for its value to the city. Porto Alegre embraced Vila Flores and Vila Flores embraced the city.

2014 - 2021 - SINCE THEN

In the second half of 2014, after the adaptation and revitalization of some spaces, 20 initiatives from different areas became part of Vila Flores, bringing life, new colors and ideas. This transdisciplinarity, added to the daily sharing provided by the space, also had repercussions on everyone's working ways. In this sense, the projects developed were characterized by the sharing of knowledge and actions, which has been enriching and enhancing all the processes carried out since then. Over time, and with the strengthening of bonds, the people who are part of the initiatives began to be called "vileiros" (villagers), thus building an affective community based on the relationships between them. Today, there are more than 40 initiatives co-creating Vila Flores daily.

Also in 2014 the Vila Flores Cultural Association was founded, a non-profit organization. This jumpstarted our initial ideas, that involved the desire to carry out collective work that reverberated in the

territory, but, more than that, work that engaged the community around Vila Flores. Based on four guiding axes—art and culture, education, social and creative entrepreneurship, and architecture and urbanism—the Association has been developing a varied cultural schedule that offers workshops, exhibitions, artistic residencies, concerts, fairs, conversation circles, and spaces for debate, among other activities involving different fields of knowledge. In addition, the Association has been establishing partnerships with institutions and local agents in order to host, join, support or carry out events, projects and processes that aim to bring different groups together to discuss issues of common interest, promote the sharing of knowledge and strengthen networks.

Among the projects carried out, we can mention Vila Flores - An Open Experience, a series of transdisciplinary cultural activities involving music, performing arts, visual and audiovisual arts; the webdocumentary Território e Memória, a historical record in four episodes of Vila Flores as a material and immaterial heritage; the Arraial do Vila Flores, an event that before the Covid-19 pandemic gathered thousands of people in the courtyard to celebrate and, of course, the most recent moment of the De Vila a Vila Project that we are telling in full detail in this book-catalog.

Vila Flores' richness lies precisely in the fact that it provides these interactions with those inside of it or on the street, in the neighborhood, in the city, but also with those in more distant territories, but connected in some way. Every contact, every exchange and every moment of learning enables the project to continue growing and enduring in time and space.



4º Distrito, território do fazer

POR JOÃO FELIPE WALLIG

O 4º Distrito de Porto Alegre é caracterizado como a antiga zona industrial e portuária da cidade, conhecida assim devido à divisão do município em distritos, reunindo os bairros Floresta, São Geraldo, Humaitá, Navegantes e Farrapos. Essa região passou por grandes transformações no século XIX, indo de uma área de várzea com chácaras e ranchos de canoa para um dos mais importantes polos industriais do Sul do Brasil até a metade do século XX. Favorecida pela sua posição geográfica às margens do delta do rio Jacuí, localizada na entrada norte da capital, tem conexão fluvial com o lago Guaíba até a saída para o mar pelo porto da cidade de Rio Grande, possibilitando, assim, a facilidade de escoamento da produção gerada e dos produtos e insumos vindos de outras cidades e vilas do interior do estado e da serra gaúcha.

Nesse período áureo da industrialização gaúcha, enquanto se instalavam os armazéns, silos e fábricas com produções diversas, a região se consolidou como um centro econômico de grande importância para o estado do Rio Grande do Sul. Junto às instalações portuárias e industriais, a vida de cidade tomou conta dos bairros com casas e conjuntos habitacionais, templos religiosos, praças, clubes, comércios, bares e restaurantes. Essas atividades também atraíram um grande contingente de imigrantes vindos de outras partes do estado, do país e do exterior, principalmente de países europeus, configurando, assim, uma grande diversidade social, econômica e cultural própria do 4º Distrito de Porto Alegre.

Com o crescimento da cidade somado a uma conjunção de fatores ambientais e políticos, ocorreu uma mudança de diversas fábricas que

sustentavam o trabalho de muitas pessoas para regiões mais afastadas e para outros municípios do estado, afetando consideravelmente a dinâmica econômica do 4º Distrito a partir da segunda metade do século XIX, deixando para trás um grande acervo de construções marcantes na paisagem e o legado de uma revolução tecnológica ainda presente nos modos de fazer e viver neste território. Dessa forma, nas décadas que seguiram, Porto Alegre presenciou a decadência de uma de suas regiões mais produtivas, causando sua estigmatização como um local abandonado, inseguro e marginalizado.

A partir da década de 1990, as sequenciais administrações municipais passaram a desenvolver planos urbanos para realizar uma reestruturação produtiva do 4º Distrito. Ideias ambiciosas foram sendo colocadas no papel para atrair investimentos nacionais, internacionais e da iniciativa privada, com a intenção de despertar o interesse do setor imobiliário e da população de modo a elevar a região a um lugar de destaque novamente. São projetos que, na maioria das vezes, miram em tendências externas, alheias à complexidade dos fatores sociais presentes neste território. O que se observa hoje é um espaço em disputa com um conjunto de conflitos e potencialidades pouco exploradas em planos descontínuos para “revitalizar” uma região com pessoas e processos próprios.

Conforme apontam os numerosos estudos acadêmicos sobre a região, há uma população sendo desconsiderada por tais planos urbanos, formada por moradores e trabalhadores atuais, bem como grupos vulnerabilizados que são representados por movimentos sociais, em detrimento

da fluência do capital especulativo e imobiliário. Portanto, assim como recomenda a carta sobre o patrimônio industrial de Nizhny Tagil, da UNESCO, é preciso incluir a proteção dos modos de produção e de vida que ocorreram e ainda sustentam os sítios industriais a serem protegidos, sendo estes os locais onde se desenvolveram atividades sociais, tais como habitações, locais de culto, de lazer ou de educação.

Diversos agentes sociais compõem esse debate, sendo as universidades, enquanto produtoras de conhecimento, e principalmente as associações, entidades de classe e os movimentos sociais como agentes ativos e atentos às questões intrínsecas do território, os principais protagonistas para a colocação do 4º Distrito ao lugar de destaque que lhe é merecido.

O 4º Distrito de Porto Alegre é um território do fazer, pois, enquanto região pós-industrial, carrega como herança conhecimentos de ofício de sua formação, materializados em seus galpões e fábricas, onde é possível observar nas ruas as remanescentes oficinas e habitações operárias, e, nas pessoas, os modos de viver e produzir. Portanto, o 4º Distrito merece um cuidado especial, a fim de que se possa restaurar não só as edificações, mas principalmente as relações e os conhecimentos, recuperando a vocação adormecida de um território que foi um dos polos produtivos mais importantes do país e as dinâmicas sociais da diversidade que esse local apresenta.

4th District, territory of doing

Porto Alegre's 4th District is characterized as the city's former industrial and port area, known as such due to the city's division into districts, bringing together the Floresta, São Geraldo, Humaitá, Navegantes and Farrapos neighborhoods. This region underwent major transformations in the 19th century, from a floodplain area with small farms and canoe ranches to one of the most important industrial centers in southern Brazil, until the second half of the 20th century. Favored by its geographical position on the banks of the Jacuí River delta, located at the capital's north entrance, the district has a fluvial connection with Lake Guaíba until its exit to the sea in Rio Grande's harbor, thus enabling an easy flow of the goods generated there and of the products and inputs from other cities in the state's countryside and in the Serra Gaúcha region.

In this golden period of industrialization in Rio Grande do Sul, while warehouses, silos and factories with different manufacturing were installed, the region was consolidated as an economic center of great importance for the state. Along with port

and industrial facilities, city life took over the neighborhoods with houses and housing complexes, religious temples, squares, clubs, shops, bars and restaurants. These activities also attracted a large contingent of immigrants from other parts of the state, the country and also from abroad, mainly from European countries, thus configuring a great social, economic and cultural diversity which is characteristic of Porto Alegre's 4th District.

With the development of the city, plus a conjunction of environmental and political factors, a change happened in several facilities that provided work for many people in remote regions and in other cities, considerably affecting the economic dynamics of the 4th District during the second half of the 19th century, leaving behind a large collection of outstanding constructions in the landscape, but also the legacy of a technological revolution that's still present in the ways people work and live there. Thus, in the decades that followed, Porto Alegre witnessed the decay of one of its most productive areas, now stigmatized as an abandoned, unsafe and marginalized place.

From the 1990s onwards, municipal administrations began to develop urban plans to carry out a productive restructuring of the 4th District. Ambitious ideas were developed to attract national, international and private sector investments, with the intention of sparking the interest of the real estate sector and of the general population, so that the region could be a prominent place again. But these were projects that, most of the time, were aimed at external trends, trends not related to the complexity of the social factors present in this territory. Today, we see a disputed space,

with a set of problems and potentials that are poorly explored in discontinuous plans to "revitalize" a region that has its own people and processes.

As shown by numerous academic studies on the region, there is a population being disregarded by these urban plans, made up of current residents, workers and also vulnerable groups represented by social movements, to the detriment of speculative and real estate capital flow. Therefore, as the UNESCO Charter on Industrial Heritage by Nizhny Tagil recommends, it is necessary to include the protection of modes of production and life that were there and still sustain these formerly industrial sites, namely the sites where social activities were developed, such as homes and places of worship, leisure or education.

Several social agents make up this debate, with universities as knowledge producers, and especially associations, class entities and social movements as agents that are acting and attentive to the territory's intrinsic issues - the main protagonists for placing the 4th District in the prominent place it deserves.

Porto Alegre's 4th District is a territory of Doing, since, as a post-industrial region, it carries, as a legacy, the knowledge of the trade that built it materialized in its sheds and factories, where it is possible to observe, in the streets, the remaining workshops and workers' dwellings and, in its people, their ways of living and producing. Therefore, the 4th District deserves special attention - we don't want to restore only the buildings, but especially relationships and knowledge, recovering the dormant vocation of a territory that was once one of the most important manufacturing hubs in the country and the social dynamics of the diversity it contains.



CRIAR LAÇOS PARA COMPREENDER AS REALIDADES

Para ser acessível e democrático, um espaço cultural não pode estar alheio aos contextos social, econômico e cultural do território onde está inserido. O texto anterior destaca, na introdução, as relações entre as pessoas e com o território como um dos eixos direcionadores das ações pensadas e realizadas no Vila Flores. Neste sentido, todas elas envolvem, em maior ou menor escala, processos de compartilhamentos e trocas que possibilitam que diferentes grupos interajam e criem laços entre si, potencializando o espaço onde estão ao mesmo tempo em que fortalecem as relações entre as comunidades que compõem este território. De uma vila a outra.

Para que isso aconteça, é preciso tempo. As relações não se dão instantaneamente; para que haja laços, é preciso conhecer as pessoas e as experiências que as constituem, aprender a ouvir e a enxergar o que não está dito e nem pode ser visto ao primeiro olhar. É preciso se deixar afetar pelos saberes, fazeres e percepções que se constroem pelo tempo vivido por cada pessoa que é parte de uma coletividade.

O projeto De Vila a Vila teve origem nos encontros da Rede de Sustentabilidade e Cidadania da Vila Santa Teresinha e seu entorno¹, promovidos por uma rede de instituições e entidades que atuam em programas de educação, assistência social e saúde, atendendo à população mais vulnerabilida-

De Vila a Vila: um breve histórico

POR ANTONIA WALLIG

¹ Conhecida como Vila dos Papeleiros, pelo fato de a atividade econômica principal da comunidade ser a coleta de resíduos para reciclagem.

zada do território do 4º Distrito. Foi em 2016, que, representando o Vila Flores, começamos a participar destes encontros, que aconteciam e ainda acontecem no Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini, e reúnem moradoras e moradores, Organizações da Sociedade Civil e representantes das secretarias municipais para pensar ações pontuais e políticas públicas que possam, a curto e a longo prazo, melhorar a qualidade de vida das pessoas da região.

A partir desses encontros, pudemos conhecer mais a fundo as diferentes realidades que se entrelaçam, tecendo a complexidade e a desigualdade social que é característica desta e de muitas outras regiões da cidade e, infelizmente, de todo o país.

REDES DE SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA

A ideia e o nome do projeto De Vila a Vila surgiu em conversas entre a equipe da Associação Cultural Vila Flores e do Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini junto das moradoras e moradores da comunidade da Vila Santa Teresinha, com o objetivo de criar pontes e, em um sentido mais amplo, promover a integração cultural entre a população e os projetos existentes na Santa Teresinha e os artistas e empreendedores no Vila Flores.

As primeiras atividades do projeto De Vila a Vila aconteceram em parceria com o Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini (que atende a crianças de 6 a 14 anos com atividades esportivas, culturais e educativas no contraturno escolar) e com a creche-escola de Educação Infantil Menino Jesus (que atende a crianças de 0 a 6 anos).

Em dezembro de 2016, foi realizada a primeira oficina de Muralismo e Graffiti, no muro da creche, com a condução do artista Kelvin Koubik. A integração pela música e pela dança aconteceu através de uma oficina de danças afro-brasileiras com a professora Aldelice Braga para as alunas e alunos que integram a Banda Ecos, o grupo de música e percussão dos jovens e crianças da comunidade, que passou também a tocar em eventos culturais realizados no Vila Flores. Em abril de 2018, aconteceu a abertura oficial da pista de *skate* da Santa Teresinha, que deu início ao projeto Skate na Vila, um programa educativo permanente que tem esse esporte como base para o desenvolvimento socioemocional das crianças e jovens. Em 2019, o programa Vila Flores – Uma Experiência Aberta, realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura, da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, teve as suas atividades educativas voltadas exclusivamente para crianças e jovens do Loteamento Santa Teresinha, com oficinas de Cerâmica e Acessibilidade com Juliana Napp e OVNI Acessibilidade Universal; Graffiti com Kelvin Koubik e Jackson Brum; Arte e Sustentabilidade com Antonia Wallig; e Teatro de Sombras com a Cia. Lumbra.

Essas experiências ganharam corpo e a ponte De Vila a Vila foi sendo construída por meio da interação entre diferentes gerações, nas caminhadas pelo bairro de uma Vila a outra, no compartilhamento de conhecimentos entre educadoras, educadores e artistas e nas relações multiculturais que foram ocorrendo no tempo vivido.

Os encontros da rede de Sustentabilidade e Cidadania da Vila Santa Teresinha seguiram acon-

tecendo e ampliando cada vez mais o seu alcance. Os laços entre as pessoas e agentes do território se estreitaram, no entendimento de que somente a troca e a construção em rede fortalecem a luta por uma sociedade mais justa, igualitária, diversa e que respeite os direitos de todas e todos. É a partir dos encontros que as necessidades específicas de cada comunidade vêm à tona, e a partir da articulação da rede que as soluções e oportunidades surgem.

AMPLIFICAR OPORTUNIDADES E FORTALECER AS COMUNIDADES

Experimentamos na prática que arte, cultura, esporte e educação são instrumentos de união, capazes de restabelecer a dignidade humana tanto no sentido individual como no coletivo, e que, além do desenvolvimento das sensibilidades, essas atividades criam oportunidades de geração de renda e de sustentabilidade econômica e social.

Em 2020, com a chegada da pandemia de Covid-19, as situações de vulnerabilidade se agravaram muito e, apesar da necessidade de distanciamento social, as redes de apoio se fortaleceram ainda mais para tentar garantir a sobrevivência da população do território nesse período de extrema gravidade. A lei Aldir Blanc de auxílio emergencial para o setor da Cultura nos permitiu, através dos esforços da Secretaria de Cultura do Estado, ampliar e potencializar o projeto De Vila a Vila no primeiro semestre de 2021. O suporte de financiamentos socioculturais como o Fundo Social Sicredi e fundos internacionais como o Fundo Novas Conexões Culturais, do Consulado da Holanda no Brasil,

e o International Relief Fund, do Goethe-Institut, da Alemanha, também foram essenciais para dar continuidade ao projeto e fortalecer experiências e resultados ao longo desse ano tão desafiador.

Assim, o De Vila a Vila tornou-se um programa no qual diversos projetos de diferentes áreas do conhecimento passaram a criar interlocuções entre processos criativos, desenvolvimento humano, melhoria da qualidade de vida no meio urbano, sustentabilidade socioeconômica e autonomia das comunidades vulnerabilizadas.

Foram inseridas no programa oficinas de formação e de geração de renda para adultos, com foco em cerâmica, costura, restauro de edificações históricas, artes urbanas, saboaria e cosmetologia natural e produção de alimentos e cultivo de plantas medicinais em hortas comunitárias. Para as crianças e jovens, o projeto Skate na Vila seguiu atuante e o projeto Semente do Plástico teve início em agosto de 2021, com a proposta de ressignificar o plástico como matéria-prima através da construção de máquinas caseiras de reciclagem utilizando a metodologia Precious Plastic, que possibilita que produtos autorais sejam feitos a partir da modelagem do plástico.

Todos esses projetos e oficinas que hoje são parte do programa De Vila a Vila são apresentados no capítulo *Território de Fazeres* através dos relatos das educadoras, educadores, artistas e participantes de cada atividade.

A articulação com agentes atuantes no território, como Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini, Ksa Rosa, ONG Mulher em Construção, AINTESO, Cooperativa 20 de Novembro, Igualdade RS, Mulheres Mirabal, CAPS AD, Centro POP,

Fundação Fé e Alegria e até com instituições atuantes em outras regiões da cidade, como o Instituto Misturaí, se tornaram a base para garantir a dimensão democrática e cidadã do acesso às propostas do programa De Vila a Vila. Esses parceiros trabalham diretamente com comunidades de mulheres, catadoras e catadores, imigrantes, travestis e transexuais, crianças e jovens de periferia e população em situação de rua, e, por isso, conseguem reconhecer as demandas específicas de cada comunidade. Alguns desses agentes estão presentes no capítulo Vozes do Território, contando sobre a sua trajetória e sobre a experiência deste trabalho em rede.

Os primeiros passos foram dados. Seguiremos fortalecendo e tecendo esse caminho como base para um território criativo, inclusivo, diverso, que garanta direitos básicos e promova oportunidades para todas e todos.

A pista de skate da Vila Santa Teresinha foi construída ao lado do Centro Esportivo-Cultural Transformação. Ambos são importantes espaços de convívio e integração comunitária, que ficam junto ao Centro Social Marista Ir. Antônio Bortolini.



De Vila a Vila: a brief history

CREATING BONDS TO UNDERSTAND REALITIES

A cultural space, in order to be accessible and democratic, cannot be detached from the social, economic and cultural context of the territory in which it is located. The previous text highlights, in its introduction, the relationships between people and the territory as one of the guiding axes of the actions designed and carried out in Vila Flores. In this sense, all of them involve, to a greater or lesser extent, sharing processes that allow different groups to interact and create bonds among themselves, enhancing the space where they are while strengthening the relationships between the communities that make up this territory. From one "vila" to another.

For that to happen, we need time. Relationships do not happen instantly. For a bond to happen, it is necessary to know people and the experiences that constitute them, learn to listen and see what is not said and cannot be seen at first glance. It is necessary to let yourself be affected by the knowledge, actions and perceptions that are built throughout the lives of each person who is part of a collectivity.

The De Vila a Vila project originated in the

meetings of the Sustainability and Citizenship Network of Vila Santa Teresinha and its surroundings¹, promoted by a network of institutions and entities that work in education, social assistance, and health programs, attending the most vulnerable population in the 4th District's territory. It was in 2016 that, representing Vila Flores, we started to participate in these meetings, which took and still take place at the Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center, bringing together local residents, Civil Society Organizations and town hall officers to think about specific actions and policies that can, in the short and long term, improve the local population's living standards.

From these meetings, we were able to get to know more deeply the different realities that intertwine in this territory, weaving the complexities and the social inequality that characterizes this and many other regions of the city and, unfortunately, of the entire country.

SUSTAINABILITY AND CITIZENSHIP NETWORKS

The idea and the name of the De Vila a Vila ("From Village to Village") project emerged in conversations between the Vila Flores Cultural Association and the Irmão Antônio Bortolini Center teams, together with the Vila Santa Teresinha community, with the aim

¹ Known as Vila dos Papeleiros (Waste collectors' village), due to the community's main economic activity, the collection of waste for recycling.

of building bridges and, in a broader sense, of promoting cultural integration between Santa Teresinha's population, existing projects and the artists and entrepreneurs in Vila Flores.

De Vila a Vila first activities took place in partnership with the Irmão Antônio Bortolini Center (which helps children aged 6 to 14 with sporting, cultural, and educational activities after school hours) and with the Nursery-Middle School Menino Jesus (which serves children from 0 to 6 years old).

In December 2016, the first Mural Painting and Graffiti workshop was held, using the school wall, led by artist Kelvin Koubik. An integration through music and dance took place with an Afro-Brazilian dance workshop, carried by teacher Aldelice Braga, for the students who participated in the Banda Ecos, the community youth's music and percussion group, which later started performing at cultural events held at Vila Flores. In April 2018, the official opening of the Santa Teresinha skate park took place, which started the Skate na Vila project, a permanent educational program that has skateboarding as its basis for the social-emotional development of children and teenagers. In 2019, the Vila Flores - An Open Experience program, carried out with resources from the Support Fund for Culture of the state's Department of Culture had its educational activities focused exclusively on children and teenagers from the Santa Teresinha neighborhood, with the following workshops: Ceramics and Accessibility, with Juliana Napp and OVNI Acessibilidade Universal; Graffiti, with Kelvin Koubik and Jackson Brum; Art and Sustainability, with Antonia Wallig; and Shadow Play, with Cia Lumbra.

These experiences took shape and the bridge from village to village was built, in the interaction between different generations, in walks through the neighborhood from one Vila to another, in the sharing of knowledge between educators and artists, and in the multicultural relations that took place in the time spent there.

The meetings of the Sustainability and Citizenship Network of Vila Santa Teresinha continued to take place and increasingly expand their reach. The ties between people and agents in the territory were strengthened, in the understanding that only communal building and sharing empowers the struggle for a fairer, more egalitarian and diverse society that respects everyone's rights. The specific needs of each community emerge from these encounters, and in the network's articulation, solutions and opportunities spring up.

EXPANDING OPPORTUNITIES AND STRENGTHENING COMMUNITIES

We experienced, in effect, that art, culture, sports, and education are instruments of connection, capable of re-establishing human dignity in both an individual and collective sense, and that, in addition to developing sensibilities, these activities also create opportunities for income generation and economic and social sustainability.

In 2020, with the arrival of the Covid-19 pandemic, cases of social vulnerability got much worse. Despite the need for social distance, support networks became even stronger in order to

guarantee the survival of the local population in this extremely serious period. The Aldir Blanc law of emergency aid for the Culture sector allowed us, through the efforts of the Department of Culture, to expand and enhance the De Vila a Vila project in the first half of 2021. Sociocultural financing, such as the Sicredi Social Fund, and international funds such as New Cultural Connections Fund from the Netherlands Consulate-General in Brazil, and the International Relief Fund, from the Goethe-Institut in Germany, were also essential to carry out and boost experiences and results throughout this very challenging year.

Thus, De Vila a Vila became a program in which several projects from different fields of knowledge kickstarted dialogues between creative processes, human development, improvement of living standards in urban areas, socioeconomic sustainability and the autonomy of vulnerable communities.

Training and income generation workshops for adults were included in the program, focusing on ceramics, sewing, restoration of historic buildings, urban arts, soapmaking, natural cosmetology, food production and cultivation of medicinal plants in community gardens. For children and teenagers, the Skate na Vila project continued its activities and the Semente do Plástico project began in August 2021, with the intent of reframing plastic as a raw material through the construction of homemade recycling machines using the Precious Plastic methodology, which enables the construction of personal products from plastic modeling.

All these projects and workshops, which are now part of the De Vila a Vila program, are presented

in the Territory of Doing chapter through the comments of educators, artists and people who participated in each activity.

The articulation with agents working in the territory, such as the Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center, Ksa Rosa, NGO Mulher em Construção, AINTESO, 20 de Novembro Cooperative, Igualdade RS, Mulheres Mirabal, CAPS AD, Centro POP, Fé e Alegria Foundation, and even with institutions operating in other regions of the city, such as the Misturaí Institute became the basis for guaranteeing the democratic dimension of accessing the De Vila a Vila program's proposals. These partners work directly with communities of women, waste collectors, immigrants, transvestites and transsexuals, marginalized youths, and the homeless population. Therefore, they are able to recognize the specific demands of each community. Some of these agents are present in the Voices from the Territory chapter, writing about their trajectory and about the experience of this networking.

The first steps have been taken. We will continue to strengthen and weave this path, as the basis for a creative, inclusive, and diverse territory that guarantees basic rights and promotes opportunities for all.

No V Simultaneidade: Comunidades Possíveis (2021), realizamos uma roda de conversa sobre as relações colaborativas que estamos fortalecendo no território do 4º Distrito, refletindo sobre a potência dos processos coletivos diversos e plurais.





Goethe-Institut e Vila Flores: uma parceria institucional potente

POR STEPHAN HOFFMANN
& ISABEL WAQUIL

O 4º Distrito de Porto Alegre, incluindo o bairro Floresta, foi a primeira extensão da cidade ao longo da antiga estrada rural (hoje rua Voluntários da Pátria) até São Leopoldo. Depois de algumas primeiras construções e fazendas, mais e mais fábricas foram sendo construídas nessa região ao longo do Guaíba. Somando-se às fábricas, foram construídas edificações residenciais para os trabalhadores e suas famílias e, aos poucos, criou-se a infraestrutura de um pequeno município próximo a Porto Alegre. Hoje, várias dessas edificações ainda existem e estão sendo usadas para outros fins. O Vila Flores entra nesse escopo e, hoje, é um dos locais mais ativos do distrito, sendo um Centro Cultural no melhor sentido da expressão. A conexão inovadora com a cena artística atual cria constantemente novas ideias, redes e oportunidades de trabalho para artistas, pensadores criativos e desenvolvedores.

O Goethe-Institut trabalha ao redor do mundo com instituições e artistas que buscam novas formas de expressão e que acompanham o desenvolvimento de nossa sociedade em todos os continentes. Desde 2015, o Vila Flores é um importante parceiro do Goethe-Institut Porto Alegre, como mostra a breve seleção de projetos a seguir. Através dessa rica colaboração, projetos artísticos foram desenvolvidos neste intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha e foram capazes de promover reflexões importantes para os contextos nos quais se estabeleceram.

As cooperações institucionais iniciaram em 2015 com a realização do Seminário Internacional de Economia Alternativa: Compartilhar e Trocar, dividido em uma etapa no Goethe, com debate

entre professores da Alemanha, Brasil e Argentina sobre a situação econômica global, e em um segundo momento no Vila Flores, com representantes de organizações que trabalham com modelos de economia alternativa. O Seminário foi realizado com grande sucesso e, no ano seguinte, a Associação Cultural Vila Flores foi convidada a participar do Kultursymposium Weimar, na Alemanha.

Uma das parcerias mais frutíferas no sentido do intercâmbio cultural foi a residência artística do alemão Thomas Kilpper em julho de 2016. Durante um mês, o artista realizou diretamente no chão de madeira de um dos espaços do Vila Flores uma xilogravura de grande formato com diversas referências críticas ao contexto sociopolítico brasileiro. O trabalho leva o nome *Don't think about the crisis—fight!* e o projeto foi, desde o início, recebido de braços abertos pelo Vila Flores, além de ter contado com a colaboração de alunos do Instituto de Artes da UFRGS.

Em 2017, a cooperação entre as instituições se deu no campo da tecnologia e suas relações com a arte. Através do projeto Media Art Lab, o Goethe-Institut trouxe para Porto Alegre o artista Wolfgang Spahn e o Vila Flores acolheu de braços abertos a atividade proposta pelo artista: o workshop Paper Bits, no qual os participantes construíram um sintetizador analógico e transmitiram projeções de vídeo. A oficina aproximou ainda mais Goethe e Vila e contou também com a colaboração de outros parceiros, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o hackerspace Matehackers.

Em 2018, a parceira institucional se voltou novamente para o trabalho de Thomas Kilpper, desta vez com a exposição da obra *Don't think*

about the crisis – fight! na exposição “O Poder da Multiplicação” no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e, em 2019, no Baumwollspinnerei, em Leizpig, Alemanha. Assim, o projeto ultrapassou fronteiras e expandiu ainda mais os resultados dessa parceria.

Outros tipos de cooperações pontuais também foram estabelecidos ao longo dos anos, como o apoio com a hospedagem nas dependências do Instituto para artistas internacionais que participaram de residências artísticas no Vila Flores e visitas ao Vila a fim de apresentar a convidados alemães à comunidade criativa que se estabelece no local. Dessa forma, as instituições construíram, ao longo do tempo, uma relação de admiração mútua e de ricas parcerias. Ambas as organizações trabalham arduamente para que cultura e educação tenham papéis protagonistas na sociedade e sejam fatores de transformação social, por isso, criou-se uma evidente sintonia nessa relação institucional.

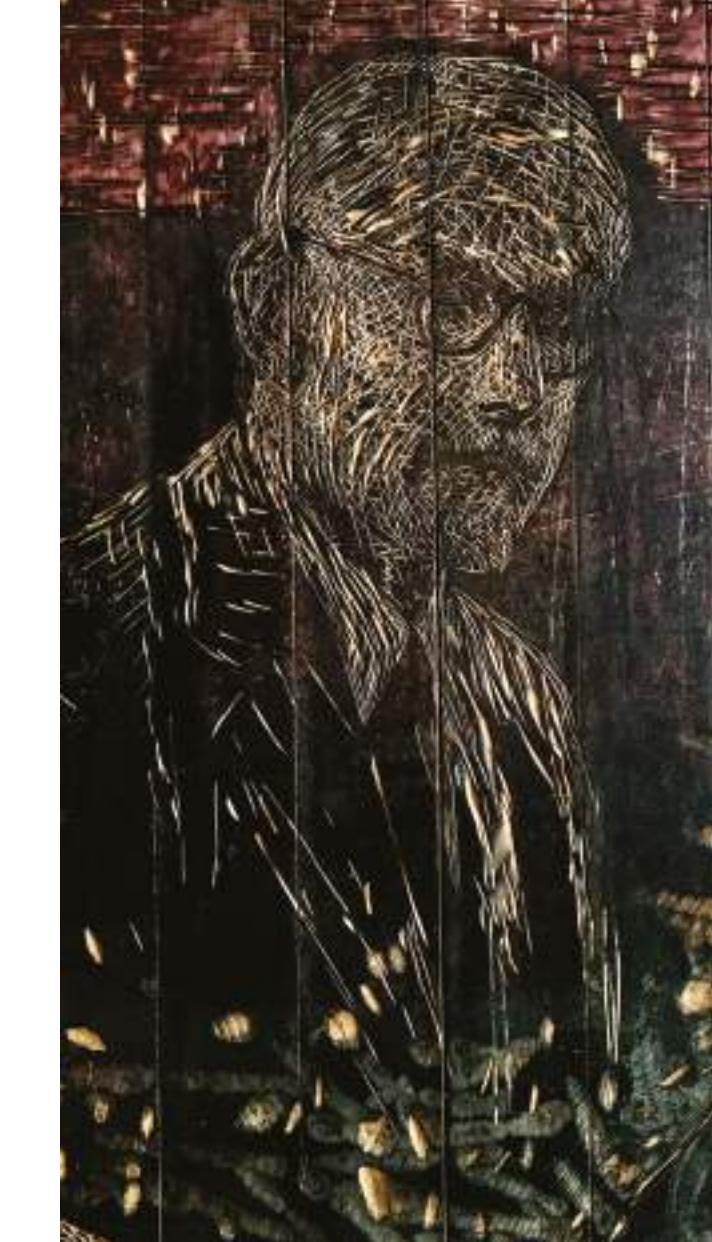
Com o início da pandemia, em 2020, todas as atividades no setor cultural foram seriamente afetadas e novas formas de articulação tiveram de ser encontradas para dar seguimento ao trabalho cultural. Nesse contexto, o Vila Flores vem desenvolvendo novas ideias e experimentando como elas podem ser implementadas. O Goethe-Institut Porto Alegre vem acompanhando com atenção esse percurso e, com grande satisfação, apoia as iniciativas do Vila Flores através do Fundo de Ajuda International para Organizações Culturais e Educacionais, promovido pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha e Goethe-Institut.

Estabelecido com o objetivo de ajudar emergencialmente organizações que estivessem em ris-

co em função da pandemia de Covid-19, o Fundo pareceu uma ferramenta importante e propícia para apoiar esse espaço essencial da cidade de Porto Alegre e parceiro de longa data do Instituto. O Fundo destina-se não apenas à sustentabilidade de emergência das organizações apoiadas, mas também à manutenção estrutural das redes que os Institutos ao redor do mundo vêm construindo ao longo dos anos. Assim, esperamos ter contribuído para o sucesso das iniciativas da organização durante a pandemia e que o Fundo tenha possibilitado novas perspectivas para o futuro e oportunidades de cooperação. Com isso em mente, pretende-se continuar essa parceria institucional e espera-se que novos projetos conjuntos possam contribuir para o maior desenvolvimento da sociedade civil tanto no âmbito local quanto no global. Uma das bases mais importantes para isso é a liberdade artística e o intercâmbio criativo, os quais queremos continuar promovendo juntos e em parceria.

Entre as diversas personalidades históricas retratadas por Thomas Kilpper na xilogravura entalhada no assoalho durante a residência artística, está o arquiteto alemão Joseph Lutzenberger, autor do projeto arquitetônico original do complexo Vila Flores, desenvolvido na década de 1920.

Obra: “*another world is necessary – or: don't think about the crisis – fight!*”. Thomas Kilpper, xilogravura no assoalho do Vila Flores, Porto Alegre, 2016.



Goethe-Institut and Vila Flores: a powerful institutional partnership

Porto Alegre's 4th district, including the Floresta neighborhood, was the first extension of the city along the old rural road (now Voluntários da Pátria Street) towards São Leopoldo. After some early buildings and farms, more and more factories were built in this region along the Guaíba river. In addition to the factories, residential buildings were built for workers and their families. Little by little, the infrastructure of a small city was created near Porto Alegre. Several of these buildings still exist and are currently being used for other purposes. Vila Flores falls within this scope—today it is one of the most active places in the district, being a Cultural Center in the best sense of the word. The innovative connection to today's art scene constantly creates new ideas, networks and work opportunities for artists, creative thinkers and developers.

The Goethe-Institut works around the world with institutions and artists who seek new forms of expression and who follow the development of our society on all continents. Since 2015, Vila Flores has been an important partner of the Goethe-Institut Porto Alegre, as shown in the brief selection of

projects below. Through this rich collaboration, artistic projects were developed in a cultural exchange between Brazil and Germany, promoting important considerations amidst the contexts in which they established themselves.

Institutional cooperation began in 2015 with the "International Seminar on Alternative Economics: Share and Exchange", divided into two phases, the first at Goethe, with a debate between professors from Germany, Brazil and Argentina on the global economic situation, and the second moment at Vila Flores, with social organization representatives that work with alternative economic models. The Seminar was held with great success, and, in the following year, the Vila Flores Cultural Association was invited to participate in the Kultursymposium Weimar, in Germany.

One of the most fruitful partnerships regarding cultural exchange was Thomas Kilpper's art residency in July 2016. For a month, the German artist made a large-format woodcut with several critical references to the Brazilian political and social context directly on the wooden floors of Vila Flores' rooms. The work is called "don't think about the crisis—fight!" and the project was received with open arms by Vila Flores from the beginning, with the collaboration of art students from the local university (UFRGS).

In 2017, cooperation between the institutions took place in the field of technology and its relationship with art. Through the Media Art Lab project, the Goethe-Institut brought Wolfgang Spahn to Porto Alegre, and Vila Flores gave a warm welcome to the activity proposed by the artist: the Paper Bits workshop, in which participants built an analog synthesizer and transmitted video

projections. The workshop brought Goethe and Vila even closer together and it also had the collaboration of other partners, such as the Federal University of Rio Grande do Sul and the Matehackers hackerspace.

In 2018, the institutional partnership turned again to the work of Thomas Kilpper, this time with the exhibition of the work "don't think about the crisis—fight!" at Rio Grande do Sul Museum of Art's "The Power of Multiplication" exhibition and, in 2019, at the Baumwollspinnerei, in Leipzig, Germany. Thus, the project crossed borders and further expanded the results of this partnership.

Other types of one-off cooperation have also been established over the years - the Institute served as a guesthouse for international artists who participated in artistic residencies at Vila Flores, and German guests were taken to Vila in order to meet the creative community that is established there. In this way, the institutions built over time a relationship of mutual admiration and rich partnerships. Both organizations work hard so that culture and education can have leading roles in society and be factors of social transformation. That is why this institutional relationship has such an obvious harmony.

With the start of the pandemic in 2020, all cultural activities were seriously affected, and new forms of articulation had to be found to continue this work. In this context, Vila Flores has been developing new ideas and experimenting with how they can be implemented. The Goethe-Institut Porto Alegre has been closely following this path and, with great satisfaction, supports Vila Flores' initiatives through the International Relief Fund for Cultural and Educational Organizations promoted by the Ministry

of Foreign Affairs of Germany and the Goethe-Institut.

Established with the goal of providing emergency assistance to organizations that were at risk due to the coronavirus pandemic, the Fund turned out to be an important and suitable tool to support this essential place in the city of Porto Alegre and a long-time partner of the Institute. The Fund is intended not only for the emergency sustainability of the sponsored organizations, but also for the structural maintenance of the networks that the Institutes around the world have been building over the years. Thus, we hope that we have contributed to the success of the organization's initiatives during the pandemic and that the Fund has opened up new future perspectives and opportunities for cooperation. With this in mind, we intend to continue this institutional partnership, hoping that new joint projects can contribute to the further development of civil society, both locally and globally. One of the most important foundations for that is artistic freedom and creative exchange, which we want to continue promoting together, in this partnership.



Vozes do território



4º DISTRITO

PORTO ALEGRE - RS

Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini

O Loteamento Santa Teresinha teve seu início em 2006. Popularmente conhecido como Vila dos Papeleiros, está localizado na rua Voluntários da Pátria, no bairro Floresta, e tem uma população estimada de 2,5 mil habitantes.

Ainda em 2006, o Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini começou a atuar no local no contraturno escolar, atendendo a crianças e adolescentes através de atividades formativas e recreativas que envolvem música, teatro, esporte, entre outras. Também funciona no loteamento a creche-escola de Educação Infantil Menino Jesus, que atende a mais de 100 crianças de 4 meses a 6 anos de idade em turno integral.

As trocas possibilitadas pelo projeto De Vila a Vila, como afirma o Ir. Miguel, coordenador deste Centro Social Marista, também proporcionaram que as crianças e os adolescentes se permitissem sonhar e imaginar outros futuros possíveis.

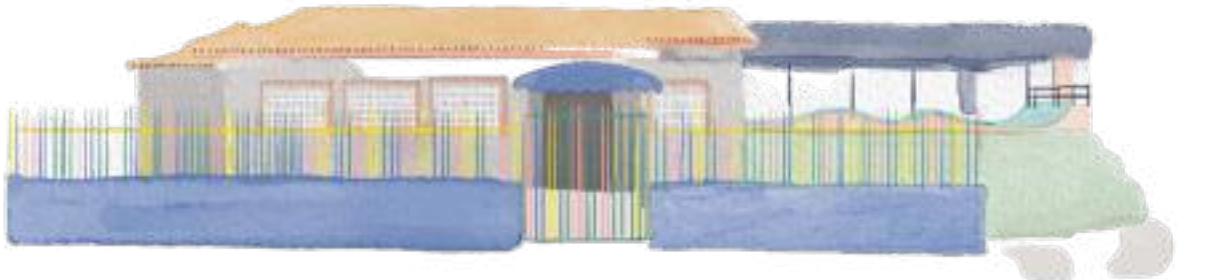


TUDO JUNTO E MISTURADO

"Tem que ter essa coisa: esporte, arte, cultura, tudo junto. Tem que ter tudo isso misturado. Isso aí é que faz a transformação. Não importa se um morador de rua utiliza pra dormir. No outro dia tu usa pra fazer música. Essa questão é importante. Tu te possibilitar a ter sonhos na vida. Entender que não é só realidade, é a irrealidade que constrói a pessoa, o ser humano, a sociedade."

A POTÊNCIA DO AFETO

"Se tu faz sozinho, tu não cria rede. E tu não criar rede é um problema muito sério. Eu penso que as parcerias são, primeiro, provocativas, elas geram mais conflitos e nos exigem mais também, mas geram muito mais coisas boas, porque não adianta ser parceiro e tu não ter uma relação de afeto com o parceiro."



ESPERANÇAR A MUDANÇA

"As novas gerações que estão saindo agora, estão pensando diferente. Tão pensando em alçar voo, alcançar outras coisas. Pelo menos tão se permitindo sonhar a ser jogador de futebol, a ser skatista. Me parece que, o possibilitar sonho também dá esperança. E com esperança, a gente sabe que vem a mudança. Mesmo que devagar, ela vai vindo."

CAMINHOS DE TROCA, ACOLHIMENTO E PERTENCIMENTO

"O próprio nome, De Vila a Vila, fala sobre a troca cultural e isso ajudou muito. Tem toda uma situação que socialmente se constrói em relação aos espaços. Por exemplo: determinado público pode frequentar determinados espaços, outro público não. No momento em que eles passaram a



frequentar outros espaços, assistir a um teatro, ter uma aula diferente, poder construir com o pessoal, poder trocar com o pessoal do Vila Flores, por exemplo, essa desconstrução se fez possível também. Sair para conhecer uma pista de skate diferente, isso aí começa a dar outro sentido, dar uma outra ênfase, e a gurizada começa a sentir bem com isso. Isso é o que começa a possibilitar uma mudança não só de olhar, mas de relacionamento.

Começar a se sentir parte é uma coisa extremamente importante, que não é só ir pra outro espaço, é ir e se sentir acolhido. O Vila Flores é um espaço de acolhimento. Hoje eles mesmo já falam do Vila Flores. Eles já sabem o nome, onde fica. Isso tudo fala sobre a gente poder construir um caminho juntos, saber que se a gente cruzar essa rua para chegar lá e vice e versa, nós vamos ter um caminho de Vila a Vila."

Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center

The Santa Teresinha allotment began in 2006. Popularly known as Vila dos Papeleiros, it is located on Voluntários da Pátria Street, in the Floresta neighborhood, and has an estimated population of 2,500.

Also in 2006, the Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center started its work there during after school hours, helping children and teenagers via educational and recreational activities involving music, theater, sports, among others. The Menino Jesus Nursery-Primary School, which serves more than 100 children from 4 months to 6 years old on a full-time basis, also works in the allotment.

The sharing made possible by the De Vila a Vila project, as stated by Br. Miguel, coordinator of the Marist Social Center, also allowed the kids to dream and imagine other possible futures.

ALL TOGETHER AND MIXED UP

"There has to be this thing: sports, art, culture, everything together. We gotta have it all mixed up. This is what makes the transformation happen. It doesn't matter if a homeless person uses it to sleep. The other day you use it to make music. This question is important. You enable yourself to have dreams in life,

OS DEPOIMENTOS ACIMA FORAM DADOS POR IRMÃO MIGUEL ORLANDI E GRAVADOS EM VÍDEO PARA O WEBDOC COMUNIDADES POSSÍVEIS, DISPONÍVEL NO CANAL DO YOUTUBE DO VILA FLORES.



to understand that it is not just reality, it is unreality that builds a person, human beings, society."

THE POWER OF AFFECTION

"If you do it alone, you don't create a network. And if you're not creating a network, it is a very serious problem. I think that partnerships are, first, provocative, they generate more conflicts and demand more from us too, but they generate much more good things, because it's no use being a partner if you don't have an affectionate relationship with your partner."

EXPECTING CHANGE

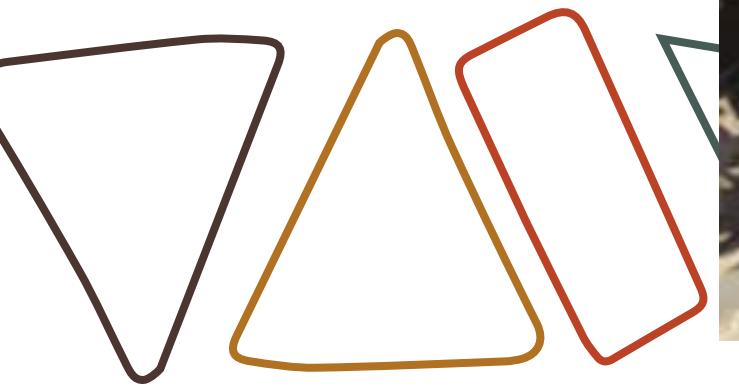
"The new generations are thinking differently. They are thinking about taking flight, achieving other things. At least allowing themselves to dream about being a football player, a skateboarder. It seems to me that making dreams possible also gives hope. And with hope, we know that change can come. Even if slowly, it comes."

PATHS OF SHARING, WELCOMING AND BELONGING

"The name itself, De Vila a Vila, speaks about cultural exchange and that helped a lot. There is a whole situation that is socially constructed in relation to spaces. For example: a certain audience can attend certain spaces, but not this other audience. When

they started to attend other spaces, to watch a play, take different classes, be able to build with the staff, be able to share things with the staff of Vila Flores, for example, this deconstruction was also possible. Going out to see a different skate park, that starts to build other meanings, to give another emphasis, and the kids start to feel good about it. This is what begins to enable a change not only in their perspective, but also in their relationships.

Starting to feel like you belong it's an extremely important thing, which is not just going to other places, it's going there and feeling like you're welcome. Vila Flores is a welcoming space. Today, they mention Vila Flores on their own. They already know the name, where it is. All of this is about us being able to build a path together, knowing that if we cross this street to get there and vice versa, we will have a path from Vila to Vila."



Assentamento e Cooperativa 20 de Novembro

O Assentamento 20 de Novembro está localizado na rua Barros Cassal, número 161, em Porto Alegre. O imóvel estava abandonado havia quase cinquenta anos quando foi ocupado em 2013 por um grupo de famílias. Desde 2016, através do Programa Minha Casa Minha Vida Entidades, o edifício pertence à Cooperativa 20 de Novembro. No espaço, são realizadas diversas atividades como o Projeto Saúde no Prato – Trabalho Coletivo, que promove trocas de experiências e ensinamentos sobre a produção de alimentos saudáveis, e o Grupo de Costureiras que, além de realizar ajustes em roupas, produz máscaras de proteção contra a Covid-19, bioabsorventes, mochilas e estojos.

Os moradores, que também fazem parte do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM) e da Confederação Nacional de Associações de Moradores (CONAM), realizaram um processo de arquitetura participativa conduzido pelo escritório AH! Arquitetura Humana. Com as arquitetas, os moradores promoveram reuniões para falar sobre seus sonhos para este lugar e, juntos, definiram um programa de necessidades para os espaços de acordo com as demandas coletivas. Além de criar 40 unidades habitacionais de 1 e 2 dormitórios, o grupo planeja ter uma horta comunitária no terraço do



prédio, um pátio aberto, uma cozinha coletiva, salas multiuso, um salão de festas, uma biblioteca, uma pequena praça e um centro cultural.

Elis Regina Gomes de Vargas, moradora do Assentamento 20 de Novembro e coordenadora das atividades de geração de renda da cooperativa, conta como foi o começo desse processo de sonhar juntos o projeto do prédio:

UM PROJETO COLETIVO

“O projeto foi construído em seminários com essas famílias, onde elas sonharam, decidiram onde elas queriam morar. Então, podem imaginar que esse prédio tem um pouco de cada um desses moradores, isso me emociona... e foi em um destes seminários, no Vila Flores, que eu conheci o espaço.”

A ARTE DE SONHAR JUNTOS

“Sonhar sozinho é muito difícil. E quando tu sonha com todo mundo, primeiro que tem uma vibração incrível, é como se tu gerasse, como se tu gestasse, como se saísse muito de dentro de ti. Aí tu imagina quando isso sai de 40 famílias, de todas as cores, de todos os credos, que já viveram toda sorte de experiências, na sua imensa maioria negativas, e mesmo assim não desistem do sonho.

Quando tu consegue construir essa coisa de juntar as mulheres e pessoas que têm a mesma dor, que se conhecem, que se entendem e elas começam a sonhar juntas e juntos, existe um 'boom' na perspectiva de futuro, e de sonho e de felicidade.

É disso que a gente tá falando. É eu saber que eu com a minha economia criativa, eu com a minha filha, a gente vai ter a oportunidade de sonhar e realizar. Por isso, esses espaços como o Vila Flores são tão importantes. São redes que ajudam nessa construção. É quase um suspiro de vida para que as pessoas tenham uma perspectiva de uma vida melhor."



A construção coletiva deste sonho nos permite imaginar outros futuros e novos mundos para todos.

"Não dá mais pra 90% da população comer papelão, porque é isso que estamos falando de verdade, e 10% estar comendo ca- viar. Não dá mais, não é esse o Brasil que a gente quer. Não existe isso, não pode existir isso na vida da gente. Aqui nesse lugar, eu tenho certeza, eu não como um churrasco sem saber se a minha vizinha á de baixo tem o que comer. É essa a mu- dança que a gente quer, é esse o sonho. É isso que a gente sonha desde criança: com outro mundo. E a gente começa

nesses pequenos espaços a construir esse novo mundo, porque não dá pra gente ficar esperando. Então, se a gente tiver diversos espaços como esse, a gente vai crescer e vai construir um novo mundo, eu acredito nisso.

E acho que é isso, isso é o Vila Flores, isso é a 20 de Novembro, isso é a Ksa Rosa, isso são todos os espaços de resistência que a gente tem nessa cidade. E a gente precisa se cuidar muito, se amar muito, se ajudar muito para plantar uma pers- pectiva de futuro."

OS DEPOIMENTOS ACIMA FORAM DADOS POR ELIS REGINA GOMES DE VARGAS E GRAVADOS EM VÍDEO PARA O WEBDOC *COMUNIDADES POSSÍVEIS*, DISPONÍVEL NO CANAL DO YOUTUBE DO VILA FLORES.



20 de Novembro Settlement and Cooperative

The 20 de Novembro settlement is located at Rua Barros Cassal, 161, in Porto Alegre. The property had been abandoned for almost fifty years when it was occupied in 2013 by a group of families. Since 2016, through the Minha Casa Minha Vida Entidades program, the building belongs to the 20 de Novembro Cooperative. Various activities are carried out in the space, such as the Saúde no Prato—Trabalho Coletivo project (which promotes the exchange of experiences and teachings on the making of healthy food) and the Grupo das Costureiras (which, in addition to adjusting clothes, is now making masks to protect against Covid-19, bio-tampons, backpacks and cases).

Residents, who are also part of the Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLNM) and of the

CONAM—Confederação Nacional de Associações de Moradores, carried out a participatory architecture process conducted by the humane architecture office called AH! With the architects, residents held meetings to talk about their dreams for this place and together they defined a requirement program for the spaces in accordance with collective demands. In addition to creating 40 one and two-bedroom housing units, the group plans to have a community garden on the building's roof, an open patio, a shared kitchen, multipurpose rooms, a ballroom, a library, a small square and a cultural center.

Elis Regina Gomes de Vargas, resident of the 20 de Novembro Settlement and coordinator of the cooperative's income-generating activities, tells us how the process of imagining the project together began:

A COLLECTIVE PROJECT

"The project was built during seminars with these families, where they dreamed, decided where they wanted to live. So you can imagine that this building has a little bit of each of these residents, which makes me emotional... and it was in one of these seminars, at Vila Flores, that I got to know the space..."

THE ART OF DREAMING TOGETHER

"Dreaming alone is very difficult. And when you dream together, first you have this

amazing vibe, it's as if you're generating, gestating, as if you're coming out of yourself. So you can imagine what happens when 40 families do this, families of all colors, of all faiths, who have been through all sorts of experiences, most of them negative, and even so do not give up on their dreams.

When you manage to build this thing where you bring together women and people who share the same pain, who know each other, who understand each other and who start to dream together, there is a boom in future perspectives, in dreams and happiness.

That's what we're talking about. It's me knowing that, along with my creative economy, with my daughter, we'll have the opportunity to dream and achieve. That's why spaces like Vila Flores are so important. These are networks that help building... It's almost a breath of life so that people can have the perspective of a better life."

The collective construction of this dream allows us to imagine other futures and new worlds for everyone...

"It is no longer possible for 90% of the population to eat cardboard, because that is what we are really talking about, and 10% to be eating caviar. It's no longer possible, this is not the Brazil we want. That doesn't exist, it can't exist in people's lives. Here in this place, I make sure of it, I don't

eat one piece of meat without knowing if my downstairs neighbor has something to eat too. This is the change we want, this is the dream. That's what we've dreamed about since childhood: another world. And we start, in these small spaces, to build this new world, because we can't keep waiting. So, if we have several spaces like this, we will grow and build a new world, I believe in that.

And I think this is it, this is Vila Flores, this is 20 de Novembro, this is Ksa Rosa, all the spaces of resistance that we have in this city. And we need to take care of ourselves a lot, love ourselves a lot, help each other a lot, to be able to sow new perspectives for the future."

Ksa Rosa Centro de Educação Popular e Resistência Cultural

A Ksa Rosa está situada na rua Voluntários da Pátria, número 1039, no Centro Histórico de Porto Alegre. Trata-se de um imóvel ocupado desde 2007, que se constitui como um espaço de referência e acolhimento à população em situação de rua da cidade e um centro de reciclagem de resíduos sólidos. A intenção, segundo Maristoni Moura, ativista e coordenadora da iniciativa, é que a relação das pessoas que frequentam o local envolva seu uso além das atividades que garantem a sua sobrevivência. Isso inclui a oferta de oficinas culturais e formativas que possam transformar a realidade do entorno e do próprio grupo.

RESGATE SOCIAL PELA ARTE E PELA CULTURA

"Vim pra Ksa Rosa em 2007 fazer o centro cultural dos catadores. A minha intenção era despertar a cultura para a comunidade, ter uma casa de cultura aqui nessa região. Eu vim com o objetivo de usar a cultura e a arte como ferramentas de resgate social para as pessoas. E eu vivo, respiro e pratico isso. Então essa vivência é a nossa metodologia. A pessoa aprendendo, ela precisa ter novas memórias, boas, novas memórias boas, pra lembrar, e muita terapia, acho que a arte e a cultura são terapia."

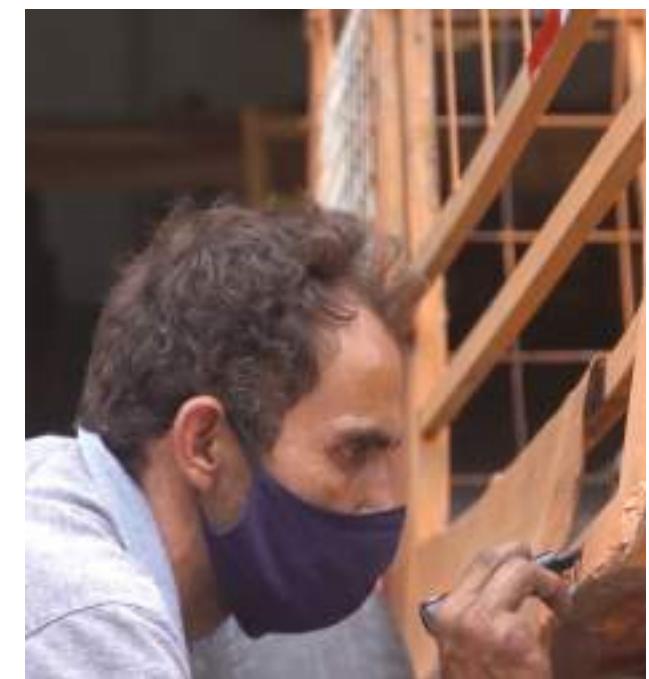
ACESSO AO CONHECIMENTO

"Aqui a gente quer realizar projetos que possam acessibilizar, de fato, o conhecimento e não dificultar. Conseguir pensar em como reciclar e reutilizar, o que podemos produzir com a matéria-prima que temos... são propostas que vão ajudando as pessoas a terem ferramentas para se desenvolver, e isso só acontece a médio e longo prazo quando a gente se junta em rede."

COSTURANDO REDES

"Vejo a necessidade de trabalhar em rede e vejo que a minha rede, a dos catadores, dificilmente tem uma visão focada no

crescimento das pessoas, pois estão focados em conseguir o básico para sobreviver. Então, trago a proposta de um espaço que tem sala de cinema, biblioteca, oficinas... um espaço pra eles se alimentarem, pra entender sobre a reutilização dos alimentos, poder buscar outras referências dentro da cultura. Um ambiente para os catadores pensarem e sentirem também. A saída é a gente tá em rede, construindo e costurando. Cada passo, cada avanço que a gente dá enquanto rede, acho que é um pouquinho da nuvem que sai e deixa brilhar a luz em todo o mundo, no nosso horizonte maior."



NOVAS CONEXÕES

"O Vila Flores e a Ksa têm públicos diferentes. O primeiro contato nosso foi pela prestação de serviço. O Vila Flores é um espaço onde a gente faz a coleta. O público do Vila não vinha na Ksa Rosa pra comprar nossas plantas ou pra trazer um material que queira descartar correto, porque ele não sabia que estamos aqui. E a partir do Vila e dessa nossa parceria que isso se tornou viável, muitas pessoas que não conheciam a Ksa passaram a conhecer."

TRANSFORMANDO SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

"Como as pessoas voltam a acreditar e ter esperança sem elas serem sujeito da sua própria história para poder transformar?"

OS DEPOIMENTOS ACIMA FORAM DADOS POR MARISTONI MOURA E GRAVADOS EM VÍDEO PARA O WEBDOC COMUNIDADES POSSÍVEIS, DISPONÍVEL NO CANAL DO YOUTUBE DO VILA FLORES.



Ksa Rosa Center for Popular Education and Cultural Resistance

Ksa Rosa is located at Rua Voluntários da Pátria, 1039, in Porto Alegre's historic quarter. This property has been occupied since 2007, being a reference and welcoming space for homeless people in the city and a solid waste recycling center. The intention, according to Maristoni Moura, activist and initiative coordinator, is for the people who use the space to have a relationship with it that goes beyond the activities that provide their livelihood. This includes offering cultural and educational workshops that can transform the reality of the participants and their surroundings.

SOCIAL RESCUE THROUGH ART AND CULTURE

"I came to Ksa Rosa in 2007 to participate in the Waste Collectors Cultural Center. My intention was to awaken the community to

cultural practices, to have a house of culture here in this region. I came with the goal of using culture and art as tools of social rescue. And I live, breathe and practice it. So this experience is our methodology.

The person learning, they need to make new memories, great new memories, to remember, and a lot of therapy, I think art and culture are therapy."

ACCESS TO KNOWLEDGE

"Here, we want to carry out projects that can actually make knowledge accessible, not make it difficult. Being able to think about how to recycle and reuse, what we can produce with the raw material we have... these are proposals that help people gather the tools to develop themselves, and this only happens in the long run, when we network together."

SEWING NETS

"I see the need to network and I see that my network, that of waste collectors, hardly has a vision focused on people's growth, as they are focused on basic survival needs. So, I bring up the proposal of a space that has a movie theater, a library, workshops... a space for them to eat, to understand about reusing food, to be able to seek

other references within the culture. An environment for waste collectors to think and feel too.

The answer is for us to be connected, building and weaving. Each step, every inch we walk as a collective, for me it's like a little bit of a cloud going away and letting the sun shine around the world, on our larger horizon."

NEW CONNECTIONS

"Vila Flores and Ksa have different audiences, our first contact was through service provision. Vila Flores is a space where we collect waste. Vila's audience did not come to Ksa Rosa to buy our plants or to bring materials they wanted to dispose of correctly, because they didn't know we're here. This became viable because of Vila and our partnership, many people who didn't know Ksa got to know it."

TRANSFORMING YOUR OWN STORY

"How can people believe and hope again without being the subject of their own story, being able to transform?"



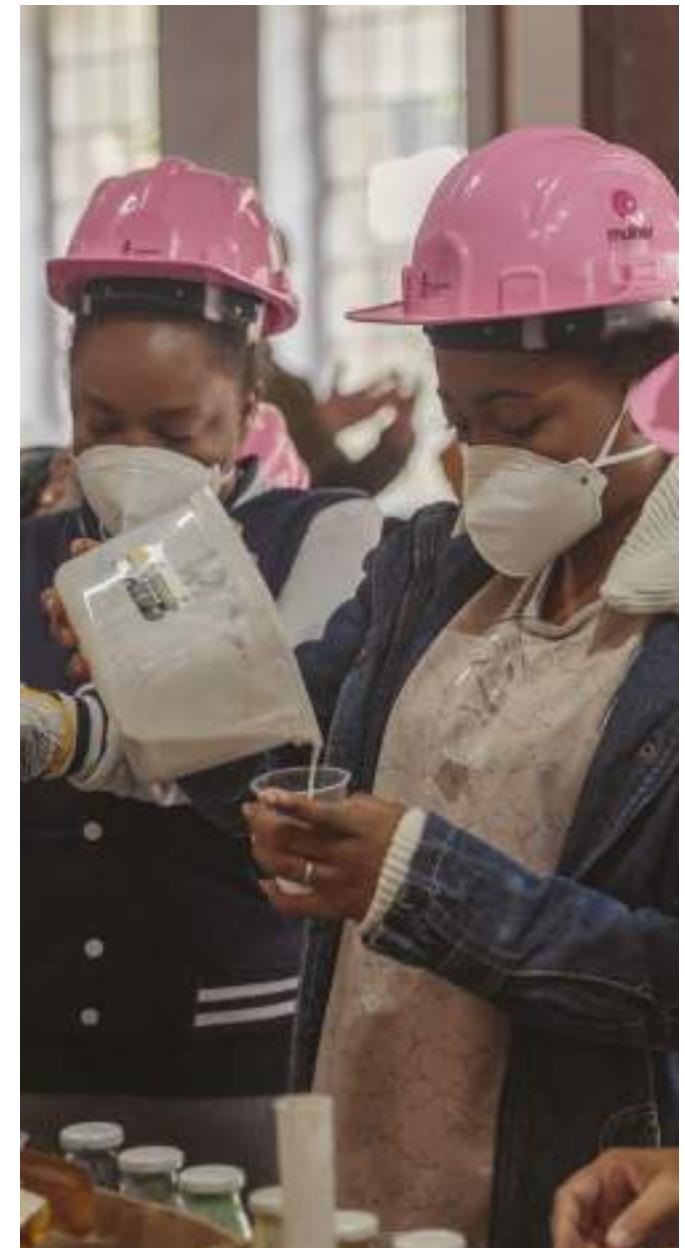
ONG Mulher em Construção

Bia Kern é uma empreendedora social que "queria mostrar à mulher desfavorecida economicamente que ela tinha força e talento para vencer com seu próprio dom". Criada em um lar onde não havia "coisa de homem" nem "coisa de mulher", em 2006 desenvolveu um projeto que buscava abrir as portas do mercado da construção, predominantemente masculino, às mulheres.

Dois anos depois, entendendo que este era o seu projeto de vida, Bia reuniu professores voluntários e empresas ligadas à construção civil, fundando a OSC Mulher em Construção, uma "escola" que forma mulheres para atuar na construção civil. Conforme texto no site da própria OSC, além de "promover a autonomia, a cidadania e o empoderamento das mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica e de violência doméstica contribui para a redução da desigualdade e da discriminação de gênero no trabalho".

De lá para cá, Mulher em Construção já formou mais de 5.000 mulheres, e, como muitas delas são responsáveis pelo sustento das famílias, isto significa atingir, de forma indireta, aproximadamente 20.000 pessoas.

Através de diversas parcerias com professores, construtoras e espaços independentes (como a 20 de Novembro e a Vila Santa Teresinha), a ONG proporciona às mulheres formação em diversas áreas da construção civil, buscando criar espaços



de troca onde todos aprendem juntos. Neste sentido, no Vila Flores aconteceram vários processos de formação em diferentes momentos e espaços e que impactaram em outros aspectos na vida destas mulheres, mas também das vileiras e dos vileiros.

MULHERES NA CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO

"Quem foi que disse que uma mulher não pode erguer muros, misturar cimento, subir em andaimes e construir um futuro melhor? Para mim, ninguém disse isso. Ao contrário, eu sempre ouvi da minha mãe, Dona Diva, que a mulher precisa ser independente e batalhadora, sem deixar de ser parceira do homem".

LUTAR PELA FELICIDADE

"Todo mundo pode e deve lutar pela sua felicidade, de preferência unido, sem disputa ou concorrência."

MUITO ALÉM DE UMA REFORMA – UMA REFORMA DO INTERIOR

"Quando a gente chegou no Vila Flores a gente queria uma casa antiga pra reconstruir. Reconstruir, reformar, fazer esses trabalhos de trazer de volta uma história, tem tudo a ver com o Vila Flores. Porque o Vila tinha um pensamento já pra olhar.

E quando a gente fez a proposta, 'olha, quem sabe a gente dá aula, ensina as mulheres... e vocês precisam dessas reformas...' A família olhou e disse 'é isso que eu quero.' E quando a gente foi fazer a reforma, a gente viu que não era só a nossa reforma. Era muito maior. Era a reforma do Vila, com as pessoas que chegavam, com os pensamentos mais coletivos, com a questão mais orgânica na cena entre si. Nós aprendemos muito naquela época. vieram prostitutas, vieram transexuais, vieram todas trabalhar conosco com uma outra imagem. Uma imagem de buscar uma memória que talvez a gente nunca tenha tido. Saudade de um tempo que a gente nunca teve. Que era aquele da gente viver em harmonia, independente dos seus pensares, independente das suas escolhas. E aí a reforma nos trouxe essa referência. Que é muito mais a reforma interior do que exterior.

O Vila nos acolheu, a gente acolheu o Vila, e aí todos vieram participar em conjunto. Era uma verdadeira comunhão, que é o que ainda acontece hoje."

OS DEPOIMENTOS ACIMA FORAM DADOS POR BEATRIZ KERN E GRAVADOS EM VÍDEO PARA O VÍDEO A CAL VIVA QUE ENSINA, DISPONÍVEL NO CANAL DO YOUTUBE DO VILA FLORES.

NGO Mulher em Construção

Bia Kern is a social entrepreneur, she "wanted to show economically disadvantaged women that they had the strength and talent to succeed with their own gifts". Raised in a home where there was no difference between female and male things, in 2006 she developed a project that sought to open the doors of the predominantly male civil engineering sector to women.

Two years later, understanding that this was her life project, Bia gathered volunteer teachers and companies linked to civil construction and founded the NGO Mulher em Construção, a "school" that trains women to work in the area. According to a text on the NGO's website, in addition to "promoting autonomy, civic engagement and the empowerment of women in situations of socioeconomic vulnerability and domestic violence, it contributes to reducing inequality and gender discrimination at the workplace".

Since then, Mulher em Construção has trained more than 5,000 women, and since many of them are responsible for the livelihood of their families, this means indirectly reaching approximately 20,000 people.

Through several partnerships with teachers, developers and independent spaces (20 de Novembro, Vila Santa Teresinha) the NGO can train women to work in various areas of civil construction, seeking to create spaces for sharing where everyone learns together. In this sense, at Vila Flores, various training processes took place at different times and spaces, creating an impact on other aspects of these women's lives and on the vileiros.

WOMEN BUILDING A FUTURE

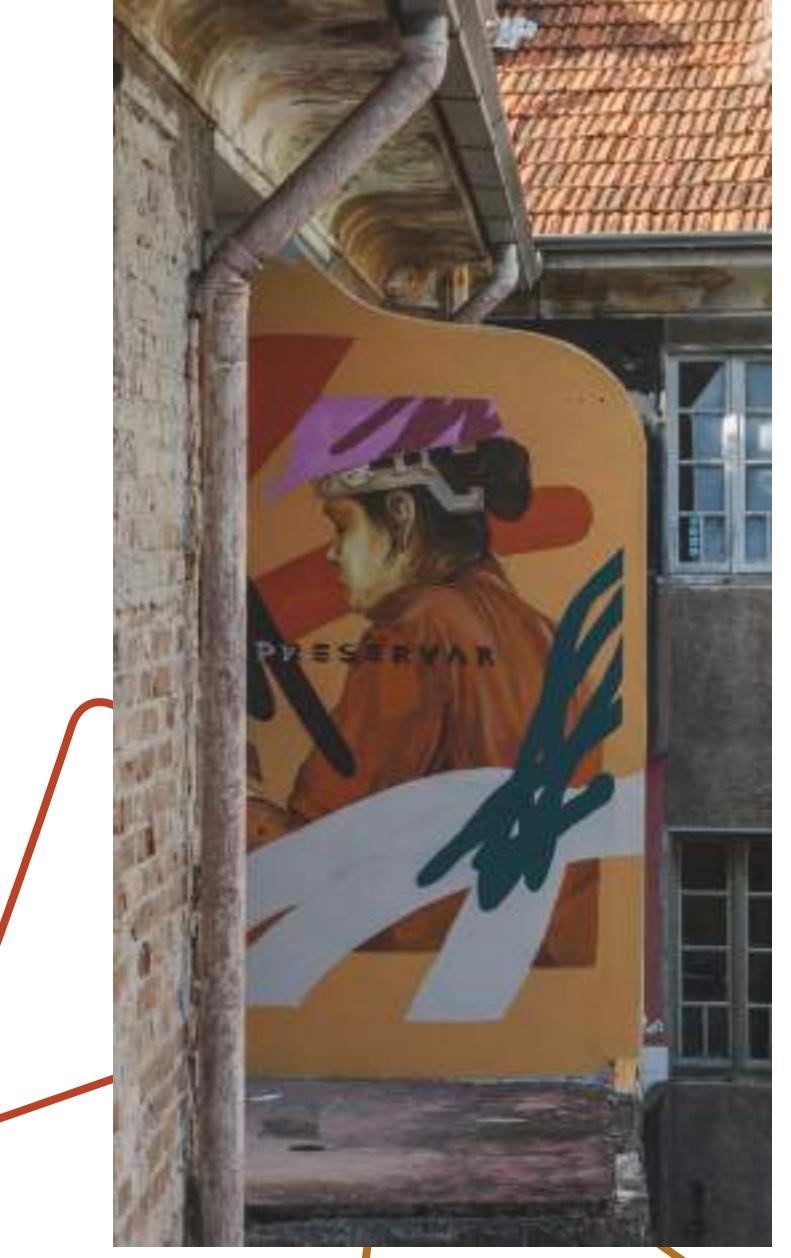
"Who said that a woman cannot build walls, mix cement, climb scaffolds and build a better future? For me, no one said that. On the contrary, I have always heard from my mother, Dona Diva, that a woman needs to be independent and hardworking, without ceasing to be a man's partner."

FIGHT FOR HAPPINESS

"Everyone can and should fight for their happiness, preferably united, without dispute or competition."

FAR BEYOND A MAKEOVER - A CHANGE ON THE INSIDE

"When we arrived at Vila Flores, we wanted an old house to rebuild. Rebuilding, renovating, doing this work of bringing



back a story, this has everything to do with Vila Flores. Because Vila already had some ideas. And when we offered our proposal, look, maybe we teach some classes, the women, and you need these reforms. The family looked and said: this is what we want. And when we went to do the renovation, we saw that it wasn't just our renovation. It was much bigger than that. It was Vila's renovation, with the people who arrived, with increasingly collective thoughts, there was an organic question in place. We learned a lot back then. Prostitutes came, transsexuals came, they all came to work with us with a different idea. The idea of searching for a memory that maybe we never had. Longing for a time we never had. A time that people lived in harmony, regardless of their ideas, regardless of their choices. The reform brought us this reference. We were remodeling our insides, much more than the outside.

Vila welcomed us, we welcomed Vila, and then everyone came together to participate. It was a real communion, which is what still happens today."

O mural “Preservar”, pintado por Kelvin Koubik, representa as práticas da ONG Mulher em Construção e sua relação com o restauro do Vila Flores. A arte está em uma das varandas e faz parte do projeto Território e Memória—Museu a Céu Aberto.

Igualdade RS

A Igualdade RS – Associação de Travestis e Transsexuais do Rio Grande do Sul é uma organização sem fins lucrativos, que luta pela promoção e pela proteção dos direitos humanos da população trans do estado. Fundada em 1999, a instituição oferece gratuitamente serviços de assistência jurídica, psicológica e social, promove atividades em busca da melhoria de condições de vida e saúde da comunidade LGBT e busca incentivar a cidadania, fortalecer a autoestima e proporcionar acolhimento para pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Desde abril de 2020, a Igualdade RS realiza a campanha Solidariedade em Ação, distribuindo cestas básicas, hortifrutis orgânicos, roupas e itens de higiene para pessoas trans e travestis em situação de vulnerabilidade. As entregas acontecem no pátio do Vila Flores quinzenalmente e, até agora, já foram arrecadadas cerca de 60 toneladas de alimentos, atendendo a mais de 300 pessoas de Porto Alegre e região.

“A parceria da Igualdade RS com o Vila Flores foi um marco na nossa história porque, quando começou, em 2020, em plena pandemia de Covid, a gente começou dia 1º de abril a distribuição de cestas aqui no espaço, que tava aí a pandemia né, todo mundo tinha medo, a gente não sabia o que tava acontecendo e o que ia acontecer.

Em cada ação, a gente consegue distribuir cestas básicas pra 50, 60, 70, 80 mulheres travestis, transexuais e homens trans. É uma ação em conjunto com o Vila Flores, pois, sem essa parceria, sem esse braço direito que a gente tem com o Vila Flores, a gente não teria espaço para distribuir essa ação. A gente tem uma gratidão muito grande por esse espaço, porque alguém abrir um espaço hoje em dia é muito difícil, né? Espaços públicos, espaços privados... Então, o Vila Flores faz parte da nossa Igualdade RS.”

— Marcella Malta, presidente da Igualdade RS

“A gente não sabia que o projeto Solidariedade em Ação iria tão longe, porque ninguém sabia o que ia acontecer com a pandemia, se era algo que seria de um mês, dois meses, enfim... E, desde então, a gente está aqui! Sempre fomos super bem-recebidas, porque o Vila tem essa característica da diversidade, de trabalhar com pessoas que estão em vulnerabilidade social.

Algumas das pessoas atendidas pelo projeto moram aqui perto, mas nunca tinham entrado no Vila. Algumas trabalham à noite aqui na rua São Carlos, fazem trabalho sexual. Outras vêm de longe e nunca passaram por aqui. E todas se encantam, porque o lugar é muito lindo. Aqui elas percebem que não tem nenhum olhar de censura para elas e elas sempre foram muito bem recebidas. Não só pela equipe da Igualdade, mas por todas as pessoas que circulam aqui no Vila.

Eu acho que o fato de elas virem aqui ao longo do ano fez também com que elas possam fazer parte dos projetos que o Vila Flores faz. Isso é muito bacana, pois é uma oportunidade que as travestis, as mulheres trans e alguns homens trans também têm de estar num espaço que é um espaço de cultura. É algo diferente do que a maioria está habituado ou habituada, e isso é muito positivo. Acho que o Vila está conseguindo atingir o objetivo de trabalhar com o pessoal do entorno.”

— Simone Avila, voluntária da Igualdade RS



OS DEPOIMENTOS ACIMA FORAM DADOS POR
MARCELLY MALTA E SIMONE AVILA E GRAVADOS
EM VÍDEO NO PÁTIO DO VILA FLORES DURANTE A
AÇÃO DE DOAÇÃO DE CESTAS BÁSICAS.

Igualdade RS

Igualdade RS—Association of Transvestites and Transsexuals from Rio Grande do Sul is a non-profit organization that fights for the promotion and protection of transgender rights in our state. Founded in 1999, the institution offers free legal, psychological and social assistance services, promotes activities to improve the living and health conditions of the LGBT community and seeks to encourage citizenship, to strengthen self-esteem and to provide shelter for socially vulnerable people.

Since April 2020, Igualdade RS has carried out the Solidariedade em Ação project, distributing food staples, organic vegetables, clothes and hygiene items to transgender people in vulnerable situations. The deliveries take place at the Vila Flores patio fortnightly and, so far, around 60 tons of food have been collected, serving more than 300 people from the Porto Alegre area.

"Our partnership, Igualdade RS with Vila Flores, was a milestone in our history, because on April 1st, 2020, in the middle of the coronavirus pandemic, we started distributing food here in this place. The pandemic was there, everyone was afraid. We didn't know what was going on and what was going to happen."

In each action, we are able to distribute food staples to 50, 60, 70, 80 transvestites, trans women and trans men. It is a joint project with Vila Flores, because without this partnership, without Vila Flores's help, we would not have a place to carry out this project. We are very grateful for this space, because, these days, opening a space like this is very difficult, right? Public spaces, private spaces... So, Vila Flores is part of our Igualdade RS."

—Marcelly Malta, President of Igualdade RS

"We didn't know that the Solidariedade em Ação project would go this far, because no one knew what was going to happen with the pandemic, if it was something that would last a month, two months, anyway... And since then, we've been here! We were always welcomed, because Vila has this characteristic of diversity, of working with people who are socially vulnerable."

Some of the people assisted by the project live nearby, but they had never entered

Vila. Some work at night here on São Carlos Street, they do sex work. Others come from far away and have never been here. And everyone is amazed, because the place is very beautiful. Here they realize that there are no reproachable looks directed at them, and they have always been welcomed. Not only by the Igualdade team, but by all the people who circulate here in Vila."

I think that the fact that they can come here throughout the year also means that they can be part of Vila Flores' projects. This is very cool, because it is an opportunity for transvestites, trans women and some trans men to be in a space of culture. It's something different from what most of them are used to, and that's very positive. I think Vila is managing to achieve its goal of working with the people that live in its surrounding area."

— Simone Avila, Igualdade RS volunteer



Priscila Fróes

Priscila Fróes é artista, ativista e educadora. Desde 2018 desenvolve um trabalho em arte urbana, a partir de lambe-lambes contendo imagens e textos, que evidenciam o preconceito e a violência vivenciados pelas mulheres trabalhadoras sexuais. Atualmente, Priscila é voluntária no TransENEM Porto Alegre, projeto de educação popular que recebe mulheres travestis, pessoas transexuais e outros membros da comunidade LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social e bolsista Chevening pelo Governo britânico onde realiza seu mestrado na área da educação na Universidade de Glasgow na Escócia.

Já realizou as exposições *InTransFerível – Imagens da Diversidade*, na Casa de Cultura Mario Quintana (RS) e no Festival TransArte (RJ), *Minorias*, no Centro Cultural Erico Verissimo (RS), *Ocupação Feminista: o tempo não para*, no Memorial do RS, *Aqui estamos*, na Livraria Baleia (RS), entre outras.

No Vila Flores promoveu a intervenção urbana pelos pontos de prostituição de Porto Alegre no 4º Distrito, a exposição *Mulheres, Feministas, Proletárias: apenas mais uma dia*, como parte da programação do IV Festival Simultaneidade e a Oficina Arte Transurbana, dentro do programa De Vila a Vila.

UMA ARTE PROVOCADORA

"Eu trabalho com provocações e, por coincidência, acabou se tornando arte urbana, que é o espaço em que eu me inseri com

lambe-lambes e a minha primeira ação na realidade foi em torno do 4º Distrito, em especial na São Carlos porque nós tivemos um problema de comunicação, em especial porque houve um evento e bloquearam a rua e isso acabou atrapalhando o espaço de trabalho das trabalhadoras sexuais aqui da região e eu já ficava muito incomodada com a arte e ambientes culturais servindo a um sistema que tem por objetivo real a gentrificação e não uma democratização do acesso à cultura. Então, eu sempre vi o Vila Flores antes desta ação como agente higienizador, gentrificador do 4º Distrito.

Eu acredito que a arte tem que ter um caráter social. Não tem mais como a gente pensar numa arte decorativa que sirva apenas para agradar os olhos dos outros, mas que ela faça sentido. Que ela faça sentido no espaço geopolítico que ela tá inserida, e que ela faça refletir. Aí eu não falo dum discurso paternalista que beira o populismo, não é isso, mas que as pessoas entendam, consigam compreender o que está sendo exposto ali. Eu acho que os meus lambes, com as frases de efeito que eu pensei, produziram esse efeito de repulsa e também de acolhimento. Tipo 'Ah! A gente sabe que a Priscila tá do nosso lado' e acho que também os moradores perceberam que 'Não, opa, tem gente aqui que de algum modo se importa com essas pessoas, embora eu não me importe'. Para mim, a arte tem que ter esse caráter social,

a gente não tem como dissociar ela. Eu não sei se um protesto seria diferente. Eu acho que a gente conseguiria entrar em contato com o Vila, mas eu acredito que o meu jeito, a minha revolta... Esse foi o melhor meio que eu encontrei de me comunicar. Eu acho que a arte, enquanto linguagem, vem para isso: para a gente se comunicar. Aí, graças a Deus, teve esse encontro de pessoas físicas, jurídicas, que querem de fato construir uma Porto Alegre melhor."

AMPLIAR OS DIÁLOGOS

"Eu vejo o Vila como um aliado. O Vila estava conversando com todo mundo, mas não conversava de fato com as trabalhadoras sexuais do espaço. E são as trabalhadoras sexuais que, literalmente, fazem essa região circular. Não adianta a gente achar que os carros aqui circulam porque eles estão querendo ir no Zaffari ou buscar uma ferramenta em alguma autopeça aqui, não. O que bombeia o 4º Distrito de fato, o que bombeia essa vida noturna... as trabalhadoras sexuais nesse espaço são vitais para que a vida acabe circulando e existindo no 4º Distrito."

A IMPORTÂNCIA DAS PARCERIAS

"As primeiras conversas foram feitas, os primeiros acertos foram feitos, e tam-

bém tem a parceria agora que o Vila fez na pandemia com a Igualdade RS, que é a Associação de travestis e transexuais aqui do RS. É importante que existam essas parcerias porque, naturalmente, também vai se criando um diálogo mais sólido e mais dessas meninas vão conhecer esse espaço. Porque elas conhecem a Igualdade, que é a ONG, elas confiam na Marcella Malta (coordenadora da ONG). Então, se a Marcella, por exemplo, tá aqui, elas com certeza vão vir aqui. Então eu acho que essas coisas sendo feitas, aos poucos, não precisa sempre, mas sendo realizadas, eu acho que tem uma chance muito grande das gurias também se conscientizarem e de tomarem um espaço para si, como se elas pudessem de fato também frequentar aqui como qualquer pessoa que desce da Independência para vir pra cá.

Os primeiros contatos já foram feitos, o que a gente precisa é fazer mais atividades em que essas mulheres, presentes ou não, possam estar em debate. É fundamental para a gente diminuir a marginalização dessas mulheres, torná-las visíveis mesmo na invisibilidade da noite."

OS DEPOIMENTOS ACIMA FORAM DADOS POR PRISCILA FRÓES E GRAVADOS EM VÍDEO PARA O WEBDOC *COMUNIDADES POSSÍVEIS*, DISPONÍVEL NO CANAL DO YOUTUBE DO VILA FLORES.



As obras da artista Priscila Fróes buscam contribuir para reflexões em diferentes contextos, como a exposição *Mulheres, Feministas, Proletárias: apenas mais um dia*, composta de diversos lambe-lambes colados no Vila Flores durante o IV Simultaneidade: Arte e Ativismo (2019).



Priscila Fróes

Priscila Froés is an artist, activist and educator. Since 2018, she has been developing a work in urban art based on wheat paste posters containing images and texts, which show the prejudice and violence experienced by female sex workers. Nowadays, Priscila is a volunteer at TransENEM Porto Alegre, a popular education project that receives transvestite, transsexual and LGBTQIA+ people in situations of social vulnerability. She also has a Chevening scholarship, provided by the British Government, where she is carrying out her master's degree in Education at the Univertisy of Glasgow in Scotand and a Chevening scholarship from the British Government where she is carrying out her master's degree in education at the University of Glasgow in Scotland.

She has already held the exhibitions InTransFerível—Imagens da Diversidade, at the Mario Quintana Culture House (RS) and at the TransArte Festival (RJ); Minorias, at the Erico Verissimo Cultural Center (RS); Feminist Occupation: time does not stop, at the RS Memorial; Here we are, at Livraria Baleia (RS), among others. At Vila Flores, she promoted urban interventions throughout prostitution zones in Porto Alegre's 4th District; the exhibition "Mulheres, Feministas, Proletárias: apenas mais uma dia", as part of the schedule for the 4th Festival Simultaneidade, and the Arte Transurbana Workshop, within the De Vila a Vila project.

A PROVOCATIVE ART

"I work with provocations and by coincidence it ended up becoming urban art, the space in which I inserted myself with the posters. My first project was actually around the 4th District, mainly at São Carlos Street, because we had a communication problem. There was an event, and they blocked the street, so this ended up disrupting the workspace of sex workers here in the region. Besides that, I was already very uncomfortable with the art and cultural environments serving a system whose real goal is gentrification and not the democratization of cultural access. So, before that, I saw Vila Flores as a sanitizing, gentrifying agent of the 4th District.

I believe that art must have a social aspect. It is no longer possible for us to think of a decorative art that serves only to please the eyes of others, we need art that makes sense. It needs to make sense in its geopolitical space, it needs to make us think. I'm not talking about a paternalistic discourse that borders on populism, it's not that, I want people to understand, I want them to be able to understand what is being exposed there. I think that my posters, with the catchphrases I created, they produced this effect of repulsion but also of welcoming. Like, oh, we know that Priscila is on our side, and I think the residents also realized that, oh, there are people here who somehow care about

them, although I don't. For me, art must have this social aspect, we cannot dissociate it from art. I don't know if a protest would be any different. I think we could get in touch with Vila, but I believe that my way, my anger.... this was the best way I found to communicate. I think that the purpose of art as a language is this, communication. Then, thank God, there was this meeting of individuals, companies, who really want to build a better Porto Alegre."

EXPAND THE DIALOGS

"I see Vila as an ally. Vila was talking to everyone, but it wasn't actually talking to the sex workers in the space. And it's the sex workers that literally drive this region. It's no use thinking that cars drive around here because they want to go to the grocery store or because they're looking for parts in some auto shop here, no. What really pumps the 4th District, what pumps this nightlife... the sex workers in this space are vital for the existence and circulation of life here in the 4th District."

THE IMPORTANCE OF PARTNERSHIPS

"The first conversations were held, the first arrangements were made, and there is also the partnership that Vila made now during the pandemic with Igualdade RS, which is

an NGO for transvestites and transsexuals. It is important that these partnerships exist because, naturally, we end up creating a more solid dialogue and more of these girls will get to know this space. Because they know Igualdade, which is the NGO, they trust Marcella Malta (NGO coordinator). So if Marcella, for example, is here, they will definitely come here. So I think that these things being done, little by little, not always, but being done, I think there's a great chance that the girls will also become aware and create some space for themselves, they'll see that they can actually visit this place like anyone else who goes down the Independência Avenue to spend some time here.

The first contacts have already been made, what we need is to do more activities in which these women, present or not, can be in debate.... it is essential for us to reduce the marginalization of these women, make them visible even in their nocturne invisibility."

Xadalu

Xadalu Tupã Jekupé é um artista mestiço que usa elementos da serigrafia, pintura, fotografia e objetos para abordar, na forma de arte urbana, o tensionamento entre a cultura indígena e ocidental nas cidades. Sua obra, resultado das vivências nas aldeias e das conversas com sábios em volta da fogueira, tornou-se um dos recursos mais potentes das artes visuais contra o apagamento da cultura indígena no Rio Grande do Sul. O diálogo e a integração com a comunidade Mbyá-Guarani permitiram ao artista o resgate e reconhecimento da própria ancestralidade. Nascido em Alegrete, Xadalu tem origem ligada aos indígenas que historicamente habitavam as margens do Rio Ibirapuitã.

Xadalu é vizinho do Vila Flores e acompanhou de perto o nascimento do espaço como um centro cultural. Desde então, dessa relação de vizinhança foi nascendo também uma amizade que manteve acesa a constância dos diálogos e trocas, inspiradas pelos ensinamentos das culturas indígenas.

PROBLEMÁTICA INDÍGENA NOS CENTROS URBANOS

"Trabalho com a problemática e os tensionamentos que os indígenas encontram ao vir para cidade e ao se deparar com os costumes do mundo ocidental. Então, eu pego esses problemas, a gente discute dentro da comunidade, dentro da aldeia,

transformo em arte urbana, em pôster, em sticker, e coloco na cidade. Esses desparadores, que são questionamentos sobre esses problemas que acontecem, a gente acaba expondo no museu a céu aberto que é o centro da cidade.

Eu acho que a arte tem esse poder de atingir todas as camadas sociais, mas não são todos os artistas que são sociais. São poucos os que tendem a ter a proximidade das pessoas. Porque fazer arte e propagar ela dentro de um museu é muito difícil, porque é para poucas pessoas, né, o circuito da arte. Mas ter essa admiração das pessoas, do povo, por exemplo, da minha mãe, que é uma faxineira, de um morador de rua. Essas pessoas reconhecerem o seu trabalho e entenderem aquilo, que eu acho que é o mais importante. Porque quando ela entende, ela sente. E se ela sente, já é um outro modo de explicação que ela absorve dentro dela. Eu acho que isso é para bem poucos. E a arte urbana proporciona isso. Eu acredito que um artista urbano, a rua é a extensão do corpo dele, e eu acho isso fantástico."

ABRIGAR ENCONTROS

"A gente começa a ver que a sensibilidade transforma. Depois, a ação vira uma consequência da nossa sensibilidade. A Antonia convidou o coral de uma comunidade

nossa para tocar no Vila Flores. E foi muito legal, porque as crianças, quando elas vão, acabam interagindo com as pessoas, que eu acho o mais importante. E quando a Antonia convidou a comunidade pra vir aqui e tocar numa Virada Sustentável, a gente pensou que ia ser um evento normal, mas quando chegou aqui tinha uma outra banda, que é da vila aqui do lado, eu chamo de Vila dos Papeleiros, e também tinha um teatro de bonecos pelo pátio. E a interação das crianças antes de entrar no palco, junto com as outras crianças da Vila dos Papeleiros e junto com os bonecos, aquilo pra nós foi uma coisa muito especial. Tanto que a aldeia tem até hoje essas fotos lá na comunidade, ela tem esse vídeo e usam o vídeo como portfólio da escola. E eu acho que é isso, quando um olhar é sensível ele tá pronto pra transformar as coisas, e acontecem esses tipos de encontros, de abrigar, sabe? E o mais legal disso tudo? É que todos receberam. Tem o valor ético e moral. Foi um momento que eu nunca vou esquecer. Dos eventos que eu participei, esse foi pra mim um dos mais memoráveis, que foi as comunidades se encontrarem e compartilharem o mesmo sorriso."

OS DEPOIMENTOS ACIMA FORAM DADOS POR XADALU TUPÁ JEKUPÉ E GRAVADOS EM VÍDEO PARA O WEBDOC COMUNIDADES POSSÍVEIS, DISPONÍVEL NO CANAL DO YOUTUBE DO VILA FLORES.



Na página ao lado: Obra da série “Invasão colonial ‘VVY OPATA’ a terra vai acabar”. Xadalu, Porto Alegre, 2019-2020. Fotografia, manipulação digital e impressão em lambe-lambe, exposta na rua Hoffmann, em frente ao Vila Flores.

Jovens integrantes do coral da Tekoá Pindó Mirim apresentando cantos tradicionais Mbaya Guarani no Vila Flores, durante a Virada Sustentável 2018.

Xadalu

Xadalu Tupã Jekupé is a mixed-race artist who uses elements from silkscreen, painting, photography and objects to address, in the form of urban art, the tension between indigenous and western culture in the cities. His work, the result of experiences in his native community and of conversations with elders around the campfire, became one of the most powerful visual arts resources against the erasure of indigenous culture in Rio Grande do Sul. The dialogue and integration with the Guarani Mbyá community allowed the artist to rescue and recognize his own ancestry. Born in Alegrete, Xadalu's origins are linked to the indigenous people who historically inhabited the banks of the Ibirapuitã River.

Xadalu is a neighbor of Vila Flores and followed closely the place's emergence as a cultural center. Since then, in this neighborhood relationship, a friendship was also born, which kept alive the constant dialogues and exchanges, inspired by the teachings of indigenous cultures.

INDIGENOUS PROBLEMS IN URBAN CENTERS

"I work with the problems and tensions that indigenous peoples face when they come to the city and encounter the customs of the western world. So I take these problems, we discuss them within the community, within the village, I transform them into urban

art, posters, stickers, and put them back in the city. These triggers, which are questions about those problems, we end up exhibiting them in the open-air museum that is the city's downtown.

I think that art has this power to reach every social class, but not all artists are social. Few tend to be close to people. Because making art and propagating it within a museum is very difficult, because it is not for everyone, the art circuit. But to have this admiration from people, from the masses, for example, from my mother, who is a cleaning lady, from a homeless person. For these people to recognize your work and understand it, that's what I think is the most important. Because when she understands it, she feels it. And if she feels it, it's already another mode of explanation that she absorbs within her. Not everyone can do that. And urban art provides that. I believe that, for urban artists, the street is the extension of their bodies, and I think this is fantastic."

HOSTING ENCOUNTERS

"We begin to see that sensitivity, it really causes changes, right? Then action becomes a consequence of our sensitivity. Antonia invited the choir from a nearby community to sing here. And it was really cool because the kids, when they get out, they end up

interacting with people, which I think is the most important thing. And when Antonia invited the community to come here and play at Virada Sustentável, we thought it would be a normal event, but when we got here there was another band, from another community, which I call Vila dos Papeleiros, and there was also a puppet theater across the courtyard. And the interaction of the children before they went to the stage, together with the other kids from Vila dos Papeleiros and with the puppets, that was something very special for us. So much so that my community still has these photos, we have this video and we use it as a school portfolio. And I think that's it, when a gaze it's delicate, it is ready to transform things, and then these types of encounters happen, this sheltering, you know? And the coolest thing about it all? Everyone gets something back. It has ethical and moral value. It was a moment I will never forget. Of all the events I participated in, that one was, for me, the most memorable, because the communities met and shared the same smile."



Vileiros

O Vila é feito de muitas histórias e memórias que envolvem diferentes tempos e pessoas. Desde 2013, os residentes-vileiros – e, a partir de 2014, a Associação Cultural Vila Flores – vêm assumindo juntos, através de desejos comuns, a construção do presente sonhando e trabalhando *por e em um* espaço mais aberto e plural. Conviver pressupõe estar permanentemente olhando um para o outro, criando espaços que acolham as diferenças e promovam o diálogo. Algumas vileiras e alguns vileiros nos contam como chegaram aqui e como veem o espaço.

CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE

“Comunidades se constroem em cima de espaço, de inter-relações. O Vila Flores é uma comunidade, sem sombras de dúvidas. Ele cria, ele permite que as pessoas criem essas relações aqui dentro, afinal de contas o pátio é o espaço mais democrático do Vila, onde todas as decisões e a fofoca de corredor passa por ele, mas também é onde corre a curiosidade sobre o outro,



a capacidade de tu interagir com o outro e o que tu é capaz de fazer em conjunto com o outro. Isso acontece de uma forma muito fácil quando tu tem pessoas criativas, quando tu coloca pessoas criativas, que são abertas, que não são fechadas dentro da sua própria rede, dentro do seu próprio conhecimento, que tem essa sede de fazer um novo, de descobrir um novo, de encontrar no outro uma possibilidade de crescimento ou de disparar algo que vai se transformar em algo não existente até então, isso fica muito fácil.”

— Joel Grigolo, cientista social e integrante do Matehackers Hackerspace

INSPIRAÇÕES TRANSFORMADORAS

“A gente queria estar em um lugar que acontecessem coisas. A gente queria passar pras crianças as inspirações que a gente acreditava que fossem transformadoras, que transformassem essas relações sociais que já tão cristalizadas. Então quando a gente chegou ao Vila, já sabia que ia ser aqui. Porque a gente não enxerga o Vila como um prédio, com uma sala pra alugar. A gente enxerga o Vila Flores como um lugar que tem história, um patrimônio cultural. E que todas essas pessoas que estão aqui nessas janelinhas fazem isso ser muito rico e diverso. E a gente queria que desde o início essas crianças pudesse captar essa atmosfera. Pra proporcionar que elas tenham um olhar mais diverso, mais aberto, mais rico.

O Vila é uma comunidade que tá em rede. e a gente quis ser uma comunidade em rede para cuidar das crianças.”

— Carolina Ribeiro, psicóloga e cofundadora da Aldeinha

INTERAÇÕES QUE FURAM BOLHAS

“Dentro do eixo da Inovação Social eu acho que tem algumas coisas que a gente pode pensar com relação ao que é sociedade, ao que é coletivo. De que forma que eu, trabalhando num ambiente que, se tu olhar, é

uma vila, onde cada um tá desenvolvendo seu trabalho, se relacionam entre si aqui dentro desses prédios. Isso é muito bom, agradável, a gente produz bastante. Que ligação isso tem com o da porta pra fora, ali na calçada. Desde que eu vim pra cá eu sempre me questionei ‘que bolha é essa que eu tô querendo ficar?’. O Vila Flores não é uma bolha. Ele até pode funcionar como um oásis, mas ele não é uma bolha. Muito pelo contrário, ele te proporciona tu interagir com a sociedade e devolver coisas pra sociedade de uma outra forma.

Eu acho que esse é um trabalho muito potente da arte, sem dúvida nenhuma, e que fica mais potencializado porque esse ecossistema te possibilita e te empurra pra isso. Te joga pra devolver e compartilhar.”

— Fernanda Soares, artista visual e criadora da Gravura na Tulipa

UM LUGAR PLURAL

“A gente vê o Vila como um lugar singular na nossa cidade, a gente sabe que tem belíssimos lugares, tem a CCMQ, tem o Mercado Público, tem os nossos parques, mas acho que o Vila tem tanto essa questão histórica, como o seu tempo aqui como Vila, como espaço criativo. É muito bacana e acho que não tem um lugar semelhante em Porto Alegre como o Vila. Ao mesmo tempo que é escritório para diversas ini-

ciativas, é um lugar de refúgio, é um oásis no 4º Distrito, ou na cidade como um todo, perto do Centro. Eu nunca me senti talvez tão à vontade como aqui, é um lugar plural, é um lugar à vontade. Eu sinto muito isso, tem uma sensação de liberdade muito grande. E pra quem chega aqui, pra quem faz essa experiência de entrar pela 759, passar pela antessala, passar pela floricultura e chegar no pátio, meio que se desarma, porque a pessoa não tá preparada pra aquilo, então ela relaxa todos os medos e aproveita muito o lugar.”

— Francisco Siviero, empreendedor e sócio do Valori Gastronomia

A CRIATIVIDADE COMO POSSIBILIDADE

“Eu penso que a gente possibilitar a reflexão, possibilitar essa construção do conhecimento e não ser um conhecimento enquadrado, fechado, imposto é o que possibilita a vida, outras formas das pessoas também criarem, porque a gente está num espaço de criação, eu não posso podar a criação. E essa educação, desta forma criativa, é o que fundamenta a nossa estada aqui, a nossa existência aqui.”

— Juliana Napp, artista visual integrante do O Pátio – Ateliê de cerâmica e assistente social

PROCESSOS COLABORATIVOS

“O Vila Flores já chegou em lugar que a gente nunca imaginou que ia chegar. Não foi nada muito planejado e isso é o resultado de um trabalho coletivo, de uma maneira diferente de se fazer.

A gente procura ter bastante liberdade e abertura para experimentar, sem seguir nenhum rótulo, nenhum padrão, nenhuma fórmula. Isso demora mais, às vezes é mais difícil, mas é muito mais gratificante. Mais ou menos, eu posso comparar à forma como o próprio Vila Flores foi se criando. Que foi justamente as pessoas entrando pra dentro do Vila Flores, ocupando, se entendo, se reconhecendo como parte daquilo. Tendo voz, tendo participação e opinião na transformação pra se chegar num senso comum. Obviamente que com esse processo muita coisa dá errado. E eu costumo dizer que quando dá errado tá dando certo, porque isso faz parte do processo.”

— Marcio Machado, músico e fundador do Armazém Sonoro

EM CONSTANTE DIÁLOGO

“Eu acho que o Vila abre relações, ele tem toda essa preocupação da relação com o entorno, de iniciativas, e como costurar isso pela Associação desses impactos



que eles querem causar, mas ao mesmo tempo quando eles abrem esse diálogo com essas outras iniciativas que passam por transformações e que podem estar conectadas com outras iniciativas do Vila, eu acho que isso estimula a gente abrir as relações de uma maneira espontânea. A gente tem uma série de iniciativas que a gente conheceu, ou que a gente entrou em contato, ou que a gente construiu uma relação de confiança a partir de uma pré relação que já tinha com o Vila. Então eu percebo isso de uma maneira muito positiva, eles abrem as portas e as outras iniciativas continuam passando para criar essas novas relações."

— Liz Unikowski, designer e cofundadora da Cós – Costura Consciente

EDIFICAÇÕES QUE CONTAM A HISTÓRIA DA CIDADE

"É importante a gente manter edificações como essa do Vila Flores aqui na cidade, ainda mais em territórios com uma transformação tão intensa, porque esse tipo de edificação conta a história da cidade. Se contam a história da cidade, contam a história da sociedade, então a gente entende que manter essas memórias vivas, sejam elas memórias boas e legais ou memórias nem tão boas ou nem tão legais, é importante para, digamos assim, uma educação patrimonial e importante também para

o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos e enquanto cidadãos também."

— Karla Moroso, arquiteta e urbanista e integrante do CDES Direitos Humanos

UM DESAFIO GIGANTE

"Esse território é um território extremamente complexo. Se a gente olhar ele pela perspectiva social, econômica, da diversidade, ele agrupa todos os problemas de Porto Alegre em um território. Isso tudo demonstra uma complexidade de relações que o Vila tem que estar atento, então não é só arquitetura, não é só a preservação, mas é a preservação desse patrimônio em diálogo com todos esses atores, o que eu pessoalmente acho um desafio gigante, porque são motivações de vida completamente diferentes.

Tem uma frase do Frei Beto que eu acho maravilhosa que diz que 'a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam'. A gente precisa respeitar muito isso, o tempo inteiro, porque se não a gente acha que tá indo para um lugar e a gente tá indo para outro. Então esse é o desafio, principalmente do Vila, que se coloca nessa rede pra articular essa galera completamente diferente."

— Karla Moroso, arquiteta e urbanista e integrante do CDES Direitos Humanos



TORNAR PAUTAS VISÍVEIS

"A gente vive em uma sociedade que é desigual, onde esses temas sociais relacionados, por exemplo, à habitação social e ao, digamos, abandono de determinados territórios da cidade são muito fortes, muito presentes. A gente entende que, a partir da nossa atuação com essa mirada, a gente consegue tornar essas pautas mais visíveis, tentando articular outros atores para poder realmente promover uma transformação mais assertiva assim. A gente acredita que não tem muito como fazer sozinho, a gente precisa fazer em rede e a gente precisa ter um diálogo com todos aqueles que tem o mesmo propósito ou as mesmas intenções. E a gente caminha um pouco com essa perspectiva. Nesse sentido a gente acha que a relação aqui com o Vila sempre foi bastante positiva e bastante propulsiva."

— Karla Moroso, arquiteta e urbanista e integrante do CDES Direitos Humanos

OS DEPOIMENTOS ACIMA FORAM DADOS POR VILEIROS E VILEIRAS QUE INTEGRAM A COMUNIDADE CRIATIVA DO VILA FLORES E GRAVADOS EM VÍDEO PARA O WEBDOC *COMUNIDADES POSSÍVEIS*, DISPONÍVEL NO CANAL DO YOUTUBE DO VILA FLORES.



Vileiros

Vila is made up of many stories, memories that involve different times and people. Since 2013, the residents-vileiros, and since 2014, the Vila Flores Cultural Association, have been undertaking together, through common desires, the construction of the present, dreaming and working by and in a more open and plural space. A shared life implies a shared gaze, the creation of spaces that welcome differences and promote dialogue. Some vileiros tell us how they got here and how they see our space.

COMMUNITY BUILDING

"Communities are built on spaces, on interrelationships. Vila Flores is a community, without a shadow of a doubt. It creates, it allows people to create these relationships when they're inside of it, after all, the courtyard is the most democratic space on Vila, all the decisions and the gossip in the hallway goes through it, but it is also where curiosity about the other runs free, the ability of interacting with one another, what you are able to do together. This happens very easily when you have creative people, when you put creative

people together, who are open, who are not inside a bubble, within their own knowledge, who are eager to make new things, to discover new things, to find in others the possibility of growth or of triggering something that hasn't existed until now, this is very easy."

— Joel Grigolo, social scientist and Matehckers Hackerspace member

TRANSFORMATIVE INSPIRATIONS

"We wanted to be in a place where things could happen. We wanted to pass on to the children some inspiration that we believed to be transformative, that could transform these social relationships that are already so crystallized. So when we arrived at Vila, we already knew this was the place. Because we don't see Vila as a building, with a room for rent. We see Vila Flores as a place that has history, a cultural heritage. All the people who are here, in these little windows, make it very fruitful and diverse. What we wanted, from the beginning, was for these children to capture this atmosphere. To provide them with a more diverse, open, richer look.

Vila is a networked community. And we wanted to be a networked community to take care of the children."

— Carolina Ribeiro, psychologist and co-founder of Aldeinha

INTERACTIONS THAT BRAKE BARRIERS

"Within the Social Innovation axis, there are some things that we can think about regarding what society is, what is collective. How I, working in an environment that, if you look at it, is a village where everyone is doing their work in connection to each other, here inside these buildings. This is very good, pleasant, we're very productive. What connection does this has with what's outside the door, there on the sidewalk? Since I came here, I have always asked myself 'which bubble is this that I want to stay in?' Vila Flores is not a bubble. It might function as an oasis, but it's not a bubble. On the contrary, it allows you to interact with society and return things to society in another way.

I think that this is a very powerful artwork, without a doubt, and it gets even more potent because this ecosystem makes it possible and pushes you towards it. It pushes you to give back and share."

— Fernanda Soares, visual artist and creator of Gravura na Tulipa

A PLURAL SPACE

"We see Vila as a unique place in our city, we know it has beautiful places, there's the CCMQ, there's the Public Market, there's our parks, but I think Vila has this historical

characteristic mixed with its current status as Vila, a creative space. It's very cool and I don't think there's a place in Porto Alegre like Vila. While it works as an office for various initiatives, it is also a place of refuge, it is an oasis in the 4th District, or in the city as a whole, near downtown. I've never felt so comfortable as I feel here, it's a plural space, it's a comfortable space. I feel this deeply, there's a great sense of freedom. And for those who arrive here, for those who have this experience of entering via n. 759, going through the anteroom, crossing the flower shop and arriving at the courtyard, people are disarmed because they weren't expecting that, so they release their fears and enjoy the place a lot."

— Francisco Siviero, entrepreneur and partner at Valori Gastronomia

CREATIVITY AS A POSSIBILITY

"I think that enabling reflection, enabling this construction of knowledge that is not limited, closed, imposed, this is what makes life possible, other possibilities of creation, because we are in a space of creation, and I can't limit it. And this education, in this creative way, is what underlies our stay here, our existence here."

— Juliana Napp, visual artist and creator of Ateliê Juliana Napp

COLLABORATIVE PROCESSES

"Vila Flores is already at a level that we never imagined it could reach. Nothing was heavily planned, so this is the result of collective work, a different way of doing things.

We try to have enough freedom and openness to experiment, without following any labels, standards, or formulas. This takes longer, sometimes it's more difficult, but it is also much more rewarding. In a way, it is similar to the way Vila Flores was created. With people arriving at Vila Flores, occupying, understanding each other, recognizing themselves as part of it. Having a voice, taking stands and voicing opinions in this transformation that tried to reach an agreement. Obviously, with this process a lot goes wrong. And I usually say that, when it goes wrong, it actually goes right, because that is part of the process."

— Marcio Machado, musician and founder of Armazém Sonoro

IN CONSTANT DIALOGUE

"I think Vila expands relationships, it is a place that's concerned with its relationship with its surroundings, initiatives, and with how to mix it all together through the impact they want to cause. But, at the same time, when they open a dialogue

with these other initiatives that are going through transformations and that may relate to other Vila initiatives, I think this encourages us to expand our relationships in a spontaneous way. Many of the initiatives that we got to know, that we reached out to, that we now have a trustful relationship with, were formed based on a pre-relationship with Vila. So I perceive this in a very positive way, Vila opens doors and other initiatives continue to come along to create these new relationships."

— Liz Unikowski, designer and co-founder of Cós – Costura Consciente

BUILDINGS THAT TELL THE CITY'S HISTORY

"It is important for us to maintain buildings like the one in Vila Flores here in the city, especially in territories with such intense transformation, because this type of building tells the city's history. If they tell the history of the city, they tell the history of society. So we understand that keeping these memories alive, whether they are good and cool memories or not-so-good or not-so-nice memories, is important for, shall we say, heritage education and for our development as human beings and as citizens as well."

— Karla Moroso, architect, urban planner and member of CDES Human Rights



A GIANT CHALLENGE

"This territory is extremely complex. If we look at it from the social, economic and diversity perspective, it aggregates all the problems of Porto Alegre into one territory. This demonstrates a complexity of relationships that Vila has to be aware of. So, it's not just architecture, it's not just preservation, but it's the preservation of this heritage in dialogue with all these agents, which, for me, is a huge challenge, because they have completely different life motivations."

There is a phrase by Frei Beto that I think is wonderful, which says 'the mind thinks from where the feet step'. We need to respect this a lot, all the time, because if we don't, we think we're going to one place when we're actually going to another. So this is the challenge, especially for Vila, to put themselves in this network and articulate this very diverse crowd."

—Karla Moroso, architect, urban planner and member of CDES Human Rights

RAISING AWARENESS

"We live in a society that is unequal, where these social issues related, for example, to social housing and, say, to the abandonment of certain areas of the city, are very strong, very present. We understand that, based

on our performance, with this perspective, we are able raise awareness about these issues, trying to engage other actors in order to really promote a more assertive transformation like this. We believe that there is not much we can do alone, we need to do it in a network, and we need to have a dialogue with everyone who has the same purpose or the same intentions. And we walk a little with this perspective. In that sense, our relationship with Vila has always been very positive and very purposeful."

— Karla Moroso, architect, urban planner and member of CDES Human Rights

O Arraial é o maior evento colaborativo do Vila Flores, sempre produzido e celebrado coletivamente pelos vileiros. Desde 2014, milhares de pessoas já se reuniram no pátio do centro cultural para se divertir com atividades juninas, se deliciar com comidas típicas e se aquecer com o famoso quentão do Vila ao redor da fogueira!



Território de *fazeres*



Costura

As oficinas de Costura do projeto De Vila a Vila são ministradas pela Cós – Costura Consciente. Já aconteceram duas edições que formaram 20 mulheres em costura básica através dos seguintes conteúdos: manejo básico de máquina de costura, confecção de produtos básicos com materiais descartados, criação de produtos a partir de resíduos, especificação e como divulgar e vender produtos feitos a partir de resíduos têxteis.

A partir das oficinas as participantes podem se juntar ao coletivo Cós, que tem seu ateliê dentro do complexo cultural Vila Flores e, assim, dar sequência ao trabalho com a costura de forma cooperada, junto a outras mulheres. O espaço da Cós é compartilhado com a iniciativa Banco de Tecido, que trabalha com a venda e troca de tecidos que seriam descartados pela indústria têxtil, criando, assim, a reutilização desse material e promovendo a economia circular.

“Cós, um nome curto, ligado ao vestuário, tem a função de sustentar uma peça e ajustá-la ao corpo. A Cós, associada à costura consciente, sustenta uma rede de mulheres que, pelo fazer da costura, busca o seu próprio sustento. Nas oficinas realizadas pela Cós, resgatamos o fazer manual, o olhar para os tecidos e aviamentos e a exploração de possibilidades criativas de transformação. Num lindo processo multicultural, mulheres diversas se colocaram diante de uma máquina de costura e se aventuraram nas possibilidades construtivas que os resíduos têxteis possibilitavam. Aprenderam a dar uma nova e bela vida a materiais que não tinham uso, e a mostrar esses produtos para o mundo de modo a gerar renda. E no processo, desenvolveram capacidades relacionais ligadas ao cuidado com a outra e com o meio ambiente, preparando *kits* de peças-piloto para novas aprendizes de costura. Essas oficinas falam sobre sonhar, sobre imaginar outras possibilidades para si, sobre o poder de transformação e sustentação que um tecido, uma linha, uma agulha e um aviamento podem trazer. Delas saem mulheres prontas para cuidar e preservar o ambiente, as roupas e as relações. Saem mulheres que podem sustentar um outro modo de fazer moda, mais diverso, inclusivo e consciente dos seus impactos no mundo, transformando assim a realidade social do seu entorno.”

— Karine Freire, pesquisadora e cofundadora da Cós – Costura Consciente

“As oficinas do projeto De Vila a Vila são muito especiais para a Cós, pois nos ajudam a cumprir com o nosso propósito de levar uma oportunidade de transformação na vida das mulheres que participam. Para mim é gratificante conhecer essas mulheres, trocar experiências e transmitir o ofício da costura. Além da base que trabalhamos nas oficinas, elas têm a oportunidade de gerar renda vendendo o que produzem ou ao entrar para o grupo produtivo da Cós.”

— Marina Giongo, designer, pesquisadora e cofundadora da Cós – Costura Consciente

“O curso foi muito bom, aprendi coisas que nem eu sabia que era capaz de fazer. Vi que só tinha eu de trans no grupo, sendo que o curso foi divulgado para pessoas trans também. Acho que como pessoas trans precisamos nos valorizar, botar a nossa cara em coisas novas, de repente nos identificamos com algo. Somos seres humanos e temos direito de fazer o que todos fazem, não só viver de trabalhar na noite. O importante é a gente se posicionar e fazer acontecer. Obrigada a todas do curso, foi lindo e eu quero continuação.”

— Tereza Cristina, participante da oficina Costurando Sonhos

“A oficina de costura veio numa época da minha vida em que eu não estava me



encontrando, e foi nesse momento que eu conheci e entendi a magia e a importância da costura e toda a história que se tem por trás, do trabalho das mulheres, do cuidado e de tudo o que isso impacta. Eu não dava valor para essas coisas, eu via como coisas pequenas. Através da oficina eu consegui enxergar o quanto isso pode gerar uma renda extra na vida de muitas mulheres e também o quanto é uma terapia maravilhosa. Tinham três mulheres haitianas no grupo e as trocas que eu tive com elas, a cultura delas que eu pude sentir, as poucas palavras que eu aprendi, além da troca com a Karine, a Marina, a Isa e a Antonia, que ministraram e organizaram a oficina. Foi uma união de mulheres muito fortes, muito resilientes e isso pra mim foi muito importante.



Na época que eu fiz a oficina eu estava representando a Ksa Rosa e tudo isso veio no momento certo. Eu fico emocionada. A oficina gerou um impacto muito profundo em mim e eu me sinto honrada em poder dar esse relato. Essa oportunidade mudou a forma como eu me via. E eu desejo que muitas pessoas conheçam e entendam o impacto e a importância do Vila Flores dentro da nossa cidade. Essa associação cultural precisa ultrapassar essas bolhas sociais que existem e é através dessas oficinas que isso vai acontecer.”

— Dayane Belmonte Ramos, cozinheira, ativista por um mundo melhor, ex-líder comunitária da Vila Santo André, atuante no coletivo Ksa Rosa e participante da oficina Costurando Sonhos

Sewing

The De Vila a Vila project sewing workshops are led by Cós - Costura Consciente. Two editions have already taken place, which trained 20 women in basic sewing through the following contents: basic sewing machine handling; making basic products with discarded materials; creation of products from waste; pricing; and how to advertise and sell products made from waste.

From the workshops, participants can join the Cós collective, which has its studio within the Vila Flores cultural complex, and thus continue to work with sewing in a cooperative manner, together with other women. Cós' space is shared with the Banco de Tecido initiative, which works with the sale and exchange of fabrics that would be discarded by the textile industry, thus reusing these materials and promoting a circular economy.

“Cós (waistband), a short name, linked to clothing, helps sustain garments and makes them fitted on the body. Our Cós, associated with sustainable sewing, supports a network of women who go after their own livelihood through the doings of sewing. In the workshops held by Cós, we bring back handcrafting, looking at fabrics

and exploring creative possibilities for transformation. In a beautiful multicultural process, different women placed themselves in front of a sewing machine and ventured into the constructive possibilities that textile waste made possible. They learned to give a new and beautiful life to materials that had no use, and to show these products to the world in order to generate income. And, in the process, they developed interpersonal skills, a responsibility for one another and for the environment, preparing kits for new sewing apprentices. These workshops are about dreaming, about imagining other possibilities for oneself, about the transforming and sustaining power that a fabric, a thread, a needle can bring. Women come out of them ready to take care of the environment, clothes and relationships. After the workshop, these women are about a new, sustainable way of doing fashion, a way that's more diverse, inclusive and aware of its impacts on the world, thus transforming the social reality of their surroundings.”

— Karine Freire, researcher and co-founder of Cós - Costura Consciente

“The De Vila a Vila project workshops are very special for Cós, as they help us to fulfill our purpose of bringing a transformative opportunity for the women who take part in it. For me it is gratifying to meet these women, share experiences and transmit the

craft of sewing. In addition to the basics that are taught in the workshops, they have the opportunity to generate income by selling what they make or by joining the Cós production group."

—Marina Giongo, designer, researcher and co-founder of Cós - Costura Consciente

"The workshop was very good, I learned things I didn't even know I was capable of. I saw that I was the only trans woman in the group, even though the workshop was advertised to trans people like me. I think that, as trans people, we need to value ourselves, face new things, maybe we can relate to something. We are human beings, and we have the right to do what everyone else does, not just working the streets. The important thing is for us to take a stand and make it happen. I'm thankful to everyone in the workshop, it was beautiful and I want to keep going."

— Tereza Cristina, trans woman, Costurando Sonhos workshop student

"The sewing workshop happened during a time in my life where I was trying to understand myself and it was then, in that moment, that I got to know and understand the magic and the importance of sewing, and all the history behind sewing, the women's work, the work of caring and all the impact it causes on women's lives.

I didn't care about those things, I saw them as unimportant. Through the workshop, I was able to see how it can generate some extra income for many women and also that it is such a wonderful form of therapy. There were three Haitian women in our group, and the things that I shared with them, their culture, which I could feel, the few words I learned... not to mention the conversations I had with Karine, Marina, Isa and Antonia, who taught and organized the workshop. It was a union of very strong women, resilient women, and that was very important to me.

When I took the workshop, I was representing Ksa Rosa and all of that came in the right moment. It makes me very emotional. The workshop touched me deeply and I'm honored to be able to write this statement. Because this opportunity changed the way I saw myself. And I want as many people as possible to know and understand the impact and the importance of Vila Flores in our city, because this cultural association is very important and needs to reach beyond the social bubbles that exist. It is through workshops like this one that this will happen."

— Dayane Belmonte, cook, activist for a better world, former community leader from Vila Santo Andre, member of the collective Ksa Rosa and Costurando Sonhos workshop student

Cerâmica

As oficinas de cerâmica vêm fazendo parte da programação do De Vila a Vila, oferecendo a diferentes públicos uma aproximação ao barro como material a partir técnicas e aspectos diversos, sejam eles mais objetivos, como possibilidade de geração de renda ou, subjetivamente, como espaço de trocas, de convívio e disparador de memórias afetiva, como veremos nos relatos a seguir. As oficinas foram realizadas por Juliana Napp, Luciana Firpo e Márcia Braga, integrantes d'O Pátio - Ateliê de cerâmica, que fica localizado no Vila Flores.

"O barro é agregador, é 'material de construção', individual e coletiva."
— Marcia Braga, artista visual, arquiteta e professora

OFICINA MODELANDO PANELAS DE BARRO

As oficinas de modelagem de panelas reuniram cinco mulheres que nunca haviam trabalhado com argila e três artistas-professoras durante oito encontros. Os processos de modelagem, baseados em conhecimentos e técnicas ligadas à ancestralidade e ao feminino, conectaram o grupo, foram muito bem explorados pelas alunas e materializaram-se nesses utilitários que escolhemos: as panelas. Vivenciamos conjuntamente os processos de montagem do forno e queima das peças. Os momentos das oficinas e os objetos modelados funcionaram também como dispositivos de conversa e integração entre mulheres com experiências de vida muito distintas. Aprendemos umas com as outras. Este momento foi tão potente que o grupo decidiu seguir trabalhando junto.

FEIRA

A feira reuniu 10 participantes. Apesar da novidade do formato híbrido de feira, por conta da pandemia, funcionando uma semana on-line e um dia presencial, através de agendamento, concluímos que atendeu às nossas expectativas à medida que proporcionou um bom movimento financeiro para as artistas afetadas pela pandemia, assim como proporcionou às alunas das oficinas vivenciarem sua primeira experiência relacionada à comercialização de objetos cerâmicos produzidos por elas.



“A proposta desta oficina era oferecer um espaço de formação para mulheres em situação de vulnerabilidade econômica, onde a cerâmica, através da modelagem de panelas, pudesse constituir uma possibilidade de renda. Para isto, além da modelagem dos utilitários, construímos juntas um forno a lenha e realizamos uma feira onde expusemos e vendemos nossa produção.

No entanto, sabemos que estes encontros vão muito além daquilo que ‘objetivamente’ se propõem e o que vivenciamos são processos marcados pelo compartilhamento de saberes e, seguramente, aprendemos mais do que ensinamos.”

— Márcia Braga, artista visual integrante d'O Pátio – Ateliê de cerâmica, arquiteta e professora

OFICINA MEMÓRIAS DO BAIRRO NO BARRO

Esta oficina foi dividida em dois momentos: no primeiro, ensinou-se a fazer placas cerâmicas de forma manual e, no segundo, foram feitas intervenções sobre as mesmas a partir de três técnicas que as alunas também aprenderam no curso: relevos aplicados, esgrafito e transferência de imagens. O tema tratado girou em torno da memória dos participantes relacionadas ao território habitado, ao seu bairro e entorno. A turma contou com 10 participantes com mais de 60 anos de idade que, juntas e juntas, compuseram um painel coletivo de memórias na fachada do Vila Flores.

“Na oficina Memórias do Bairro no Barro foi um encontro afetivo de muitas histórias e boas conversas, representadas e modeladas nas placas de argila. Cada peça de cerâmica conta histórias pessoais, cada aluno compartilhou com o grupo um pouco da sua vida, através de relatos e imagens trazidas em cada encontro. Foi uma experiência muito linda, que apesar da pandemia proporcionou a cada participante um momento único de trocas e novos aprendizados, já que alguns alunos nunca haviam trabalhado com argila.

Como professoras sentimos muito interesse dos alunos e principalmente muita afetividade no grupo com desejos e vontades de dar continuidade em alguma outra oficina.”

— Luciana Firpo, artista visual, integrante d'O Pátio – Ateliê de cerâmica e professora

“Eu já tinha feito a oficina de panelas e gostei muito. Aí surgiu esse trabalho de agora, das placas no barro. E eu me apaixonei pela cerâmica, gostei de botar a mão no barro. É muito bom, eu me sinto bem, tô adorando e vou continuar fazendo cerâmica.”

— Lucia da Graças, 66 anos, griô, artesã e moradora do Assentamento 20 de Novembro

“Participei desse grupo de ceramistas aqui pois vi o anúncio no jornal e me interessei

pela arte, pelo trabalho que o pessoal faz aqui no Vila Flores. Eu me adaptei, mesmo sendo o único homem no meio das mulheres. Mas eu adorei o trabalho, a ajuda que eu tive das professoras e para mim foi muito bom, mais uma arte que eu agreguei à minha vida e sou muito grato a todos."

— José Carneiro

"Eu me sinto plena aqui, pois é um espaço de muita potência, muita alegria, muito colorido. As pessoas interagem, trocam entre si. Participar, fazer os trabalhos em cerâmica, estar aqui neste momento me enche de alegria."

— Maria Beatriz Gutierrez, 60 anos, protetora de animais

"Através da Associação Cultural Vila Flores, nós, ceramistas, tivemos a oportunidade de compartilhar um pouquinho dos nossos saberes com pessoas aqui do entorno, com mulheres e com o público de mais de 60 anos, que tem também muito a nos ensinar. Foi uma troca muito bonita, pois cada pessoa trouxe a sua vivência, a experiência de sua relação com o lugar, com a comunidade aqui do entorno. Inicialmente produzimos placas em cerâmica, eu, Márcia e Lu, que somos as professoras, trouxemos as técnicas que entendemos que poderiam ser um bom suporte para a criação livre. Em seguida

foram aplicadas nessas placas técnicas de relevo, gravura, transferência de imagens e elas estarão agora compondo a fachada do Vila Flores, como uma exposição para quem passa na rua, conhecer essas histórias, que falam das experiências com esse lugar, com este bairro."

— Juliana Napp, artista visual integrante d'O Pátio – Ateliê de cerâmica e assistente social

"Gostei muito do curso de cerâmica, sempre quis aprender e adorei mexer com a cerâmica e penso que é sempre uma profissão a mais, pois nunca é tarde para a gente aprender, né?! Eu já sou artesã há muitos anos e agora pretendo ser ceramista e continuar o curso. Tenho muita gratidão às gurias, minhas professoras, parece que a gente já se conhece há anos! Eu adorei aqui o Vila Flores e quero seguir vindo."

— Marli Teresa Neto Zucatti, 75 anos, artesã

"O artesanato me chama a atenção e agrupa muito na nossa vida. Eu descobri o curso por acaso e foi muito bom ter vindo. Eu estou apaixonada por este lugar, é um lugar que temos vontade de estar sempre. As gurias, nossas professoras, são pessoas especialíssimas, umas fofas, umas queridas. E isso traz muita coisa boa pra gente, para além do curso. Essa integração, essa troca, traz um benefício pra gente que não tem o que pagar. Eu me apaixonei mesmo, e se

eu puder sentar o pé e ficar por aqui, eu quero ficar. Estou encantada mesmo, com tudo, com as pessoas que eu encontrei aqui. Estou apaixonada pelo Vila Flores e tudo o que acontece aqui."

— Vera Lucia Cabral, 69 anos

OFICINA CUMBUCAS-ALIMENTO

"A gente acaba tendo um conhecimento que vai desde a base até a construção do forno. E a gente fica com vontade de aprender mais, porque dá pra entender que dá pra explorar muito mais coisas, principalmente tendo um espaço legal aqui, com o ateliê das professoras. Além disso, acho que transformar o barro e modelar é uma sensação muito boa,

é uma meditação. Acho que é bom até pra esse momento em que a gente vive. Estava todo mundo super isolado e aí ter um grupo em que a gente troca essas experiências e vê todo mundo se ajudando é super legal."

— Karem de Vargas Ferreira, 28 anos

"A gente sabe que é um aprendizado longo e esse aqui é o primeiro passo. Além disso, essa troca é muito legal. Tem pessoas diferentes, com buscas diferentes e a gente acaba se encontrando. É tão diversificado, mas ao mesmo tempo tem tanta coisa em comum, né. E o espaço é maravilhoso e acolhe a gente."

— Timako Yamakawa, 59 anos



Ceramics

Ceramic workshops have been a part of the De Vila a Vila program, offering different audiences an approach to clay as a material from different techniques and aspects, be they more targeted, like the possibility of generating income, or more subjective, as a space for sharing, socializing and triggering affective memories, as we will see in the following statements. The workshops were carried out by Juliana Napp, Luciana Firpo and Márcia Braga, members of the Pátio Ceramic Atelier, located in Vila Flores.

"Clay is an aggregator, a 'building material', individual and collective.

— Márcia Braga, visual artist and teacher

CLAY POT MODELLING WORKSHOP

The pot-making workshops brought together five women who had never worked with clay and three artist-teachers during eight meetings. The modeling processes, based on knowledge and techniques linked to ancestry and the feminine, connected the group and were very well explored by the students, materializing in these tools that we chose: the pots. We jointly experienced the processes of assembling the oven and heating the pieces. The workshop's moments and the modeled objects also functioned as conversation and integration

devices between women with very different life experiences. We learned from each other. This moment was so powerful that the group decided to continue working together.

TRADE FAIR

The fair brought together 10 participants. Despite the novelty of the hybrid fair format (due to the pandemic), operating one week online and one day in-person, by appointment, it met our expectations as it provided a good financial turnover for the artists affected by the pandemic, as well as enabling the students to experience their first experience related to the sale of ceramic objects produced by them.

"The purpose of this workshop was to offer a training space for women in a situation of economic vulnerability, where ceramics, through the modeling of pots, could constitute a possibility of income. For this, in addition to modeling the pots, we built a wood stove together and held a trade fair where we exhibited and sold our production.

However, we know that these meetings go far beyond what is 'objectively' proposed. What we experience are processes marked by the sharing of knowledge and, certainly, we learn more than we teach."

— Márcia Braga, visual artist, architect and teacher



NEIGHBORHOOD MEMORIES ON CLAY WORKSHOP

This workshop was divided into two moments: in the first, the making of hand-made ceramic plates was taught and, in the second, interventions were made on them using three techniques that the students also learned in the workshop, namely embossing, sgraffito and image transfer. Our chosen topic revolved around the participant's memories related to the inhabited territory, its neighborhood and surroundings. The group had 10 students over 60 years old, who together composed a collective panel of memories on Vila Flores' façade.

"The workshop Memórias do Bairro no Barro was an emotional meeting of many stories and good conversations, represented and modeled on clay plates. Each piece of ceramic tells personal stories, each student shared a little of their life with the group, through stories and images brought in at each meeting. It was a very beautiful experience which, despite the pandemic, provided each participant with a unique moment of sharing and learning, since some of them had never worked with clay.

As teachers we felt a lot of interest from the students and, above all else, a lot of affection. The group had the desire to continue in some other workshop."

— Luciana Firpo, visual artist and teacher

"I had already done the pot workshop and I really liked it. That's when this work came about, of clay plates. And I fell in love with ceramics, I liked putting my hand in the clay. It's very good, I feel good, I'm loving it and I'm going to continue making pottery."

— Lucia da Graças, 66 years old, griô, artisan and resident of the 20 de Novembro settlement

"I took part in this pottery group because I saw the advertisement in the newspaper and the art called my attention, the work that people do here at Vila Flores. I adapted, even though I was the only man among women. But I loved the work, the help I had from the teachers. For me it was very good, another art that I added to my life. I am very grateful to everyone."

— José Carneiro

"I feel accomplished here, as it is a space with a lot of power, a lot of joy, a lot of color. People interact, share with each other. Participating, working on ceramics, being here at this moment fills me with joy."

— Maria Beatriz Gutierrez, 60 years old, animal protector

"Through Vila Flores Cultural Association, we ceramists had the opportunity to share a little of our knowledge with the people

around here, with women and with the 60+ audience, who also have a lot to teach us.

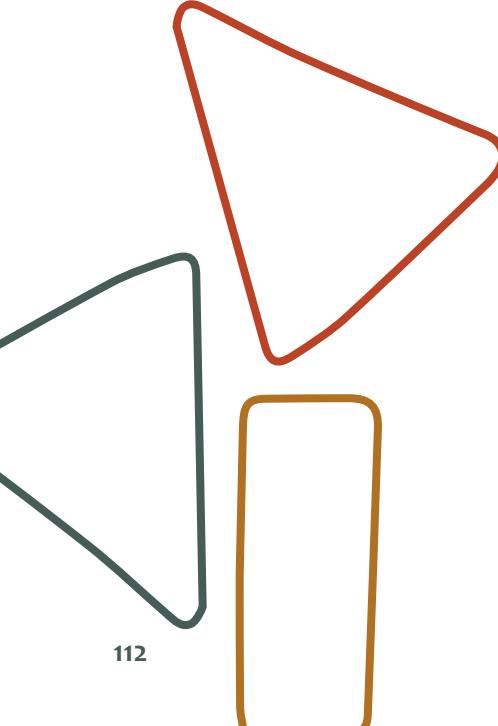
It was a very beautiful exchange, as each person brought their own experience, the experience of their relationship with the place, with the surrounding community. Initially, we made ceramic plates, me, Márcia and Lu, the teachers, then we brought the techniques that we thought could be good tools for free creation. Afterwards, techniques of embossing, engraving and image transfer were applied to these plates and they will now be part of the Vila Flores façade, as an exhibition for those passing by on the street, so people can get to know these stories which speak of experiences with this place, with this district."

— Juliana Napp, ceramist and social worker

"I really enjoyed the ceramics workshop, I've always wanted to learn. I loved working with ceramics and I think it's always good to have one more skill, because it's never too late for us to learn, right?! I have been an artisan for many years and now I intend to become a ceramist and continue the workshop. I am very grateful to the girls, my teachers, to me it feels like we have known each other for years! I loved Vila Flores and I want to keep coming here."

— Marli Teresa Neto Zucatti, 75 years old





"Craftwork calls my attention and add a lot to our lives. I discovered the workshop by chance, but I'm so glad to have been a part of it. I'm in love with this place, it's a place we want to be forever. The girls, our teachers, are very special people, so cute, so nice. That also teaches us a lot of good things, in addition to the workshop. This integration, this sharing, results in benefits that are priceless. I've really fallen in love, and if I can just sit by and stay here, I want to stay. I'm really delighted, with everything, with the people I've met here. I'm in love with Vila Flores and everything that happens here."

— Vera Lucia Cabral, 69 years old

FOOD BOWL WORKSHOP

"We end up learning from the pottery basics to the building of an oven, and we kept wanting to learn more, because we understand there's much more to explore, especially having such a nice space as the teacher's ateliers. Besides, I think transforming and modelling the clay is a very good feeling, a form of meditation. I think it is even good for this moment we are living in. We were all super isolated, and then having a group where we can exchange this experiences and see everyone helping each other out is super nice."

— Karem de Vargas Ferreira, 28 years old

"We know it's a long learning journey and this is only the first step. On top of that, it's a nice exchange with different people, looking for different outcomes from the workshop, and we end up bonding. It is so diverse, but at the same time we have so much in common! And this wonderful space that embraces us."

— Timako Yamakawa, 59 years old



Graffiti

As oficinas de graffiti têm o intuito de aproximar o público de diversas idades da arte urbana, sempre pensando em contemplar espaços educativos e de relevância social do território. As oficinas aconteceram em três momentos diferentes dentro do programa De Vila a Vila. Ministradas pelos artistas-educadores Kelvin Koubik, Jackson Brum e Sabrina Brum, todas elas contemplaram um momento de formação teórica dentro dos espaços educativos, do Vila Flores ou da Vila Santa Teresinha. Em um segundo momento, as e os participantes puderam colocar em prática aquilo que aprenderam: apropriar-se do seu entorno e expressar suas ideias.

OFICINA MURALISMO E GRAFFITI COM O ARTISTA VISUAL KELVIN KOUBIK

Da teoria à prática, a oficina propôs uma imersão dentro do universo do Muralismo. Dialogando entre a pintura clássica, graffiti e arte urbana, os encontros abordaram desde o surgimento da linguagem artística, dos nomes importantes na história até a efervescência dos dias de hoje. Nesta oficina, foi possível vivenciar esta linguagem desde a ideia inicial até sua representação em grande escala, abordando sobre técnica e tecnologia.

"Os encontros aconteceram no galpão do Vila Flores e contaram com 10 participantes, entre iniciantes e pessoas que já ti-

nham experiência com as artes. A pintura foi realizada na EMEI JP Meu Amiguinho, que fica na praça Florida, vizinha do Vila Flores e o resultado foram 10 murais diferentes, elaborados por cada participante com temáticas diversas ligadas à infância.

Conhecimento é para ser repassado. O graffiti e o muralismo transformaram e seguem transformando minha vida, me fizeram alcançar coisas que nunca imaginei que poderia chegar. O propósito fundamental para repassar estes conhecimentos, é transformar a vida de outras pessoas e fazer com que acreditem, também, que a mudança pode acontecer através da paisagem, fazendo com que as pessoas reflitam, ou simplesmente se sintam melhor.”

— Kelvin Koubik, artista visual e educador

“Em 2020, em meio aos desafios impostos pelo contexto pandêmico, o diálogo selou a parceria entre o espaço cultural Vila Flores e a EMEI JP Meu Amiguinho. A equipe da escola estuda e busca colocar em prática de seu modo a ideia de ‘desemparedamento’ da educação infantil.

Foi conversando com o artista plástico e muralista Kelvin Koubik que se construiu a possibilidade de realizar a parte prática da oficina de graffiti e muralismo nos muros internos da pracinha da escola. Um ponto de reflexão importante que faz parte da Proposta Político-Pedagógica da

escola foi brevemente descrita para Kelvin, relatando que, nesta proposta, a exploração do ambiente externo e a integração das crianças com a natureza é o foco. Por esse motivo, a qualificação da pracinha é considerada muito importante. Durante o cotidiano vivido com as crianças, por exemplo, os elementos da natureza são observados e alguns são utilizados para brincar, explorar e criar. O brincar com e na natureza, ou seja, com terra, água, galhos, folhas, pedras é visto como direito das crianças que deve ser garantido pela escola. Sentir-se pertencente à natureza é fundamental. E nada melhor do que a arte para completar esta aproximação em um ambiente urbano como o nosso.

Foi assim que, seguindo todos os protocolos de prevenção à Covid-19, as aulas da Oficina de Muralismo foram realizadas no espaço do Vila Flores e as pinturas no muro interno da escola foram realizadas em um lindo e frio sábado de inverno, que foi aquecido pelas cores e pelo entusiasmo que, aos poucos, transformaram o nosso espaço e, consequentemente, o nosso dia a dia na escola.

No sábado em questão, o educador preparou para as crianças e toda a comunidade escolar uma encantadora surpresa para o retorno às aulas após o recesso de inverno: um muro repleto de pinturas lindas que remetem às infâncias e à natureza.

Foi emocionante ver a felicidade das crianças observando cada mural junto das famílias, que foram convidadas a contemplar cada pintura junto com sua criança.”

— Simoni Cezimbra Porto, diretora da EMEI JP Meu Amiguinho

OFICINA GRAFFITI DE VILA A VILA COM A ARTISTA E EDUCADORA SOCIAL SABRINA BRUM

A turma contou com 10 vagas gratuitas, exclusivas para educadores sociais. A atividade formativa foi realizada em 5 encontros. As aulas teóricas aconteceram presencialmente no galpão do Vila Flores, e os encontros de pintura do mural no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua – Centro POP III, no bairro Navegantes.

Os objetivos da oficina foram: aumentar o grau de informação sobre a cultura *hip hop*; ampliar a capacidade do educador em processar, produzir e passar a verdadeira cultura da arte graffiti; reforçar uma cultura de solidariedade entre os protagonistas deste movimento; construir uma metodologia de trabalho que possa contribuir para o melhor aprender do oficinando; trabalhar o graffiti em todos os seus gêneros.

O resultado da oficina foi um mural pintado coletivamente na parede de entrada do Centro POP III, integrado à horta vertical que já havia no espaço.

“Ter sido convidada a participar desse projeto da oficina de graffiti foi fantástico, porque foi uma experiência diferente de tudo que eu já vivenciei, porque trabalhar





com pessoas, com educadores, que trabalham com pessoas em situação de rua, é algo que eu admiro muito, pois vai além do nosso trabalho social. Esse graffiti que fizemos teve um resultado muito positivo, super colorido. Foi muito desafiador, pois eu deixei bem livre para os educadores escolherem de que forma elaborar, e eles fizeram um trabalho incrível. Eles criaram a arte em cima do que o pessoal do Centro POP, as pessoas que são atendidas pelo serviço já executavam, e os educadores sociais trabalharam em cima do que eles já haviam feito num trabalho anterior e isso foi demais. A mensagem ficou bem dentro do que eles gostam, do que eles se identificam, o que eles vivenciam e existe na vida deles.

Trabalhar com os educadores somou muito no meu trabalho, na minha experiência e acho que o desafio de poder oportunizar a eles o aprendizado da técnica do graffiti foi demais, porque eles foram muito criativos. Eu acredito que tudo isso vai impactar bastante na vida deles... trazer cor, vida e alegria, coisas que eles precisam levar para o dia a dia deles, né?"

— Sabrina Brum (Bina), artista e educadora social

"O projeto De Vila em Vila dialoga com a ideia do Centro POP de trazer o território como elemento central – retratando e desenvolvendo o pertencimento dos

indivíduos ao lugar de ser e estar. Aqui pensando território como dinâmica viva onde se busca apreenderam ambiguidades e os potenciais presentes ali contidos.

A proposta pedagógica de apresentar a história do *Hip Hop* e o graffiti como ferramenta de expressão visual e política e envolver os educadores sociais vinculados a estes fragmentos de realidade concretiza a riqueza que reside nas variadas experiências vividas no cotidiano do Centro POP. Desta forma retratando as características das trajetórias apresentadas por cada sujeito que acessa o serviço. Pois o desenho trouxe elementos ilustrados pelos sujeitos que acessam o serviço representando o significado do espaço em suas vidas. Como uma transição da rua para o lugar de possibilidades e novos projetos de vida.

Além disso, são desenhos coloridos, que caracterizam um coletivo que utiliza a arte como forma de expressão do cotidiano, resistência e inclusão."

— Maura Camboim, assistente social, atua na Coordenação do Centro POP III

"Logo nos primeiros registros que Bina apresentou da sua trajetória no graffiti, fui pensando sobre o poder da extensão do verbo através da arte e o dolo que é a privação de cultura e diferentes formas de expressão. Ao irmos para o momento

prático da oficina, é sugerido desenhar formas geométricas para treino posterior com o spray.

Fechei os olhos e imediatamente me conectei a um caramujo, que como a população em situação de rua, tem a si próprio como morada. Trouxe arte-finalizado no mural coletivo, com as cores de um dia luminoso de Sol."

— Pâmela Ribas, desde 2016 usando a arte como ferramenta de liberdade e há dois anos educadora social no Centro de Referência para População em Situação de Rua (Centro POP)

OFICINA DE GRAFFITI PARA CRIANÇAS COM OS ARTISTAS JACKSON BRUM E KELVIN KOUBIK

A atividade formativa contou com a participação de 10 crianças e jovens entre 6 e 14 anos, moradores do loteamento Santa Teresinha e atendidas pelo Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini.

Organizados em duas turmas com faixas etárias diferentes, as crianças e jovens participaram primeiramente de uma atividade de desenho e de conhecimento teóricos sobre o graffiti para, então, realizar a pintura de um painel coletivo nos muros da creche Menino Jesus e do Centro Social Marista.

"Eu gosto muito de trabalhar com as oficinas justamente pela essência do que podemos passar. Nas minhas oficinas com arte, tanto na dança como no graffiti, eu

prezo muito pela pessoa, a criança ou o adolescente. Que a pessoa aprenda, mas principalmente possa sentir. A ideia nesse encontro foi não se preocupar especificamente com a técnica, ou com o resultado estético, mas sim experimentar, no sentido de que as crianças e jovens possam se soltar, aproveitar as informações passadas e usar do jeito que acharem melhor, sem se preocupar se está certo ou bonito. Até porque na arte isso não existe. A máxima de que trabalhar com as crianças é muito mais aprender do que ensinar, é sempre muito verdadeira. A gente aprende que a espontaneidade é algo lindo demais, o resultado é sempre bonito, pois veio delas, das crianças. Como elas ainda não tinham o domínio da técnica, estavam aprendendo, tentando, experimentando. E o tentar, perder o medo de criar, é o mais importante."

— Jackson Brum, artista visual, dançarino e educador

"A oficina teve início com um momento de sensibilização dos educandos sobre o que significa a expressão artística denominada graffiti e suas características enquanto arte urbana contemporânea.

Os educadores fortaleceram a ideia do graffiti como arte feita em muros e paredes públicas ou privadas (com a devida permissão) e ficou bem presente para as crianças a expressão artística do graffiti



como contribuição na paisagem da cidade ao manifestar diferentes ideias. Após a conversa os educandos foram convidados a deixar suas marcas inscritas nos muros do Centro Social e da Escola de Educação Infantil, com inúmeras formas curvas e pontos de vistas estéticos.

A oficina de graffiti foi um momento muito rico e significativo para nossas crianças, que tiveram a oportunidade de ter contato com uma arte que humaniza e transforma o espaço urbano. Embeleza ao mesmo tempo em que defronta a cidade e suas contradições, obrigando todos a contemplarem suas alegrias, tristezas, medos, revoltas, convicções, crenças, ideologias. Foi possível também para cada um e cada uma tornar seus sentimentos concretos ao grafita-los nas paredes."

— Caroline Carlet, coordenadora pedagógica do Centro Social Marista Ir. Antônio Bortolini



Graffiti

The graffiti workshops aim to bring people of different ages closer to urban art, always thinking about educational spaces and spaces of social relevance in the territory. The workshops took place at three different times within the De Vila a Vila program. Conducted by artist-educators Kelvin Koubik, Jackson Brum and Sabrina Brum, they all contemplated a moment of theoretical training within educational spaces, at Vila Flores or Vila Santa Teresinha. In a second moment, the participants were able to put into practice what they had learned. Take ownership of your surroundings and express your ideas.

MURAL PAINTING AND GRAFFITI WORKSHOP WITH VISUAL ARTIST KELVIN KOUBIK

From theory to practice, the workshop proposed an immersion into the universe of Mural Painting. Converging classical painting, graffiti and urban art, the meetings ranged from the emergence of artistic language and the important names in history to today's effervescence. In this workshop, it was possible to experience this art form from its initial idea to its representation on a large scale, dealing with techniques and technology.

"The meetings took place in the Vila Flores warehouse and had 10 participants,

including amateurs and experienced artists. The painting was carried out at the Meu Amiguinho Elementary School, located in Praça Florida, next to Vila Flores. The results were 10 different murals, created by each participant with different themes related to childhood.

Knowledge is meant to be shared. Graffiti and mural painting transformed and continues to transform my life, it made me achieve things I never imagined I could achieve. The fundamental goal of this knowledge sharing is to transform other people's lives and make them also believe that change can happen through the landscape, making people reflect, or simply feel better."

— Kelvin Koubik, visual artist and educator

"In 2020, amidst the pandemic challenges, a dialogue sealed the partnership between Vila Flores and Meu Amiguinho Elementary School. The school's team studies and tries to put into practice, on their own way, an idea of 'unwalling' children's education.

Talking to visual artist and mural painter Kelvin Koubik, we created the possibility of carrying out the hands-on part of the graffiti workshop on the internal walls of the schoolyard. An important point of consideration, which is part of the school's Political-Pedagogical Proposal, was briefly

described to Kelvin. In this proposal, the exploration of the external environment and the kid's integration with nature is our focus. For this reason, exploring the yard is considered very important. During the kid's daily lives, for example, elements of nature are observed and some of them are used for playing, exploring and creating. Playing with and in nature, that is, with dirt, water, branches, rocks, is seen as a right for these kids, a right that must be guaranteed by the school. Feeling like you belong in nature is essential. And nothing better than art to complement this approach, in an urban environment like ours. It was like this, following all the safety measures against Covid-19, that the Mural Painting Workshop classes took place during a beautiful and cold Saturday, which was warmed through the colors and the enthusiasm that, little by little, transformed our space and, subsequently, our day-to-day at the school.

That Saturday got the kids and the school community ready for a lovely surprise when classes returned after the winter break: a wall full of beautiful paintings that takes us back to our childhood and to nature. It was thrilling to see the children's happy faces while they observed each mural and also the families that were invited to look at each painting along with their kids."

— Simoni Cezimbra Porto, Headmaster of Meu Amiguinho Elementary School

DE VILA A VILA GRAFFITI WORKSHOP - WITH ARTIST AND SOCIAL EDUCATOR SABRINA BRUM

The group had 10 free spots, exclusively for popular educators. The formative activity was carried out in 5 meetings. Theoretical classes took place in-person at the Vila Flores warehouse, and the mural painting meetings were held at the POP III Center, in the Navegantes neighborhood, which serves the homeless population.

The workshop's goals were to increase the level of information about hip-hop culture; expand the educators' capacity to process, produce and transmit the true graffiti art culture; reinforce a culture of solidarity among the protagonists of this movement; build a work methodology that can contribute to the best learning experience for the workshop; work with graffiti in all its genres.

The workshop result was a collectively painted mural on Pop III Center's entrance wall, integrated into the vertical vegetable garden that already existed in the space.

"Being invited to participate in this graffiti workshop project was fantastic, because it was a very unique experience. Working with people, with educators who work with homeless people, is something I really admire, as it goes beyond our social work. This graffiti we did had a very positive result, super colorful. It was very challenging, since it was up to the educators to choose how to do it, but they did an amazing job. They created the art on top of what people at

the Pop Center were already doing, and the social educators worked on what they had already done in a previous work and that was awesome. The message was very much connected to what they like, what they identify with, what they experience and what exists in their lives.

Working with educators added a lot to my work, to my experience. I think the challenge of being able to provide them with opportunities to learn graffiti was awesome, because they were very creative. I believe that all of this will have a big impact on their lives... it'll bring color, life and joy, things they need to take to their daily lives, right?!"
— Sabrina Brum (Bina), artist and social educator

"Since the first records that Bina presented about her graffiti journey, I started thinking about the power of expanding the verb through art and how painful the deprivation of culture and different forms of expression is. When we go to the practical moment in the workshop, it is suggested that people draw geometric shapes for later training with the spray.

I closed my eyes and immediately connected with a snail, which, like the homeless population, has itself as its home. I drew it on the collective mural, using the colors of a bright sunny day."

— Pâmela Ribas, since 2016 using art as a tool of freedom and, for the past two years, social educator at the Reference Center for the Homeless Population

GRAFFITI WORKSHOP FOR CHILDREN WITH ARTISTS JACKSON BRUM AND KELVIN KOUBIK

The training activity was attended by 10 children and teenagers between 6 and 14 years old, residents of the Santa Teresinha allotment, and assisted by the Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center.

Organized into two age-groups, they first learned about drawing and graffiti theory, and then painted a collective panel on the walls of the Menino Jesus Daycare and the Marist Social Center.

"I really enjoy teaching the workshops precisely because of the essence of what we can transmit. In my art workshops, both in dance and graffiti, I really appreciate the person, the child or the teenager. I hope that they learn, but also feel. During this workshop, the idea was not to be specifically concerned with the technique or with the aesthetic result, but to experiment, in the sense that children and teenagers can loosen up, take the information they

have and use it as they see fit, without worrying whether it's right or beautiful. Especially since "right" doesn't exist in art. The expression that says that working with children is much more about learning than teaching is always very true. We learn that spontaneity is something very beautiful, the result is always beautiful, because it came from them, from the children. Since they didn't have mastery over the technique, they were learning, trying, experimenting. And trying, losing the fear of creating, is the most important thing."

— Jackson Brum, visual artist, dancer and educator

"The workshop began with a moment to raise the awareness of students about what the artistic expression called Graffiti means and its characteristics as a contemporary urban art.

The educators reinforced the idea of graffiti as art made on public or private (with proper permission) walls. The kids really got the idea of graffiti's artistic expression as a contribution to our city landscape because it manifests different ideas. After the conversation, the students were invited to leave their marks on the walls of the Social Center and the School, with countless curved shapes and aesthetic points of view. The Graffiti workshop was a very rich and significant moment for our children, who

had the opportunity to be in contact with an art that humanizes and transforms urban space. Graffiti brightens up and, at the same time, confronts the city and its contradictions, forcing everyone to contemplate its joys, sadness, fears, uprisings, convictions, beliefs, ideologies. It was also possible for each and every one of them to make their feelings concrete by graffitiing on the walls."

— Caroline Carlet, Pedagogical Coordinator of the Irmão Antônio Bertolini Marist Social Center



Hortas comunitárias

A oficina de hortas comunitárias foi realizada junto da Cooperativa de Habitação e Trabalho 20 de Novembro e reuniu conhecimentos teóricos e empíricos sobre hortas e sobre articulação comunitária para, através de mutirões e encontros, construir a horta comunitária do Assentamento 20 de Novembro. A intenção da oficina foi também de articular, a partir dela, a formação de uma horta do território do 4º Distrito, se espelhando no exemplo da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro e em parceria com o Loteamento Vila Santa Teresinha.

"A oficina de horta urbana do Vila Flores contribuiu para o fortalecimento da proposta do Assentamento 20 de Novembro, que contempla uma compreensão de sustentabilidade que é social, econômica e ambiental. A produção de alimentos saudáveis nas cidades e pelas próprias pessoas para seu consumo deveria ser cada vez mais incentivada em um contexto de agravamento da fome e da miséria. A possibilidade de cultivar alimentos de forma coletiva, além de agregar e fortalecer o sentimento de comunidade e pertencimento, também produz uma ação prática na contramão do agronegócio que domina o consumo nas cidades e destrói o

meio ambiente e a saúde pela garantia do lucro acima de tudo. A conexão e troca de conhecimentos técnicos e populares gera frutos e aprendizados, necessários ao processo de resistência à lógica do capital que aumenta cada vez mais as desigualdades sociais.”

— Ceniriani Vargas da Silva (Ni), moradora do Assentamento 20 de Novembro, presidente da Cooperativa 20 de Novembro, atua na Coordenação Estadual do Movimento Nacional de Luta pela Moradia-RS e no Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional

“Bueno, eu que sou do interior sou acostumado a ver o plantio extensivo, que é uma cultura brasileira, de quanto mais terra melhor. É algo que está intrínseco na sociedade, isso vem do ‘boom’ do agronegócio, mas acabamos absorvendo essa ideia no nosso cotidiano. Na verdade, o que a gente tem que focar, e que as oficinas da horta nos ensinam bastante, é pensar na horta intensiva, ao invés de extensiva. Que ela se demonstre de qualidade em poucas áreas.

Eu acho que a luta política atual, nos leva a pensar novas maneiras de produção. O problema alimentar nos proporciona pensar novas formas de diálogo com a natureza. As oficinas de horta vieram bem a calhar, com nosso pensamento e nosso planejamento, não só para o Assentamento 20

de Novembro, mas poder expandir para o território. Que cada sacada, pequeno pátio, calçada, possa produzir um pouco da sua subsistência, que também se torna renda... uma cabeça de alface que a pessoa não precise comprar no mercado, já acrescenta na renda familiar, né?!

A proposta da horta dialoga muito com o que a gente acredita, com a questão do agroecológico, de desenvolver uma produção alimentar onde a saúde humana vem em primeiro lugar.”

— Douglas Cordeiro, integrante do Movimento Sem Terra (MST), participa do Movimento Nacional de Luta pela Moradia-RS (MNLM) e é morador do Assentamento 20 de Novembro

“Gostaria de relatar a importância que foi a oficina da horta aqui no Assentamento. Amamos, eu e as crianças plantando alimentos e ervas, fazendo os cuidados com a terra, foi maravilhoso. Sem falar que isso uniu mais as mulheres do Assentamento e nos instigou a continuar e aumentar os plantios.”

— Tatiana Nogueira, costureira e moradora do Assentamento 20 de Novembro

“O que eu achei mais legal, além da ideia de que trabalhar com a natureza nos ajuda muito a nos conectar com os ciclos e entender a relação com tempo, o que mais

me surpreendeu foi perceber um tempo diferente de fazer as coisas, produzir uma horta num tempo do coletivo e não em um tempo de produção capitalista. Quando estávamos lá no assentamento construindo a horta, eu, que trabalho com paisagismo, me dei conta de que a velocidade era outra, não tinha uma correria de estar fazendo algo por dinheiro. Eu acho que isso é muito poderoso, sabe? Me apercebi que existem outras formas de produzir, de fazer, de trabalhar, de agir, que não estão dentro do capitalismo. Isso é muito bom, pois, além de estar alimentando as pessoas com o alimento da horta, fazendo isso também estamos alimentando uma outra possibilidade de mundo.”

— Pedro Rodrigues, engenheiro agrônomo, sócio do Estúdio Acca – paisagismo e arquitetura

“Como uma forma de inspiração para a construção da horta da Cooperativa 20 de Novembro fomos visitar a horta comunitária da Lomba do Pinheiro, com intuito de aprender mais sobre as plantas e trazer algumas mudas também. Dona Lurdes, que é a grande guardiã da horta, nos recebeu com um sorriso no rosto, daqueles sorrisos sábios, de quem sabe conversar com a natureza. Passeamos com ela por entre os canteiros, sentindo os aromas, ouvindo cantar os passarinhos, cigarras e outros insetos, maravilhadas com as cores, os sabores e potência nutricional e medicinal de

cada planta, que a Lurdes ia nos ensinando. Na horta da Lomba, tudo é plantado junto, em cooperação, num sistema de agrofloresta. Uma planta ajuda a outra a crescer: flores, árvores, hortaliças, ervas, raízes, grãos. Uma verdadeira diversidade em comunhão. Depois de nos contar maravilhas sobre a relação entre as plantas, do que elas precisam para crescer e dos seus benefícios para nossa saúde, Lurdes repetia: ‘Eu não sei nada minha gente, tudo é uma troca’”.

— Antonia Wallig, coordenadora pedagógica do projeto De Vila a Vila





Community gardens

The community vegetable garden workshop was held along with the 20 de Novembro Cooperative. It gathered theoretical and empirical knowledge about vegetable gardens and community articulation to, through joint efforts and meetings, build the community vegetable garden of the 20 de Novembro Settlement. The intention of the workshop was also to articulate the formation of a vegetable garden in the 4th District, mirroring the example of Lomba do Pinheiro's community garden, in partnership with the Vila Santa Teresinha Allotment.

Vila Flores' urban garden workshop reinforced our settlement's proposal to contemplate sustainability in its social, economic and environmental aspects. The growing of healthy food in the cities and by people for their own consumption should be encouraged since we are in a context where hunger and poverty are getting worse. The possibility of growing food collectively, in addition to creating and stimulating a feeling of community and belonging, also produces a practical action that goes against the agro-industry, which dominates food consumption in urban areas, destroying the environment and people's health in the name of profits above everything else. The connection and the sharing of popular and technical knowledge generates lessons that are essential for the

process of resisting the logic of capitalism, which keeps increasing social inequality."
— Ceniriani Vargas da Silva (Ni), Resident of the 20 de Novembro Settlement, Head of 20 de Novembro Cooperative, working at the State Coordination of the National Housing Movement (MNLM) and at the State Counsel for Food Safety

"Well, I'm from the countryside, so I'm used to see extensive crops, something very Brazilian, the more land the better. It's something innate in society, this comes from the agro-industry boom, but we ended up buying this idea in our day-to-day lives. Actually, we have to focus, and that's what the workshops are teaching us, we have to think about intensive crops, not extensive. We want better quality for our vegetable gardens in a few square meters.

I think our current political struggle leads us to think about new ways of producing. The food issue allows us to think about new ways of communicating with nature. The garden workshops came in handy, with our thinking and planning, not only to the 20 de Novembro settlement, but for the whole territory, possibly. That every balcony, every patio, sidewalk, could grow things for its own survival, generating income... a single piece of lettuce that's not store-bought is already something for the family's income, right? The vegetable garden proposal is in

dialogue with what we believe, with the agroecological issue, of developing some way of food production where human health comes first."

— Douglas Cordeiro, member of the Landless Worker's Movement (MST), part of MNLM and resident at the 20 de Novembro settlement

"I would like to talk about the importance of the vegetable garden workshop here in the Settlement. We loved it, me and the children, planting food and herbs, taking care of the land, it was wonderful. Not to mention that this brought the women of the Settlement closer together and urged us to continue and increase planting."

— Tatiana Nogueira, seamstress and resident of the 20 de Novembro Settlement

"What interested me the most, besides the idea of working with nature, which helps us to connect with the cycles and understand the relationship with time, was realizing there's a different time of doing things. We grew a vegetable garden in a collective time and not in a time of capitalist production. When we were there in the settlement, building the vegetable garden, I, who work with landscaping, realized that the speed was different, there was no rush to be doing something for money. I think this is very powerful, you know? I realized that there are other ways to grow, to do, to work, to

act, which are not ruled by capitalist logic. This is very good, because in addition to feeding people with food from the garden, by doing this we are also feeding another possible world."

— Pedro Rodrigues, agronomist, partner at Estúdio Acca – landscaping and architecture

"As a way of gaining inspiration for the construction of the cooperative's vegetable garden, we went to visit the garden at Lomba do Pinheiro, in order to learn more about the plants and bring some seedlings as well. Mrs. Lurdes, who is the great guardian of the vegetable garden, welcomed us with a smile on her face, the wise smile of someone who knows how to talk to nature. We walked with her through the seedbeds, inhaling the smells, listening to the birds, cicadas and other insects sing, marveling at the colors, flavors and the nutritional and medicinal powers of each plant, which Lurdes was teaching us. In Lomba's vegetable garden, everything is planted together, in cooperation, in an agroforestry system. One plant helps another to grow: flowers, trees, vegetables, herbs, roots, grains. A real diversity in communion. After telling us wonders about the relationship between plants, what they need to grow and their benefits for our health, Lourdes repeated: 'I don't know anything, my people, everything is a tradeoff'."

— Antonia Wallig, Pedagogical Coordinator of the De Vila a Vila project



Saboaria artesanal natural

A Oficina de Saboaria Artesanal Natural foi realizada com o objetivo de fomentar a prática da autonomia, do autocuidado e do empoderamento feminino, bem como de incentivar o cuidado com nossa natureza, casa, corpo e ambiente através das ervas medicinais, incentivando a produção do sabão e produtos de limpeza também para a geração de renda. A atividade integrou a programação do projeto De Vila a Vila e foi ministrada presencialmente no galpão do Vila Flores por Fernanda Rosa, da Mandinga Pura Cosméticos Naturais. Contou com 10 participantes e 5 encontros.

O conteúdo contemplado foi: história da saboaria; sabão de água de cinzas ou água de coada; feitio de sabão pelo método a frio; infusões com ervas; feitio de sabão com óleo de cozinha; feitio de sabão líquido para louça; feitio de sabão líquido para roupas; feitio de aromatizador de ambientes.

"Quando nós, mulheres, nos juntamos em roda com as ervas, estamos fazendo um chamado ancestral, um resgate da nossa essência que, muitas vezes, é obstruída pela correria e pelas necessidades do nosso dia a dia. Quando nos juntamos em roda, o rio transborda, é de potência que estou falando, e foi potência que vi nesse encontro.

Mulheres muito diferentes entre si, mas com um olhar em comum, a busca por fortalecer essa conexão com nossas raízes. A saboaria é o resgate ancestral, foi provavelmente descoberta ao acaso, enquanto cozíamos nosso alimento diretamente sobre o fogo, e a gordura animal, misturada às cinzas, formava uma pasta, que formava espuma e ajudava a limpar melhor os tecidos quando em contato abundante com a água.

A Saboaria Atual une esse saber coletivo com a ciência, nos auxiliando a compreender quimicamente esse processo e criar um produto seguro para uso. É mais do que bolhas de sabão que estamos criando, é autonomia, é autoestima, é potência.

E não poderia ser melhor o resultado desse encontro, nos conectamos, rimos, nos emocionamos, reencontramos dentro de nós, espelhadas umas nas outras, um brilho no olhar, um conforto no coração. E é nessa revolução que acredito, a que toca o coração de cada pessoa e que te faz sentir capaz de construir algo que vá beneficiar as pessoas ao seu redor. Sou muito grata por essa oportunidade!"

— Fernanda Rosa, bióloga, professora e educadora de saboaria

"O curso de Saboaria Artesanal foi além das minhas expectativas: um começo de uma boa maneira de empreender com

pouco investimento e dar condições de um ganho informal a quem está precisando de uma renda. Também podemos repassar nosso conhecimento para pessoas que estejam interessadas em melhorar o planeta com um consumo inteligente. Gratidão pela oportunidade."

— Adriana Terezinha Machado da Silveira, artesã em constante aprendizado

"Vila Flores, espaço que nos transporta para uma viagem multidimensional. O curso de saboaria não foi diferente. Oportunidade de contar a sutileza, a força, da mulher selvagem, benzedeira, mandingueira através das ervas, alquimias, histórias de coragem, saber ancestral de cura, de cada ser tocado.

Mandinga Pura, a Fernanda, mulher sábia que partilhou seu conhecimento em cinco encontros, sutil despertar, acolhida, conquista, lembrando que juntas, somos mais. Como continuidade do curso, fomos convidadas a participar da feira do V Simultaneidade: Comunidades Possíveis, e quem fez o curso de saboaria pode expor suas alquimias. Foi assim que me lancei como saboeira, com uma marca neutra, gerada em parceria, até criar a Neutres (@elementes_neutres)."

— Elizangela Borges de Fraga, como muitas de nós, mulher de multipotências, manicure, padeira, feirante e, agora, saboeira



Natural soapmaking

The Natural Soapmaking Workshop was held with the goal of practicing autonomy, self-care and female empowerment, taking care of our nature, home, body and environment through medicinal herbs, while also encouraging the production of soap and cleaning products for income generation. The activity was part of the De Vila a Vila project, and was taught in-person at the Vila Flores warehouse by Fernanda Rosa, from Mandinga Pura Natural Cosmetics. It had 10 participants and 5 meetings.

The content covered was: history of soapmaking; ash soap; cold process soapmaking; herbal infusions; soapmaking with cooking oil; liquid dish soap; liquid soap for clothes; soap as an air freshener.

"When we women get together in a circle with herbs, we are making an ancestral call, redeeming our essence which is often obstructed by the rush and the needs of our daily lives. When we get together in a circle, the river overflows, it's power I'm talking about, and it was power that I saw in that meeting.

Women who are very different from each other, but with a common outlook: they are trying to strengthen this connection with their roots. Soapmaking is an ancestral tradition, it was probably discovered by

chance, while we cooked our food directly over the fire, and animal fat, mixed with ashes, formed a paste, which formed a foam that helps to further clean fabrics tissues when in abundant contact with water.

Nowadays, soapmaking unites this ancestral knowledge with science, helping us to chemically understand this process and create a safe product. It's more than soap bubbles we're creating, it's autonomy, it's self-esteem, it's power.

And the result of this meeting couldn't be



better. We connect, laugh, feel emotional, find ourselves within ourselves, mirrored in each other, a sparkle in our eyes, a comfort in our hearts. And it is in this revolution that I believe, the one that touches the heart of each person and makes you feel capable of building something that will benefit the people around you. I am so grateful for this opportunity!"

— Fernanda Rosa, biologist, teacher and soapmaking educator

"The Natural Soapmaking Workshop went beyond my expectations, the beginning of a good way to be an entrepreneur with little investment, a way to provide extra money for those in need of income. We can also pass on our knowledge to people who are interested in helping the planet with sustainable consumption. I'm very grateful for the opportunity."

— Adriana Terezinha Machado da Silveira, artisan in constant learning

"Vila Flores, a space that transports us to a multidimensional journey. The soapmaking workshop was no different. It was an opportunity to be in contact with the subtlety and strength of the wild woman, healer, a witch that uses herbs, alchemy, stories of courage, ancestral healing knowledge, each being that she touches.



Mandinga Pura, Fernanda, a wise woman who shared her knowledge in five meetings, subtle awakening, welcoming, conquest, remembering that together we are more.

Following up on the workshop, we were invited to join the fair at the V Simultaneidade: Comunidades Possíveis, and those who took the soapmaking course were able to present their alchemies. That's how I introduced myself as a soap maker, with a neutral brand generated in partnership, until I created Neutres (@elementes_neutres)."

— Elizangela Borges de Fraga, like many of us, a woman with many powers, a manicurist, a baker, a grocer and now a soap maker

Canteiro Vivo

O Programa de Educação Patrimonial Canteiro Vivo, realizado pela Associação Cultural Vila Flores e parceiros, contempla atividades e ações em diferentes formatos, na busca por pensar a preservação do patrimônio cultural de forma crítica e sensível. Teve seu início com o próprio restauro e a readequação do complexo arquitônico datado de 1928 que, hoje, abriga o centro cultural Vila Flores, seus projetos e suas mais de 40 iniciativas de economia local.

O Programa busca trabalhar os conceitos de conservação, zeladoria e restauro do patrimônio cultural enquanto construção coletiva e transformadora para o fortalecimento de elos comunitários, através da união das dimensões materiais e imateriais do patrimônio.

No ciclo de atividades compreendido entre 2019 e 2020, a primeira atividade promovida foi a exposição Queremos Falar Daqui: Democratizando a Arquitetura no 4º Distrito. Já a segunda atividade, foi o 1º FAZER: Fórum de Ação, Zeladoria, Educação e Resistência Patrimonial. Também foi

lançada uma série de vídeos intitulados “Que histórias os objetos nos contam?” e “Que histórias as paredes nos contam?”. Uma produção audiovisual de viés sensibilizadora que busca pensar as noções de memória coletiva, identidade e resiliência.

Por fim, em 2021 e 2022, foi possível realizar com recursos da Lei Aldir Blanc e do edital Relief Fund, do Goethe-Institut, e junto da ONG Mulher em Construção e do Estúdio Sarasá, três oficinas gratuitas de conservação e zeladoria, com duração de uma semana cada, formando 35 mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica. As oficinas possibilitaram a construção de uma rede de apoio e capacitação para a geração de renda para mulheres, através do ensino de técnicas construtivas tradicionais sob um viés sensível, aliando preservação, cidadania e geração de renda.

“A visão de patrimônio histórico que eu tinha antes da oficina era bem técnica, e acredito que essa tenha sido uma das coisas que eu mais gostei, que eu mais aprendi, durante esse período, que foi como observar uma edificação e como trazer isso para o cotidiano, a maneira de sentir uma edificação, o olhar sobre ela... E principalmente vindo de uma forma da construção muito convencional, essa forma de olhar eu acredito que é o que eu mais vou buscar empregar na minha carreira. E isso de fato foi o que eu mais gostei.

Eu aceitei participar do convite pra fazer a oficina pela possibilidade de multiplicar

esse conhecimento através da ONG, para as outras meninas, então estar a frente disso pra mim foi desafiador.”

— Ana, 27 anos, atua na cooperativa Gurias na Obra como engenheira civil

“Fiquei sabendo desse curso através da Misturaí. Áí, pá! Me deu um estalo: é isso que eu quero fazer, quero aprender. Eu achava que, no meu tempo de vida isso não seria possível, nunca me passou pela minha cabeça que eu faria um curso desses. Então pra mim foi um ótimo aprendizado, vou levar pra vida o que aprendi aqui... Saio realizada, não só pelo o que eu aprendi, mas também porque conheci gente maravilhosa, pessoas boas que vou levar pra vida. E que me deram muito carinho, muito amor, e isso é que é importante, né?

Olha, patrimônio cultural é tu conservar o que tu tem na tua comunidade, ensinar os teus filhos a conservar e a não destruir as coisas. Eu aprendi muitas coisas com esse prédio, conheci a história dele, e fiquei amando ele. (risos)”

— Tânia, 59 anos, voluntária no Instituto Misturaí

“A gente aprendeu bastante. Aprendeu como fazer tinta, cimento, argamassa, coisas que a gente não sabia como fazer. Eu queria aprender sobre construção,

no caso, se tiver alguma coisa pra gente arrumar na nossa casa mesmo, a gente não precisar depender de homem, sabe? A gente saber fazer também.”

— Carina, 23 anos, auxiliar de limpeza

“Quando recebi o convite – eu vou ser bem sincera – eu não levei muita fé assim, sabe? Áí já no primeiro dia do curso, eu adorei, adorei o curso, adorei trabalhar no restauro do patrimônio histórico.

Eu fiquei impressionada porque tinham pessoas formadas, engenheiras, também fazendo o curso e todas elas empenhadas no curso como a gente. Eu adorei esse empenho, de trabalhar junto com elas, aprendendo com elas. Quando tinha alguma coisa que eu não sabia, eu perguntava pra elas que já eram formadas. É um incentivo pra, futuramente, a gente trabalhar com isso. Eu pretendo, se for possível, trabalhar aqui no Vila, restaurar, aprender mais na prática. Foi muito bom, foi ótimo o curso. Eu adorei, amei, especialmente a área de pintura.”

— Célia Pinheiro, 47 anos, serviços gerais no Vila Flores

“A importância do patrimônio cultural pra mim é o resgate de uma história, de um processo de vida das pessoas... é a nossa própria existência.



A oficina que foi desenvolvida aqui no Vila Flores, de restauro, através dessa parceria com o Estúdio Sarasá, o Vila Flores e a Mulher em Construção é um casamento perfeito, porque traz a história dos nossos antepassados, traz a história do que a gente tem há pouco tempo atrás, que é 100 anos atrás, e que ensina o nosso grupo de mulheres a botar a mão na massa e realmente trabalhar com algo que elas não conheciam.

Pra nós, foi uma satisfação muito grande ter esses conhecimentos que a gente não tinha. Até então a gente só trabalhava na construção civil, no processo da obra mesmo, e não na reconstrução. É um trabalho que pode sim render um bom serviço, na questão de gênero, delas ganharem dinheiro, poderem se sustentar.

Isso tudo nos traz o respeito pela história, pegar o próprio organismo da Terra, e aproveitar o que tu tem fora da industrialização, e trabalhar com a matéria que tu tens ali disponível, transformar ela pra tua construção própria.

Então a gente vê que nós estamos preparando excelentes multiplicadoras para que isso seja feito para mais mulheres e para também quem sabe elas ensinarem os próprios homens das suas vidas.”

— Bia Kern, 62 anos, empreendedora social, presidente e fundadora da ONG Mulher em Construção

“Patrimônio é aquilo que eu sei, aquilo que eu penso e aquilo que eu tenho. Eu costumo dizer que cada vez mais é falar cada vez menos da edificação e sim da dimensão humana, seja na construção, seja na preservação, resgatar esses saberes, esses suores e esse conhecimento pra gente tentar hoje pensar a preservação.

Quando a gente pensou em falar do patrimônio cultural edificado, a gente teve um desafio de como relacionar isso e como falar pra um público essencialmente formado por mulheres. A gente costuma dizer que o patrimônio em si, etimologicamente, tem uma relação do poder familiar, do legado deixado de pai pra filho, com a presença do homem historicamente, socialmente e culturalmente, né?

A cultura a gente diz que é arar a terra, é a produção, é a fertilidade, e isso é essencialmente mulher, a Terra, o feminino, a força do feminino. E aí então em primeiro lugar a gente quis resgatar quem foram as mulheres que construíram o patrimônio, tantas que a gente não sabe, que estão à frente da preservação do patrimônio ou da conservação de suas casas.

E foi pensando nesse universo que a gente tentou criar e sistematizar um pouco do conteúdo, que essencialmente trata dos saberes e dos fazeres passados, das técnicas construtivas tradicionais pensando

essencialmente na cal, na terra, nos óxidos, onde estão essas fontes de materiais e onde estão essas fontes de saberes? É muito interessante quando, por exemplo, a gente trabalha a pintura à óleo, com um óleo utilizado na cozinha, que posteriormente a gente utiliza como pigmento. relacionando os materiais, as técnicas para preservação do patrimônio, com o universo de cada uma, com o dia a dia.

Como que fazemos pra dar uma qualidade nessa casa utilizando uma pintura a base de cal, que tem essa característica de transpirar, possibilitar ver a edificação como viva, como o nosso corpo? Pra ter um ambiente mais benéfico, mais saudável, dentro de casa. Então eu acho que os conhecimentos aqui certamente podem e devem ser levados pra vida de todas."

— Flávia Sutelo, advogada, coordenadora de projetos culturais no Estúdio Sarasá

"Patrimônio cultural, hoje, é a minha vida. É o que eu faço, o que eu gosto de fazer, e sem patrimônio cultural a gente não tem História, e sem a História a gente seria o que, né? E eu acho que o patrimônio ele é essa hereditariedade, a gente traz isso né, todo mundo tem, e a gente se reconhece nas coisas. Esse é o patrimônio cultural pra mim, esse reconhecimento.

A importância das oficinas é muito grande porque a gente tá trazendo pra um público

feminino, mais sensível, e que muitas vezes vai se reconhecer dentro dessa área de conservação. Porque a gente vive num mundo machista, então as mulheres já tem essa coisa de conservar a casa, de cuidar.

Fazer essa oficina só pras mulheres é uma coisa que eu sempre quis fazer, trazer a mulher pro ambiente de restauro.

O que um edifício precisa, como que a gente olha um edifício, como é que ele respira, quais são as importâncias das aberturas, quais são as importâncias de porão, então a gente deu um apanhado geral, pra iniciar e pra despertar, na realidade, o interesse, pra gente poder em breve se aprofundar mais em cada técnica."

— Magda Rosa, 54 anos, arquiteta urbanista especialista em restauro

Canteiro Vivo

The Canteiro Vivo Heritage Education Program, carried out by the Vila Flores Cultural Association and partners, includes activities and actions in different formats, in an attempt to think about cultural heritage conservation in a critical and sensitive way. It began with the restoration and re-adaptation of the architectural complex dating from 1928 which today houses the Vila Flores cultural center, its projects and its more than 40 initiatives in the local economy.

The Program seeks to work with the concepts of conservation, care and restoration of cultural heritage as a collective and transformative construction for the strengthening of community bonds, through the union of the material and immaterial dimensions of heritage.

In the cycle of activities between 2019 and 2020, the first activity promoted was the exhibition Queremos Falar Daqui: Democratizando a Arquitetura no 4º Distrito. The second activity was the 1º FAZER: Fórum de Ação, Zeladoria, Educação e Resistência Patrimonial. A series of videos called "Que histórias os objetos nos contam?" and "Que histórias as paredes nos contam?" was also released. An awareness-raising audiovisual production whose goal is to reflect about ideas of collective memory, identity and resilience.

Finally, in 2021 and 2022, it was possible to carry out, with resources from the Aldir Blanc Law and from the Goethe-Institut's Relief Fund, along with NGO Mulher em Construção and Estúdio Sarasá, three free conservation and janitorial workshops,

lasting one week each, training 35 women in a situation of socioeconomic vulnerability. The workshops made it possible to build a support and training network for women's income generation, through the sensitive teaching of traditional construction techniques, combining conservation, citizenship practices and income generation.

"The vision of historical heritage that I had before the workshop was very technical, and I believe this was one of the things I liked the most, that I learned the most during this period, which was how to observe a building and how to connect it with everyday life, how to feel the buildings, how to look at one... coming from a very conventional way of looking at construction, I believe this new outlook will be very important for my career. And that was actually what I liked the most.

I accepted the invitation to join the workshop because of the possibility of sharing this knowledge, through the NGO, to other girls. So, leading this was challenging for me."

— Ana, 27 years old, works at the Gurias na Obra cooperative as a civil engineer

"I learned about this workshop through Misturaí. Then, bam! I suddenly realized: this is what I want to do, I want to learn. I thought this would not be possible in my lifetime, it never crossed my mind that I



would participate in such a workshop. So for me it was a great learning experience, I'll never forget what I've learned here... I'm finishing the workshop feeling very accomplished, not only because of what I've learned, but also because I've met wonderful people, good people that I'll never forget. And they gave me a lot of affection, a lot of love, and that's what's important, right?

Look, cultural heritage is about preserving what you have in your community, teaching your children to preserve, not to destroy things. I learned a lot from this building, learned its history, and I loved it. (laughter)"

— Tânia, 59 years old, volunteer at Misturaí

"We learned a lot. We learned how to make paint, cement, mortar, things we didn't know how to do. I wanted to learn about construction, in case there's something for us to fix in our house, we don't need to call a man, you know? We know how to do it too."

— Carina, 23 years old, cleaning assistant

"When I received the invitation - I'll be very honest - I didn't really believe in it, you know? Then, on the first day of the workshop, I loved it. I loved working on historic heritage restoration.

I was impressed because there were people with graduate degrees, engineers, also

taking the course and all of them were just as committed as us. I loved working hard, working together with them, learning from them. When there was something I didn't know, I asked them, cause they had a degree. Yeah, it was an incentive for us to work with this in the future. I intend, if possible, to work here at Vila, to restore, to learn more through practice. It was very good, the workshop was great. I loved it, especially the section about painting."

— Célia Pinheiro, 47 years old, general services at Vila Flores

"The importance of cultural heritage for me is the recovery of a story, of people's lives... it is our very existence.

The restoration workshop that was developed here at Vila Flores, through this partnership with Estúdio Sarasá, Vila Flores and Mulher em Construção, is a perfect match, because it retells our ancestors' history, it retells the history of what we have done not so long ago, 100 years ago, and it teaches our group of women to get their hands dirty and really work with something they didn't know about.

It was a great satisfaction for us to learn something new. Until then we had only worked in civil construction, in construction sites, not in restoration. It is

a job that can indeed provide good income; in terms of gender, it enables the women to make money, make a living. All of this makes us respect this history. We're taking what Earth gives us, we're using what we have outside of industrialization, working with the materials you have available there, transforming it for your own construction.

So we see that we are training excellent women who'll become multipliers, teaching more women how to do this and also the men in their lives."

— Bia Kern, 62 years old, social entrepreneur, head and founder of the NGO Mulher em Construção

"Heritage is what I know, what I think, and what I have. I'm talking less about the building and more about the human dimension, whether in construction or conservation, to rescue this knowledge, this effort, for us to try and think about preservation.

When we had the idea of talking about cultural heritage, our challenge was how to connect it to an audience essentially made up of women. We usually say that the heritage itself, etymologically, has a family power dimension, a legacy left from father to son, with the presence of man historically, socially and culturally, right?

The culture, we say, it's plowing the land, it's production, it's fertility, and that's essentially women, the Earth, the feminine, the feminine strength. So, first of all, we wanted to remember who were the women who built this heritage, so many that we don't know about, who are at the forefront of preserving cultural heritage or their own homes.

From this perspective, we tried to create and systematize some of the content, which essentially deals with past knowledge and practices, traditional construction techniques, thinking essentially about lime, earth, oxides – where are these sources of materials and knowledge? It's very interesting when, for example, we work with oil painting, with an oil used in the kitchen, which we later use as a pigment, connecting materials, cultural heritage conservation techniques, with each woman's universe, their daily lives.

How do we improve the quality of this house using lime-based paint, which has this characteristic of perspiring, of making it possible to see the building as something alive, like our body? To have a more beneficial, healthier environment at home. In my opinion, what they learn here certainly can and should be brought to everyone's lives."

— Flávia Sutelo, lawyer, coordinator of cultural projects at Estúdio Sarasá

"Cultural heritage today is my life. It's what I do, what I like to do, and without cultural heritage we don't have History, and without History what would we be? It's about heredity, we carry it with us, right, everyone has it, and we recognize ourselves in things. This is cultural heritage for me, this recognition.

The workshops are very important because we're bringing them to a more sensitive female audience, who will often relate to the field of conservation. Because we live in a sexist world, so women already know how to take care of their houses, how to preserve them.

Doing a women-only workshop is something I've always wanted to do, to introduce women to the restoration environment.

What does a building need, how do we look at a building, how does it breathe, what's the importance of openings, what's the importance of a basement. We gave them a general overview, to start and to raise their interest, so later we could view each technique in more depth."

— Magda Rosa, 54 years old, urban architect, conservation expert



Skate na Vila

Em 2017, a Vila Santa Teresinha recebeu uma nova pista de *skate*, construída a partir dos esforços do Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini, da Associação Cultural Vila Flores, da Swell Skate Camp e da Spot Skatemarks. De 2018 a 2021, com o apoio do Fundo Social Sicredi, realizamos o sonho de transformar essa pista em um espaço de aprendizado e transformação social para as crianças e jovens da comunidade. Para isso, convidamos a Escola ANDE de Skate para realizar o atendimento de 30 crianças com aulas semanais de *skate* na vila.

O objetivo de promover a inserção social através da prática do *skate* já é uma realidade, mas o projeto precisa de apoio constante para seguir impactando a vida de cada vez mais jovens e crianças. A proposta é realizar ações coletivas que promovam ainda mais acessibilidade à cultura, ao esporte e à educação através de oficinas, encontros, mostras e atividades que valorizem a cultura e a cadeia produtiva do *skate*, promovendo assim melhores oportunidades de vida para as comunidades.

“Quem ainda brinca com brinquedos de madeira? Mergulhados dentro da era digital, especialmente para nós, que vivemos no meio urbano, não seria controverso dizer que é algo raro ver alguém ainda utilizando brinquedos de madeira, não? Bem, não se você é um skatista. Se você é um skatista, você provavelmente passa

grande parte do seu tempo brincando ou pensando em brincar com um brinquedo de madeira. E isso é algo especial.

‘*Skate*’ pode significar muitas coisas. Uma brincadeira. Uma válvula de escape. Um motivo de alegria. Uma fonte de amizades. Um sonho. Um meio de transporte. Um estilo de vida, ou até mesmo uma cultura. No final das contas, o *skate* é aquilo que fazemos dele. E nós podemos fazer coisas incríveis com esse brinquedo. Como diversas outras brincadeiras (ou esportes), o *skate* possui suas barreiras e, talvez, sejam essas barreiras que atraem tantas pessoas a essa brincadeira.

Você precisa transpor a barreira do ‘e se eu me machucar?’ para andar de *skate*. Você precisa transpor a barreira do ‘eu nunca vou conseguir fazer isso’ e a temida barreira do ‘eu nem ando bem. As pessoas vão rir de mim se me verem andando’. Coragem. Determinação. Autoconfiança. Essas virtudes são acessíveis a todos nós. Ninguém nasce corajoso (muito pelo contrário), pois todos viemos a esse mundo frágeis e assustados. Mas nós podemos aprender essas virtudes, e com a prática do *skate*, todas essas virtudes são constantemente exercitadas.

Essa é a crença que motiva nosso projeto. A crença de que, através dessa divertidíssima brincadeira, nós podemos transformar as

pessoas e, assim, transformar o mundo. Nós, da Associação Cultural Vila Flores, junto ao Centro Marista Irmão Antônio Bortolini, já investimos nessa ideia há quatro anos. E como professor deste projeto, posso dizer com total convicção que essa crença apenas se fortalece, e se justifica, a cada vez que andamos de *skate* com nossos educandos. Se você nunca pensou nisso, talvez você devesse começar a brincar com esse brinquedo de madeira e testar as afirmações desse texto por você mesmo.”

— Nicholas Kluge, educador físico, skatista e educador do projeto Skate na Vila

“Acredito no *skate* como uma das ferramentas mais poderosas de inclusão social, não só pela prática do esporte em si, mas por todos os valores e vivências que ele oferece ao praticante.

A começar pela sensação de liberdade ao deslizar sobre rodas. Sabemos que a invenção da roda mudou o rumo da evolução humana e porque não continuar influenciando no rumo e na direção daqueles que se aventuram nesta brincadeira? O senso de coletividade, irmandade, ajuda, e cuidado ao próximo está muito presente no dia a dia do skatista. Arrisco dizer que jamais presenciei algo parecido em outros esportes. Tenho a impressão de que como o chão machuca igual para todos, independentemente do nível e expertise de cada skatista,

todos já partem de um mesmo lugar e sabem que estão expostos aos mesmos riscos a todo instante e isso já é o suficiente para despertar o sentimento de que ‘somos todos iguais’. Impossível não nos colocarmos no lugar do colega e sentirmos a sua dor ao levar um tombo no *skate*. Aprender a andar de *skate* é aprender a cair, aprender a levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima. Já explico melhor... Existe uma ‘regra’ entre nós, skatistas, que, quando erramos uma manobra, quando caímos no chão, mesmo sentindo dor, nos esforçamos para levantar e, na mesma hora, tentar de novo até acertar, caso contrário, o cérebro bloqueia, criando um obstáculo ainda maior a ser superado. Sem falar que, quando acertamos uma manobra, todos em volta, como num ritual tribal, batem suas tábua de madeira contra o chão junto com gritos de incentivo, ovacionando o feito e conquista do colega. Digam pra mim se isso não é uma das melhores formas de encarar os problemas, dificuldades e obstáculos da vida?

Brincando e se divertindo com os amigos com foco na evolução constante, com vento na cara e sorriso no rosto, suando a camisa com dedicação para acertar uma nova manobra e seguir se superando com as próprias pernas. Sigo aprendendo até hoje com esse esporte que deserta, de forma leve e simples em mim, um senso de irmandade, colaboração e de superação. Sou muito grato a tudo o que



a prática do *skate* me proporcionou e continua proporcionando até hoje e, por isso, acredito muito na importância de passar essa mensagem adiante.”

— Marcio Machado, idealizador e coordenador do projeto Skate Na Vila

“O Skate na Vila, na minha visão, é um elo de afeto e confiança entre nós, educadores, e as crianças. É como uma linguagem: através dele, lidamos com sentimentos das crianças de frustração, de conquista, de medo, desafio, e a confiança e carinho que eles depositam em nós.

Ensinar as meninas a andar e ver elas evoluindo e ver nos olhos delas o brilho dessa conquista é muito do que acredito que o *skate* faz na vida, ele transforma, ele faz nascer um sentimento forte de autoconfiança, de ser capaz, de ser forte.

A importância desses sentimentos trazidos pelo *skate* para essas meninas é de uma riqueza valiosa, desperta sonhos futuros, força, coragem de estar pronta para desafios, de se perceber como alguém que pode, que é capaz, que o mundo é para elas e que podem voar e que não há barreiras e os obstáculos são fáceis de ultrapassar, porque são eles que fazem o skatista!”

— Claudemara Martins (Claudinha), mãe, gerenciadora de processo, skatista e educadora do Projeto Skate na Vila

“Eu gostei nas aulas de *skate* que a gente foi na pista da Orla. Eu já aprendi a fazer a manobra chamada *rockroll* e já aprendi bastante coisa, por isso eu gosto muito das aulas de *skate*.”

— Manuela Bica Inacio, 9 anos

“O que eu mais gosto no *skate* é tentar fazer o *drop*, que é bem difícil, mas eu já estou quase conseguindo. Eu gosto bastante de andar com meus colegas e ajudar eles quando eles estão precisando, eles me ajudarem quando estou precisando. E a maioria do *skate* é assim, um ajudando o outro. Os professores são maravilhosos, eu adoro todos. O professor Nicholas é exigente, mas eu adoro ele, pois é pela exigência dele que eu consigo fazer as coisas difíceis.”

— Camilly Vitoria Gonçalves Athaide, 10 anos

“Eu já ando de *skate* faz três anos. *Skate* é muito legal, eu gosto, aprendo um monte de manobras. Depois que eu comecei a andar, mudou a minha vida, porque o *skate* faz a diferença na nossa vida, faz mudar as coisas, é um esporte muito legal e incrível. Eu quero continuar andando e ser skatista. As manobras que eu mais gosto de fazer é *rock de front*, que é a manobra mais difícil que eu já tentei fazer. Primeiro, eu aprendi a embalar, depois a dropar e fazer o *rockroll*. Depois, eu aprendi a fazer as outras manobras. Eu também aprendi a

consertar o skate. Eu ando toda semana e os professores são muito legais, o 'sor' Nicholas e o 'sor' Marcio me ensinam muita coisa, eles sempre falam que tem que usar os equipamentos de proteção."

— João Vitor da Silva de Oliveira, 10 anos

"Gosto de muito de todos os educadores, pois foram eles que me ensinaram a andar. Eu já sei dar rockroll, já sei dropar, já sei dar a viradinho. Ainda não sei dar o ollie, mas pretendo aprender. Gosto muito mesmo de andar de skate aqui na pista do loteamento e também na Orla."

— Mariana Souza Oliva, 11 anos

Skate na Vila

In 2017, Vila Santa Teresinha received a new skate park, built with the efforts from Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center, Vila Flores Cultural Association, Swell Skate Camp and Spot Skateparks. From 2018 to 2021, with the support of the Sicredi Social Fund, we fulfilled the dream of transforming this park into a space of learning and social transformation for children and teenagers in the community. For this, we invited ANDE Skate School to provide 30 children with weekly skate lessons at the village.

Our goal of promoting social inclusion through the practice of skateboarding is already a reality,

but the project needs constant support to continue impacting the lives of more and more young people. The proposal is to carry out collective actions that promote even more access to culture, sports and education, through workshops, meetings, exhibitions and activities that value skateboarding culture, thus promoting better life opportunities for communities.

"Who still plays with wooden toys? Immersed in the digital age, especially for us who live in urban areas, it would not be controversial to say that it is rare to see someone still using wooden toys, right? Well, not if you're a skateboarder. If you're a skateboarder, you probably spend a lot of time playing or thinking about playing with a wooden toy. And this is something special.

'Skateboard' can mean many things. Playing. A coping mechanism. A reason for joy. A source of friendships. A dream. A means of transportation. A way of life, or even a culture. Ultimately, the 'Skate' is what we make of it. And we can do amazing things with this toy. Like many other games (or sports), skate has its barriers, and maybe it's those barriers that attract so many people to this game. You need to break through the 'What if I get hurt?' barrier to skate. You need to break through the barrier of 'I'll never be able to do this' and the dreaded barrier of 'I'm not good enough. People will laugh at me if they see me skating.' Courage. Determination.

Self-confidence. These virtues are accessible to all of us. No one is born brave (quite the opposite), because we all come into this world fragile and scared. But we can learn these virtues and, skating, all these virtues are constantly exercised. This is the belief that motivates our project. The belief that through this fun game, we can transform people. And thus, transform the world.

We at Vila Flores, together with the Irmão Antônio Bortolini Center, have already invested in this idea for four years. And as a teacher in this project, I can say with complete conviction that this belief is only strengthened, and justified, every time we skate with our students. If you've never thought about it, maybe you should start playing with this wooden toy, and test the claims of this text for yourself."

— Nicholas Kluge, physical educator, skateboarder and Skate na Vila instructor

"I believe in skateboarding as one of the most powerful tools for social inclusion, not only for the practice of the sport itself, but for all the good things and experiences it offers to those who skate. Starting with the feeling of freedom when sliding on wheels. We know that the invention of the wheel changed the course of human evolution, so why not continue influencing the course and direction of those who venture into this game?

The sense of collectivity, brotherhood, assistance, and care for others is very present in the skater's daily life. I dare say that I have never witnessed anything like it in other sports. I have the impression that, since falling hurts everyone in the same way, regardless of the level and expertise of each skater, everyone already starts from the same place and knows that they are always exposed to the same risks. This is enough to awaken that "we are all the same" feeling. It's impossible not to put ourselves in our partner's shoes and feel their pain when they fall. Learning to skate is learning how to fall, learning how to get up, how to shake off the dust and get back on your feet. I'll explain better... There is a "rule" among us skaters that, when we make a mistake, when we fall to the ground, even if it hurts, we try to get up ASAP and try again until we get it right, otherwise your mind gets blocked, creating an even bigger obstacle to be overcome. Not to mention that, when we get a trick right, everyone around us, as in a tribal ritual, smacks their wooden boards against the floor along with shouts of encouragement, applauding the achievement of their fellow skater. Tell me, is this not one of the best ways to face the problems, difficulties and obstacles in life?

Playing and having fun with friends with a focus on constant evolution, with wind on your back and a smile on your face, sweating while you dedicate yourself to

learning a new trick and keep improving. I keep learning, until this day, with this sport that awakens in me, in a light and simple way, a sense of brotherhood, collaboration and resilience. I am very grateful for everything that skateboarding has given me and continues to provide to this day, and that is why I strongly believe in the importance of passing on this message."

— Marcio Machado, Creator and coordinator of the Skate na Vila project

"In my view, the Skate na Vila project is a link of affection and trust between us educators and children, it is like a language, through it we deal with children's feelings of frustration, achievement, fear, challenge, trust and affection that they deposit in us. Teaching girls to skate and seeing them evolve, seeing in their little eyes the shine of this achievement, this is the purpose of skating for me, it transforms, it makes a strong feeling of self-confidence, of being capable, of being strong emerge.

The things those girls feel when they're skateboarding are of the utmost importance, the skate awakens future dreams, strength, courage to face challenges, to perceive themselves as someone who is capable, that the world is meant for them, that they can fly and that barriers and obstacles are easy to overcome, because it is those barriers that create a good skateboarder!"

— Claudemara Martins (Claudinha), mother, process manager, skateboarder and educator at the Skate na Vila project

"I liked the skate lessons we took at the Orla skatepark, I've already learned to do the trick called Rock'n'roll, I've already learned a lot of things, that's why I really like the skate lessons."

— Manuela Bica Inacio, 9 years old

"What I like most about skateboarding is trying to do the drop, which is very difficult but I'm almost getting it right. I really enjoy skating with my friends and helping them when they need it, they help me when I need it. And most skateboarding is like that, helping each other. The teachers are wonderful, I love them all. Professor Nicholas is demanding, but I love him because through his demands I manage to learn all the difficult tricks."

— Camilly Vitoria Gonçalves Athaide , 10 years old



"I've been skating for three years. Skateboarding is really cool, I like it, I learn a lot of tricks. After I started skating, it changed my life because skateboarding makes a difference in our lives, it changes things, it's a really cool and incredible sport. I want to keep skating and be a skateboarder. The trick I like to do the most is front rock, which is the hardest trick I've ever tried. First, I learned how to swing, then how to drop and rock'n'roll, then I learned how to do the other tricks. I also learned how to fix the skateboard. I skate every week and the instructors are very nice, "prof" Nicholas and "prof" Marcio teach me a lot, they always say you have to wear protective gear."

— João Vitor Da Silva De Oliveira, 10 years old

"I really like all the instructors, because they were the ones who taught me how to skate. I already know how to rock'n'roll, I already know how to drop, I already know how to turn around. I still don't know how to ollie, but I intend to learn. I really enjoy skating here at the subdivision park and also at the Orla."

— Mariana Souza Oliva, 11 years old



Semente do Plástico

O projeto Semente do Plástico atua na formação de jovens agentes ambientais da Vila Santa Teresinha através de uma metodologia inovadora de reciclagem de resíduos plásticos, desenvolvida na Holanda pelo coletivo Precious Plastic e aplicada localmente pela empresa Likso. O projeto teve início a partir da relação entre Vila Flores e o Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini e tornou-se viável ao ser contemplado pelo edital Novas Conexões Culturais, promovido pelo Consulado da Holanda no Brasil.

A intenção do projeto é promover uma transformação socioeconômica para o território a partir de uma das principais atividades de geração de renda da comunidade: a coleta, a separação e a venda de resíduos. O projeto pedagógico consiste não somente em aulas de construção e manutenção de máquinas de Trituração e Injeção de plástico, mas também em como transformar essa nova habilidade em ocupação profissional: os participantes são estimulados a criar produtos ecológicos a partir da reciclagem, como chaveiros, canecas, talheres e tudo mais que for possível imaginar. O projeto também conta com aulas sobre administração básica, criatividade, comunicação, trabalho em equipe e cooperativismo, ministradas pela equipe de gestão cultural e administrativa da Associação Cultural Vila Flores e pela Likso.

Este é apenas o início. Os 10 primeiros participantes passaram por 4 meses de formação no Vila

Flores, dando início à sua jornada no ramo da reciclagem de forma remunerada. Ao final da formação, todos adquiriram conhecimentos nas áreas de construção, operação e manutenção das máquinas de reciclagem, design de produto, administração e operação básica de uma cooperativa, vendas e trabalho em equipe.

O novo espaço do Semente do Plástico é uma oficina-contêiner localizada na praça central da comunidade, ao lado do Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini. Este será o espaço educativo, de produção e de vendas dos produtos feitos pelo projeto, simbolizando um espaço seguro de troca de vivências e aprendizagem.

Criando espaço para a aprendizagem de uma nova forma de trabalhar com o resíduo plástico, os jovens se veem diante da possibilidade de melhorar a qualidade de suas vidas e de suas famílias, sendo um agente ambiental e multiplicador do conhecimento adquirido capaz de transformar toda a comunidade de dentro para fora.

"O meu papel nesse projeto é acompanhar os jovens e auxiliar eles na construção das máquinas, no pensar o formato de negócio que vai ser usado depois e trazer essa experiência, né... seria como um tutor de open source, eu costumo dizer. O projeto já existe, e a gente tá aqui pra encurtar os caminhos, para que eles cheguem mais longe e o quanto antes. É um projeto que visa capacitar jovens da Vila Santa Teresinha, aqui de Porto Alegre, pra que eles aprendam a construir máquinas open

source pra reciclagem de plástico, e utilizar essas máquinas da melhor maneira possível para, através disso, eles busarem uma fonte de renda. Então a gente tá juntando um problema muito grande hoje, que é o plástico na natureza, e transformando ele numa possibilidade de geração de renda pra esse pessoal.

Acho que foi um passo muito importante, era uma coisa que eu almejava desde o início da minha iniciativa: a Likso poder transmitir esse conhecimento, poder transformar isso numa coisa mais útil ainda do que só a reciclagem do plástico. Implementar esse nível social do projeto, onde a gente tá ajudando outras pessoas a viverem disso, e poder levar a uma escala maior. Porque pouca reciclagem não vai resolver nada. Então toda essa ideia faz muito sentido, e eu tô bem satisfeito com o resultado, né, principalmente com o fato de eles estarem gostando e empolgados com a continuidade."

— Leonardo Bertacco (Lecko), educador do projeto Semente do Plástico e fundador da Likso

"Semente do Plástico é um projeto pra gente transformar o plástico das ruas em material que a gente utiliza no dia a dia, como cafeteira, chaveiro... algo que a gente possa usar. O curso trouxe mais responsabilidade pra gente, aprender que

se a gente está trabalhando num local, a gente não pode faltar muito, porque eu tive um tempo em que queria faltar muito por causa do calor, do cansaço, mas eu vim. Por responsabilidade mesmo, pontualidade. A gente também se aproximou mais das pessoas, tipo, algumas pessoas que eu não conversava eu conversei mais, eu consegui entender um pouco mais do lado da pessoa, né, normalmente eu não conversava com alguns... aproximou. Eu gostei mais da parte de construir as máquinas. Eu queria ter aprendido mais solda, fiquei mais na serralheria.

No nosso grupo tem algumas pessoas que gostam mais de divulgar, fazer a comunicação, a contabilidade... daí eu acho que essa parte vai ficar com elas. Eu vou querer ficar mais na parte das máquinas! E, pra finalizar: Segue a gente lá no Insta (@sementedoplastico), vem comprar nossas coisas também, né, que a gente precisa de dinheiro, precisa divulgar."

— Yago, 16 anos, estudante e integrante do projeto Semente do Plástico

"No nosso projeto, a gente junta as garrafas PET, sabe? Daí a gente tritura elas, depois bota numa prensa e tem vários moldes, daí a gente faz produtos e reciclamos... É a reciclagem da reciclagem. Hoje em dia, eu vejo uma PET e eu junto, sabe? Daí eu penso 'ah, eu posso criar tal



coisa...' depois que eu aprendi, sabe? Antigamente, não, eu tomava uma coquinha e jogava no chão. Hoje não, eu junto, já deixo em casa, e falo que posso criar qualquer coisa que eu quiser depois que eu vim no curso. O Semente mudou nosso modo de pensar as coisas... do dia a dia, assim, a gente mudou bastante. A convivência com as pessoas no projeto fez diferença na nossa vida."

— Giovana, estudante e integrante do projeto Semente do Plástico

"Lá em casa eu falo 'ah, vou ir pro curso, o curso onde a gente trabalha com plástico, que aprende a construir as máquinas...' daí lá em casa todo mundo acha muito legal, 'aaah, que legal as máquinas que vocês construíram', e tudo a gente aprendeu. Pro pessoal do Centro Marista também foi um 'aaaaau, ai, que legal o que vocês estão fazendo', quando a gente recebeu os chaveiros, eles perguntaram 'como é que ficaram desse jeito as cores?' Eles achavam que a gente pintava!

A gente tem a máquina que se chama trituradora, que estamos terminando de construir. Ela tritura o plástico e deixa ele todo pequenininho, daí a gente separa eles por cor, assim. Depois disso, a gente tem outra máquina que a gente já construiu que se chama injetora. Daí ela injeta aquele plástico e ele sai derretido, quente

e pronto pra colocar no molde. E depois ainda tem a prensa, que prensa ele do jeitinho que a gente quer.

Antes, eu tinha até medo de acender um fogão por causa da faísca. Agora, sei lá, não tenho mais medo de fogo, tenho mais responsabilidade com faca e essas coisas. Eu não tinha responsabilidade com faca em casa. Eu acho que aprendi muito, porque a gente aprendeu a precisar um do outro aqui. A gente tem que trabalhar em conjunto, não adianta."

— Tissiele, estudante e integrante do projeto Semente do Plástico

"Lá em casa, às vezes, a gente termina aqui de fazer as coisas e eu mostro pra minha mãe e ela acha tudo muito interessante... pergunta como é que a gente fez as máquinas, essas coisas. Eu acho que está sendo uma experiência muito boa, porque, lá na Santa Teresinha, lá eles usam bastante solda e essas coisas e eu não gostava de passar por perto porque saia muita faísca e essas coisas... Agora ficou mais de boa, eu aprendi.

Outra coisa que mudou é que eu conheci pessoas novas no curso, algumas eu só falava 'oi' e 'tchau' e hoje a gente se fala, conversa. Eu tô achando bem legal o projeto, é uma experiência única, né? Mas eu acho que eu deveria ter prestado mais atenção na parte de finanças, porque eu não prestei."

— Nycolle, estudante e integrante do projeto Semente do Plástico

"Bom, o Projeto Semente é uma ressignificação do processo de trabalho com a reciclagem. Ele vem num processo de reaproveitamento dos resíduos sólidos do plástico, então ele vem num novo olhar, numa nova perspectiva, frente ao trabalho com a reciclagem em si. É uma proposta extremamente relevante para o Loteamento Santa Teresinha porque ele beneficia adolescentes e jovens oriundos de famílias de catadores e recicladores ou ex-catadores e recicladores.

Os jovens trazem na cultura familiar o trabalho com a reciclagem e vêm apenas na perspectiva de catação e separação. A partir do momento que eles tiveram acesso a essa realidade do Semente do Plástico, eles viram que é um processo que vai além de catar, criar, separar e repassar os resíduos sólidos. Também veem a perspectiva de potencializar novas habilidades, porque, como eles

participaram de todo o processo desde ali a construção da máquina que é usada no processamento do material, a criação do logo, a parte administrativa e contábil do projeto, eles têm acesso a novos mercados, a novas habilidades que podem vir a ser potencializadas e, futuramente, abrir um leque de profissões e oportunidades para esses jovens.

E eu acho que esse foi o diferencial, isso que aguçou a participação deles, o comprometimento deles desde o começo: participar ativamente, ser um processo de construção coletiva do projeto. Tenho muitas expectativas, tipo, de ver eles fazerem uma caminhada de sucesso, porque eles estão empolgados, eles estão participativos, eles estão com uma série de expectativas, então, que esse mercado aí fora, que a sociedade, reconheça o trabalho deles. Que eles consigam mostrar potencialidade, que eles consigam ser inseridos de uma forma igualitária."

— Fernanda Simões Pires, assistente pedagógica do Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini, moradora do Loteamento Santa Teresinha e mãe do Yago



Semente do Plástico

The Semente do Plástico Project works to train young environmental agents in Vila Santa Teresinha through an innovative plastic waste recycling methodology, developed in the Netherlands by the Precious Plastic collective and applied locally by the LIKSO company. The project began with the relationship between Vila Flores and the Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center and became viable after being contemplated by the Novas Conexões Culturais Fund, promoted by the Netherlands Consulate-General in Brazil.

The project's intention is to promote a socioeconomic transformation in the territory through one of the community's main income-generating activities: the collection, sorting and sale of waste. The pedagogical project consists of classes on how to build and maintain plastic crushing and injection machines, but also on how to transform this new skill into a profession: participants are encouraged to create ecological products out of recycled waste, such as key chains, mugs, cutlery and everything else you can imagine. The project also includes classes on basic management, creativity, communication, teamwork and cooperativism, given by the cultural and administrative management team of Vila Flores and by Likso.

This is just the beginning. The first 10 participants underwent 4 months of training at Vila Flores, beginning their recycling journey and being paid for it. At the end of the training, everyone acquired knowledge in the areas of construction, operation and maintenance of recycling machines,

product design, management and basic operation of a cooperative, sales and teamwork.

Semente do Plástico's new workspace is a container-workshop located in the community's central square, next to the Irmão Antônio Bortolini Center. This will be the educational, production and sales space for the products made by the project, symbolizing a safe space for sharing experiences and learning.

By creating a space for learning about a new way of working with plastic waste, young people see the possibility of improving the quality of their lives and that of their families. They see they can be environmental agents and multipliers of knowledge, capable of transforming the entire community from within.

"My role in this project is to accompany young people and help them build the machines, think about the business format that will be used later and bring this experience, right... I'm like an open-source tutor, I usually say. The project already exists, and we are here to shorten the paths, so they can reach further places as soon as possible. It is a project that aims to train young people from Vila Santa Teresinha, here in Porto Alegre, so they can learn how to build open-source plastic recycling machines and use these machines in the best possible way, as a source of income. We are taking a major current problem, which is the amount of plastic in nature, and turning it into an income generation possibility for these people.

I think it was a very important step, it was something I wanted since the beginning of my initiative, LIKSO, to be able to transmit this knowledge, to be able to transform it into something even more useful than just recycling plastic. To implement the project's social aspect, where we teach other people how to make a living out of it, taking it to a larger scale. Because a little recycling won't solve anything. So this whole idea makes a lot of sense, and I'm very pleased with the result, especially with the fact that they're enjoying it and excited to continue."

— Leonardo Bertacco (Lecko), educator of the Semente do Plástico project and founder of Likso

"Semente do Plástico is a project for us to transform plastic waste into materials that we use in our daily lives, such as a coffee maker, keychains... something we can use. The workshop brought us more responsibility, it made us learn that if we are working in a place, we can't be away from it for long, because, there was a time when I didn't wanna go to work because of the heat, the fatigue, but I went anyway because of my responsibility, punctuality. We also got closer to people, I talked to some people that I usually didn't talk to, I was able to understand their perspectives a little better, you know, normally I didn't talk to some of them... we got closer. I liked the part about building the machines the most,

I wish I had learned more welding, I stayed more in the metalwork section. In our group, there are some people who are better at advertising, communication, bookkeeping... I think they'll take care of this sections. I want to work with the machines! And, to finish: Follow us on Instagram, come buy our things too, because we need money, we need to advertise it."

— Yago, 16 years old, student and member of the Semente do Plástico project

"In our project, we gather the PET bottles, you know? Then we crush them, then put them in a press and there are several molds, then we make products and we recycle... It's recycling the recycled. Nowadays, I pick up bottles whenever I see one, you know? Then I think "oh, I can create such a thing..." after I learned it, you know? Before that, I used to throw away used Coke bottles. Not today, I collect them, I leave them at home, and I say that I can create anything I want, after I came to the workshop. Semente changed our way of thinking about things... daily things, we've changed a lot. Living with the people in the project made a difference in our lives."

— Giovana, student and member of the Semente do Plástico project

"At home I say "oh, I'm going to the workshop", where we work with plastic,

where we learn to build the machines... then at home everyone thinks it's really cool, "aaah, that's cool, the machines you guys have built" and everything we learned. For the staff at the Marist Center it was also like, "Wow, that's cool what you are doing". When we received the keychains they asked, "How did it turn out like this?! The colors?" They thought we painted them!

We have a machine called "crusher", which we are finishing building. It crushes the plastic, turning it into tiny pieces, then we separate them by color like this. After that, we have another machine that we have already built called an injection molding machine. It injects that plastic and it comes out melted, hot and ready to put in the mold. And then there's the press, which presses it just the way we want it.

Before the workshop, I was afraid to light a stove, because of the spark. Now I'm not afraid of fire anymore, I have more responsibility with knives and stuff. I had no knife responsibility at home. I think I learned a lot, because we learned to rely on one another here. We have to work together, no matter what."

— Tissiele, student and member of the Semente do Plástico project

"Sometimes we finish doing things here and I show them to my mother at home, and

she thinks it's all very interesting... she asks how we made the machines, these things. I think it's been a very good experience because there, at Santa Teresinha, they use a lot of welder and stuff. I didn't like to go near it because there was a lot of flying sparks.... now it's better, I've learned. Another thing that has changed is that I met new people in the workshop. I used to just say "hi" and "bye" to some of them, now we're talking regularly. I think the project is really cool, it's a unique experience, right? But I think I should have paid more attention to the finance part, because I didn't."

— Nycolle, student and member of the Semente do Plástico project

"Well, the Semente project is a redefinition of the recycling work process, it's a process of reusing solid plastic waste, so it takes a new look, a new perspective to the recycling work itself.

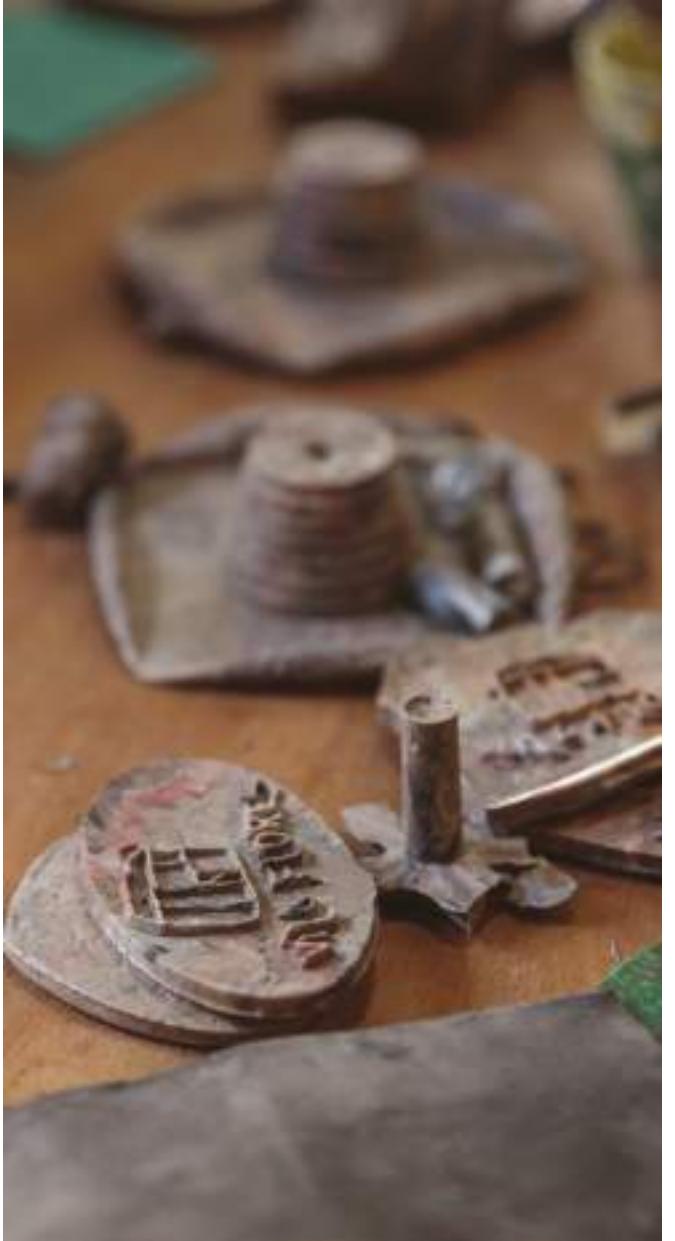
It is an extremely relevant proposal for the Santa Teresinha Allotment because it benefits young people from families that work or used to work with waste collection. It's in the family culture of these young people to work with recycling, but they only saw it from a collection and sorting perspective. From the moment they had access to this reality of Semente do Plástico, they saw that it is a process that goes

beyond collecting, creating, separating and transferring solid waste. There's also another perspective, one that empowers new skills, because since they took part in the entire process, from the construction of the machine that is used in the material processing, the creation of the logo, the administrative and accounting part of the project, they have access to new markets, to new skills that can be leveraged and open up a range of professions and opportunities for these kids in the future.

And I think that was the difference, this is what enhanced their participation, their commitment from the beginning: an active participation, being in a process of building the project collectively. I have a lot of expectations, like seeing them on a successful journey, because they're excited, they're doing the work, they have a lot of expectations. I hope that the market out there, society, recognizes their work. I hope they are able to show their potential, that they are able to be included in an egalitarian way."

— Fernanda Simões Pires, Pedagogical Assistant at the Irmão Antônio Bortolini Marist Social Center, resident at the Santa Teresinha subdivision and Yago's mother

Em parceria com a Likso, os integrantes do projeto Semente do Plástico fizeram seus primeiros produtos, como o chaveiro do Vila Flores.



O COMEÇO DE UM SONHO COLETIVO

Habitar determinado território é criar relações com os espaços que o compõem, mas, principalmente, com as pessoas e suas experiências, constituindo relações de vizinhança.

Ao longo deste livro, ouvimos alguns dos vizinhos do Vila Flores, mergulhando em histórias que falam sobre a realidade de cada pessoa, mas que também manifestam a história e a memória coletiva do 4º Distrito. A cada relato compartilhado, a nossa perspectiva de realidade também muda.

Conhecer um território leva tempo, e sabemos que apenas demos os primeiros passos. Vivenciar o dia a dia dessa região e fazer parte desse ecossistema complexo nos instigou a compor projetos em colaboração com grupos e movimentos sociais atuantes aqui. Assim, sempre em coletivo, temos pensado as distintas realidades a partir do que nos une, construindo nosso potencial enquanto rede, compreendendo que cada experiência é única e que os saberes de cada um são os fios de que dispomos para tecermos juntos novas possibilidades. Esse encontro de realidades, desejos, vulnerabilidades e vocações desperta uma sensação de pertencimento no indivíduo e reverbera no todo. Por isso, ao cocriarmos ferramentas de acesso e democratização do conhecimento com potencial de geração de renda, vislumbramos caminhos possíveis para a autonomia e o fortalecimento comunitários.

No entanto, sabemos que, apesar de ser um recurso muito importante, o conhecimento sozinho não gera oportunidades suficientes para reduzir as desigualdades. Para melhorar a qualidade de

vida de uma comunidade, valorizando a diversidade e promovendo equidade, é cada vez mais urgente combinar o acesso a um conhecimento emancipador a investimentos em projetos de base comunitária e a políticas públicas que priorizem a garantia aos direitos básicos para todas e todos. Para o surgimento e continuidade de programas como o De Vila a Vila, são essenciais editais públicos e privados, investimentos culturais e sociais e leis de incentivo.

Olhando para os registros presentes neste livro, sentimos que a nossa caminhada é nutrida por muitos sonhos compartilhados, impulsionados pela arte, pela criatividade, pelo cuidado e pelo fazer coletivo. Hoje, integramos uma rede que se fortalece mutuamente, articulando ações para esse território específico e buscando estimular processos capazes de gerar reflexões que, por sua vez, possam contribuir para a construção e a implementação de políticas públicas eficazes e integradas, que promovam o desenvolvimento socioeconômico da região a partir da melhoria da qualidade de vida das pessoas que já vivem, trabalham e transitam por ela.

Nossos projetos e relações florescem com esse intuito, e esperamos que o livro que você tem em mãos também tenha plantado algumas sementes por aí.

Convidamos você a compartilhar com a gente algumas das reverberações que essa leitura te causou. Te esperamos aqui no Vila ou no email contato@vilaflores.org!

UM ABRAÇO NOSSO — ALINE BUENO, ANTONIA WALLIG, LUANA BARROS, MAIARA DALLAGNOL, MÁRCIA BRAGA E ROBERTA DIAS

THE BEGINNING OF A COLLECTIVE DREAM

To inhabit a certain territory is to create relationships with the spaces that make it, but mainly with its people and their experiences, creating neighborly relationships.

Throughout this book, we listened to some of Vila Flores' neighbors, immersing ourselves in stories that speak about each person's reality, but that also manifest the history and the collective memory of the 4th District. With each shared story, our views on reality also changed.

Knowing a territory takes time, and we know that we have only taken the first steps. Experiencing the daily life of this area and being part of this complex ecosystem led us to create projects in collaboration with groups and social movements that act here. Thus, always as a collective, we have been thinking about these different realities based on what unites us, building our potential as a network, understanding that each experience is unique and that the knowledge of each one of us is the thread that we have to weave new possibilities together. This meeting of realities, desires, vulnerabilities and vocations awakens a sense of belonging in the individual and reverberates in the whole. Therefore, when we co-create tools for accessing and democratizing knowledge with income generation potential, we envision possible paths for autonomy and community strengthening.

However, we know that despite being a very important resource, knowledge alone does not generate enough opportunities to reduce inequalities. In order to improve a community's

quality of life, valuing its diversity and promoting equity, it is increasingly urgent to combine access to emancipatory knowledge with financial investments in community-based projects and public policies that prioritize the maintenance of basic rights for everyone. For the emergence and continuity of programs such as De Vila a Vila, public and private notices, cultural and social investments and incentive laws are essential.

Looking at the stories present in this book, we feel that our journey is nourished by many shared dreams, driven by art, creativity, care and collective work. Today, we are part of a network that is mutually empowered, articulating actions for this specific territory and seeking to stimulate processes capable of generating reflections that, in turn, can contribute to the construction and implementation of effective and integrated public policies that promote the socioeconomic development of the region, starting from an improvement in the quality of life of people who already live, work and pass through it.

Our projects and relationships flourish in this regard, and we hope that the book you have in your hands has sown some seeds in our space as well.

We invite you to share with us some of the reverberations that this reading caused in you. Stop by for a visit at Vila, or talk to us on contato@vilaflores.org!

OUR LOVE — ALINE BUENO, ANTONIA WALLIG, LUANA BARROS, MAIARA DALLAGNOL, MÁRCIA BRAGA AND ROBERTA DIAS

ORGANIZAÇÃO: ALINE BUENO, ANTONIA WALLIG E MÁRCIA BRAGA
PRODUÇÃO EXECUTIVA: ANTONIA WALLIG E ROBERTA DIAS
COMUNICAÇÃO E CURADORIA DE FOTOS: MAIARA DALLAGNOL
CAPA, DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: KALANY BALLARDIN
GESTÃO FINANCEIRA: LUANA BARROS
TRADUÇÃO: TANIZE FERREIRA
REVISÃO: CAROLINE CARDOSO
IDENTIDADE VISUAL DE VILA A VILA: DIEGO FERRER

FOTOGRAFIAS

ARQUIVO VILA FLORES: PÁGINAS 47, 51, 53, 55, 59, 60, 68, 71 E 160
CAROLINE JACOBI: PÁGINAS 02, 06, 85, 107, 120, 125, 127, 128, 131, 133, 134 E 135
ESTÚDIO ETÉREA: PÁGINAS 45, 52, 55, 59, 60 E 62
FERNANDO ZAGO - STUDIO Z: PÁGINA 34
JOÃO FELIPE WALLIG: PÁGINA 22
LUIZ MUNHOZ: PÁGINA 79
MAIARA DALLAGNOL: PÁGINAS 10, 12, 37, 69, 74 E 78
RAUL KREBS: PÁGINAS 113 E 115
RICARDO ARA: PÁGINAS 08, 28, 33, 45, 47, 49, 63, 66, 74, 78, 81, 87, 88, 92, 96, 98, 99, 100, 104, 109, 111, 116, 119, 138, 142, 145, 148, 153, 154, 157, 160 E 164

AQUARELAS BETINA NILSSON: 42, 46, 54, 59 E 82

OFICINA CANTEIRO VIVO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL — ORGANIZAÇÃO: ESTÚDIO SARASÁ, MULHER EM CONSTRUÇÃO E VILA FLORES | MINISTRANTES: ANTONIO SARASÁ, BIA KERN, FÁTIMA WILHELM, FLÁVIA SUTELO, JOÃO FELIPE WALLIG, MAGDA ROSA E SOFIA PERSEU

OFICINAS DE CERÂMICA

ORGANIZAÇÃO: O PÁTIO – ATELIÊ DE CERÂMICA
MINISTRANTES: JULIANA NAPP, LUCIANA FIRPO E MÁRCIA BRAGA

OFICINAS DE COSTURA

ORGANIZAÇÃO: CÓS – COSTURA CONSCIENTE
MINISTRANTES: KARINE FREIRE E MARINA GIONGO

OFICINAS DE GRAFFITI

— ORGANIZAÇÃO: ASSOCIAÇÃO CULTURAL VILA FLORES, CENTRO SOCIAL MARISTA IRMÃO ANTÔNIO BORTOLINI, EMEI JP MEU AMIGUINHO E ILÊ MULHER | MINISTRANTES: JACKSON BRUM, KELVIN KOUBIK E SABRINA BRUM

OFICINA DE HORTAS COMUNITÁRIAS

ORGANIZAÇÃO: ASSOCIAÇÃO CULTURAL VILA FLORES, COOPERATIVA 20 DE NOVEMBRO E ESTÚDIO ACCA | AGRADECIMENTO: HORTA COMUNITÁRIA DA LOMBA DO PINHEIRO

OFICINA DE SABOARIA E COSMÉTICA NATURAL

ORGANIZAÇÃO: MANDINGA PURA | MINISTRANTE: FERNANDA ROSA

SKATE NA VILA — ORGANIZAÇÃO: ASSOCIAÇÃO CULTURAL VILA FLORES E CENTRO SOCIAL MARISTA IRMÃO ANTÔNIO BORTOLINI
MINISTRANTES: CLAUDEMARA MARTINS, MARCIO MACHADO E NICHOLAS KLUGE

SEMENTE DO PLÁSTICO — ORGANIZAÇÃO: ASSOCIAÇÃO CULTURAL VILA FLORES, CENTRO SOCIAL MARISTA IRMÃO ANTÔNIO BORTOLINI E LIKSO | MINISTRANTES: ANTONIA WALLIG, CRISTTHIAN MARAFIGO ARPINO, LEONARDO BERTACCO, MAIARA DALLAGNOL, PAULO ROBERTO WAGNER SCHULLER E ROBERTA DIAS | AGRADECIMENTOS: DIEGO FERRER, JOÃO FELIPE WALLIG E LUCAS LÖFF FERREIRA LEITE

EXPOSIÇÃO DE VILA A VILA — CURADORIA: ANTONIA WALLIG E MÁRCIA BRAGA | MONTAGEM: ANTONIA WALLIG E ROBERTA DIAS

PROJETO DE VILA A VILA

FINANCIAMENTO: FUNDO INTERNACIONAL DE AJUDA PARA ORGANIZAÇÕES DE CULTURA E EDUCAÇÃO 2021 DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA, DO GOETHE-INSTITUT E DE OUTROS PARCEIROS

REALIZAÇÃO: ASSOCIAÇÃO CULTURAL VILA FLORES

GESTÃO DE PROJETO: ANTONIA WALLIG

PRODUÇÃO EXECUTIVA: ROBERTA DIAS

ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA: CAROLINA RIBEIRO

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO: SOFIA PERSEU

COMUNICAÇÃO: MAIARA DALLAGNOL

GESTÃO ADMINISTRATIVA: LUANA BARROS DA SILVA

SERVIÇOS GERAIS: JONATAS NUNES FERREIRA, OCÉLIA PINHEIRO E PAULO ROBERTO WAGNER SCHULLER

COBERTURA FOTOGRÁFICA: CAROLINE JACOBI E RICARDO ARA

A ASSOCIAÇÃO CULTURAL VILA FLORES É COMPOSTA DOS SEGUINTES MEMBROS EM SUA DIRETORIA:

PRESIDENTE: ANTONIA WALLIG

VICE PRESIDENTE: JOÃO FELIPE WALLIG

DIRETORA FINANCEIRA: SAMANTHA FUCHS WALLIG

PRESIDENTE DO CONSELHO CONSULTIVO: JOÃO WALLIG NETO

MEMBROS DO CONSELHO CONSULTIVO: ALINE CALLEGARO DE PAULA BUENO, CAROLINA ROTHFUCHS RIBEIRO, MÁRCIA MACHADO BRAGA, MARCIO RODRIGUES DE FREITAS MACHADO, PABLO SCHUCH CHAVES

Este livro é a materialização de um sonho que está apenas no início: um sonho de e para um território, uma transformação sonhada por muitas das pessoas que habitam, trabalham e transitam por este lugar.

O projeto deste livro foi organizado como forma de agradecer a todas as pessoas e instituições que fazem esse sonho cada dia mais possível, a partir de suas práticas cotidianas e colaboração para o bem comum, melhoria da qualidade de vida na região e maior equidade social. Pessoas e instituições que estão nessas páginas e que compartilharam generosamente suas reflexões e sentimentos desse processo de construção conjunta.

Agradecemos imensamente ao Goethe-Institut pela organização deste edital que oportunizou esse e tantos outros projetos acontecerem ao redor do mundo. Em especial, à equipe do Goethe-Institut Porto Alegre por todas as conexões preciosas feitas ao longo destes anos de colaboração.

Agradecemos também à Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, que emprega enormes esforços para viabilizar o acesso e a democratização da cultura através do fomento de projetos das mais diversas manifestações culturais, ao Consulado da Holanda no Brasil pelo olhar cuidadoso e inovador em relação às cooperações internacionais e ao Fundo Social Sicredi, por acreditar em nossas ações de forma contínua.

Ao longo do ano de 2021, foram apoios provenientes dessas duas instituições que permitiram que o programa De Vila a Vila alcançasse mais de 5.000 pessoas.

Agradecemos ainda a todas e todos que fazem parte do ecossistema criativo e colaborativo que é o Vila Flores: vileiras, vileiros, educadoras, educadores, artistas, gestoras e gestores, que criam pontes de afeto e de aprendizado através do compartilhamento de seus saberes e fazeres.

This book is the materialization of a dream that is just beginning: a dream of and for a territory, a transformation dreamed of by many of the people who inhabit, work and transit through this place.

The project of this book was organized as a way of thanking all the people and institutions that make this dream more possible every day, based on their daily practices and on the collaboration for the common good, on the improvement of the region's living standards and on greater social equity. The people and the institutions that are in these pages and that generously shared their thoughts and feelings about this process of joint construction.

We are immensely grateful to the Goethe-Institut for the organization of this public notice, which provided the opportunity for this and so many other projects to take place around the world. In particular, to the Goethe-Institut Porto Alegre team for all the precious connections made during these years of collaboration.

We also thank Rio Grande do Sul's Department of Culture, which makes enormous efforts to facilitate the access and the democratization of culture through the promotion of projects engaged with the most diverse cultural manifestations, to the Dutch Consulate in Brazil for its careful and innovative approach to international cooperation and to the Sicredi Social Fund, for continuously believing in our actions

Throughout 2021, support from these two institutions allowed the De Vila a Vila program to reach more than 5,000 people.

We also thank each and every one who is part of the creative and collaborative ecosystem that is Vila Flores: vileiros, educators, artists, managers, who create bridges of affection and learning through the sharing of their knowledge and actions.